



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CLA – CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

PATRÍCIA PINHO SALGUEIRO

NOSSO COLEGA, WILL:
UM DIÁLOGO ENTRE O TEATRO ELIZABETANO E A ATUALIDADE BRASILEIRA
A PARTIR DO TEXTO *RICARDO III*, DE SHAKESPEARE.

Rio de Janeiro
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CLA – CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS

PATRÍCIA PINHO SALGUEIRO

NOSSO COLEGA, WILL:
UM DIÁLOGO ENTRE O TEATRO ELIZABETANO E A ATUALIDADE BRASILEIRA
A PARTIR DO TEXTO *RICARDO III*, DE SHAKESPEARE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – PPGEAC, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Artes Cênicas.

Discente: Patrícia Pinho Salgueiro.

Orientadora: Profa. Dra. Angela de Castro Reis.

Rio de Janeiro
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Letras e Artes - CLA
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas - PPGEAC -
Mestrado Profissional

**NOSSO COLEGA, WILL: UM DIÁLOGO ENTRE O TEATRO
ELIZABETANO E A ATUALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DO
TEXTO RICARDO III, DE SHAKESPEARE.**

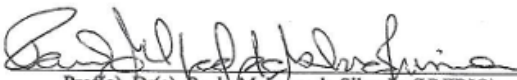
POR

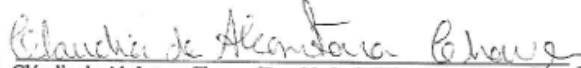
Patricia Pinho Salgueiro

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

BANCA EXAMINADORA


Prof(a). Dr(a). Angela de Castro Reis (orientadora)


Prof(a). Dr(a). Paulo Meigaço da Silva Jr. (UNIRIO)


Prof(a). Dr(a). Cláudia de Alcântara Chaves (Faculdade de Educação e Tecnologia do Espírito Santo)

A Banca considerou a Dissertação: APROVADA COM LOUVOR

Rio de Janeiro, RJ, em 12 de dezembro de 2024

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

, SALGUEIRO, Patricia Pinho
NOSSO COLEGA, WILL: UM DIÁLOGO ENTRE O TEATRO
ELIZABETANO E A ATUALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DO TEXTO
RICARDO III, DE SHAKESPEARE. / SALGUEIRO, Patricia Pinho .
-- Rio de Janeiro : UNIRIO, 2024.
103

Orientador: Prof. Dra Angela de Castro Reis..
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ensino de
Artes Cênicas, 2024.

1. Shakespeare. 2. Ricardo III. 3. Democratização da
cultura. I. de Castro Reis., Prof. Dra Angela, orient. II.
Título.

RESUMO

O objeto deste estudo é a peça Ricardo III de William Shakespeare, a partir do qual busco criar uma ponte entre os conteúdos propostos pelo bardo e um possível diálogo com a realidade brasileira. Tendo como base a experiência de estudo com o Studio A, de Amir Haddad, o primeiro passo da pesquisa foi criar uma adaptação para facilitar a compreensão do texto, seguido de uma sinopse comentada de toda a peça, caminho que teve como resultado uma aula espetáculo intitulada “As Rainhas Depostas”. Esta narra a história do ponto de vista das personagens femininas (quatro rainhas) e personagens secundárias, consideradas a voz da classe trabalhadora.

Palavras-chave: ensino do teatro; Shakespeare; Ricardo III; Amir Haddad; democratização da cultura.

ABSTRACT

The object of this study is the play Richard III by William Shakespeare, from which I seek to create a bridge between the contents proposed by the bard and a possible dialogue with Brazilian reality. Based on the study experience with Studio A, by Amir Haddad, the first step of the research was to create an adaptation to facilitate understanding of the text, followed by a commented synopsis of the entire piece, a path that resulted in a spectacular class entitled “The Deposed Queens”. This tells the story from the point of view of the female characters (four queens) and secondary characters, considering the voice of the working class.

Keywords: theater teaching; Shakespeare; Richard III; Amir Haddad; democratization of culture.

SUMÁRIO

| | |
|---|--------|
| INTRODUÇÃO..... | p. 5 |
| CAPÍTULO 1 – A EXPERIÊNCIA NO <i>STUDIO A</i> , COM AMIR HADDAD, TRANSFORMADA EM METODOLOGIA DE PESQUISA | p. 13 |
| CAPÍTULO 2 - UM MAPA PARA NOSSO COLEGA WILL: COMO COMPREENDER UM TEXTO CLÁSSICO OU UMA PONTE PARA RICARDO III | p. 19 |
| 2.1 - Contexto histórico da peça | p. 19 |
| 2.2 - Personagens da peça | p. 22 |
| 2.3 - <i>Ricardo III</i> para quem nunca ouviu falar da peça: sinopse comentada | p. 24 |
| CAPÍTULO 3 - AULA ESPETÁCULO..... | p. 79 |
| REFLEXÕES FINAIS..... | p. 94 |
| REFERÊNCIAS..... | p. 96 |
| APÊNDICE 1: Escaleta de cenas | p. 98 |
| APÊNDICE 2: Nomes usados na adaptação do texto..... | p. 101 |

INTRODUÇÃO

Conheci o Teatro em 1985, aos 12 anos de idade, por meio do TAB – Teatro Amador Bennett -, fundado por Lucia Coelho¹ no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro. O grupo, do qual participei por 5 anos (de 1985 a 1990), foi o responsável pela minha formação básica nas artes cênicas. A experiência no Teatro Amador nos educa de forma mais ampla para o processo de montagem de uma peça teatral: produção de cenários, figurinos, divulgação e produção. Cheguei a ser Monitora da prof. Ana Luísa Lima² no TAB, o que talvez explique o fato de eu seguir como atriz, professora, diretora, dramaturga, produtora teatral - e agora uma pesquisadora dessa arte. Encontrei, muito jovem, um ambiente favorável e muito rico ao meu desenvolvimento profissional: um grupo estável com sede própria.³

Ingressei na CAL – Casa das Artes de Laranjeiras – em 1991 para tentar iniciar meus estudos “profissionais”. Na época, para ingressar no curso profissional era necessário ao menos estar cursando o Ensino Médio e ser aprovada depois de uma seleção rigorosa. Cheguei ao fim do processo tão cansada com a competição que havia entre alguns alunos, que, mesmo aprovada, não segui meus estudos ali. E me desinteressei por teatro. Fui resgatada por um outro grupo de Teatro, o *Pessoal do Tom*⁴, que em 1992 montava *Rio Capital Delírio*, com direção de Roney Villela. E nunca mais abandonei a arte teatral, à qual em dedico há 38 anos. Me formei pela UNIRIO em 1998, como Bacharel em Artes Cênicas, na habilitação Interpretação; em 2002 fiz a formação adicional em Licenciatura Plena de Artes pela Universidade Bennett. Sou atriz profissional atuante no mercado de teatro, televisão e cinema brasileiros. Recebi o Prêmio APTR de melhor atriz em papel coadjuvante de 2011 com a peça

¹ Lucia Coelho (1935 - 2014) foi atriz e fundadora do TAB – Teatro Amador Bennet, registrado oficialmente no Sated. Fundadora da revolucionária escola NAU – Núcleo de Arte da Urca. Fundadora do grupo de Teatro infantil *Navegando* com Andrea Dantas, Candido Damm, Daniel Dantas, entre outros. Foi Diretora do Centro Cultural da Universidade Gama Filho. Idealizadora junto com Zezé Polessa de *A mulher que matou os peixes*. Segundo o Jornal O Globo de 24/10/2014 “Referência no teatro da infância, Lúcia criou obras premiadas e formou atores consagrados”. <https://oglobo.globo.com/cultura/teatro/morre-diretora-de-teatro-lucia-coelho-aos-79-anos-14347023>

² Ana Luisa Lima (1964) é professora, produtora e gestora cultural. Professora efetiva no curso de Produção Cultural do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRJ). Foi Secretária de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro, de abril a dezembro de 2010. <https://oglobo.globo.com/cultura/conheca-nova-secretaria-de-cultura-do-rio-3033221#:~:text=A%20ideia%20%C3%A9%20dar%20continuidade,faz%2046%20anos%20segunda%2Dfeira>.

³ Constatei que minha formação foi bem-sucedida quando assumi a direção geral da montagem do espetáculo musical Do outro lado com supervisão de Amir Haddad. Me senti segura para administrar uma equipe na sua absoluta maioria formada por homens: cenotécnicos, maquinistas, operador de cortina, operadores de som, luz e vídeo, em um teatro de 492 lugares e um palco de 180m². Foi então que me dei conta de que eu sabia fazer Teatro.

⁴ Grupo de Teatro fundado por Roberto Bontempo e Roney Villela em 1986 com a montagem do infantil: *Quem matou o leão* no Teatro de Arena RJ.

As meninas, com direção de Amir Haddad e a partir deste momento me tornei sua aluna na Escola Carioca do Espetáculo Brasileiro⁵. Tive ao longo da minha jornada a oportunidade de atuar e interagir com grandes nomes do teatro brasileiro, como Bibi Ferreira, Milton Gonçalves, Nicette Bruno, Rogéria, Camilla Amado, Pedro Paulo Rangel, assim como com grandes figuras atuantes hoje, como Anselmo Vasconcellos, Diogo Vilela, Marisa Orth, Renato Carrera, Camilo Pellegrini, Karine Telles - que também foram e são meus mestres.

Minha família não é de artistas, sou um “peixe fora d’água”. Conheci meu avô materno após as sequelas do AVC que sofreu por sua profissão como gráfico, na qual tinha contato direto com chumbo, o que quase derrubou o militante baiano que foi preso em 1936 e expulso do exército por ser considerado comunista. Meu avô paterno ficou desempregado após o decreto de Getúlio Vargas que proibia o jogo em território nacional. Sendo assim, as mulheres de minha família “tomaram o poder”, ao menos na condução da casa. Uma avó sustentou a família como feirante e a outra através dos ganhos como empregada doméstica. O passado familiar suburbano, os preconceitos e a violência deixam resquícios sobre a saúde mental de minha mãe, que foi diagnosticada como esquizofrênica em 1973, ano em que nasci. Desse modo, a política, a saúde mental e a classe trabalhadora são fundamentos da minha visão de mundo.

O Teatro me salvou. Me deu um sentido de existência, um ganha-pão e uma funcionalidade social. Era o local onde eu escapava da minha dura realidade familiar e acabou se tornando a minha profissão. Foi graças a ele que sustentei, criei e eduquei meu filho, hoje com 30 anos.

Em 2011, eu estava na região serrana carioca no momento que ocorreu uma das maiores tragédias ambientais⁶ naturais do Rio de Janeiro, em Friburgo. Uma tragédia. Enfrentei uma situação limite, na qual uma atriz não teria nenhuma função nem serventia. Me deparei com a inutilidade da Arte. E foi esta mesma situação que me mostrou o que o teatro amador desenvolveu no meu ser: uma enorme capacidade de empatia, além de visão crítica do mundo e impulso para agir rapidamente para colaborar na “atmosfera” do ambiente. O teatro me ensinou a ser amorosa e a ter empatia pela humanidade, pela natureza e acreditar na cura, na vida e na beleza das coisas e das relações humanas. A ser criativa nos momentos complexos e

⁵ Não sei precisar a data de fundação da Escola mantida pelo Instituto Tá na Rua – participei das oficinas chamadas de Studio A – a partir de 2016. Amir Haddad e o grupo mantêm abertas oficinas para atores desde a fundação do grupo em 1980.

⁶ Uma chuva seguida de tromba d’água que por 24 horas isolou parte da estrada que liga Friburgo a Teresópolis. O acontecido teve repercussão nacional, uma calamidade com centenas de mortos, desaparecidos levados pelas águas de rios, enxurradas e pessoas soterradas. Essa experiência foi registrada anos depois no Programa Que História é essa Porchat? Programa Temporada 3 – episódio 3. Exibido inicialmente pelo canal GNT em 3 de novembro de 2021 link: <https://globoplay.globo.com/v/10005898/>

a buscar alternativas coletivas e prazerosas de convivência. Acredito que o teatro é educacional, educativo na sua essência. No próprio fazer teatral é possível exercer de modo crítico a cidadania, o diálogo, a criação coletiva, o bem comum, a troca horizontal como base de pesquisa da humanidade e distribuição de afetos nos centros urbanos, por meio da ocupação das praças, pela Arte Pública.

Voltar à Universidade depois de 25 anos me oferta a incrível possibilidade de analisar minha trajetória profissional, minhas escolhas e caminhos e me entender como uma artista-docente-pesquisadora. Provavelmente por ter meu início de carreira no Teatro Amador, sempre busquei participar de grupos, coletivos nos quais a produção é colaborativa e ser atriz é ser atuante na criação.

Atualmente, para uma artista trabalhar em produções televisivas e cinematográficas, é preciso abrir uma empresa, emitir nota fiscal, produzir seus próprios espetáculos, sendo a formação de um artista hoje muito mais complexa que atuar, interpretar. Agradeço ao TAB minha sobrevivência no mercado de trabalho.

Como professora sempre busquei ouvir as pessoas, bem como estimulá-las a serem criativas e a buscar um olhar crítico acerca da sociedade. Pretendo apoiar a formação do cidadão. O ator é um porta-voz, um microcosmo da humanidade que pode agir para solidificar o sistema político opressivo ou utilizar sua voz e expressividade para combatê-lo. Assim foi nos Cursos Livres de Iniciação Teatral que organizei a partir de 1994 na antiga Casa de Talentos de Manduca Quadros em Botafogo, bem como em minha breve passagem como professora da Rede Municipal, quando entendi o poder da coletividade da arte teatral e a importância dessa expressão artística em comunidades cariocas. Naquele momento, no ano de 2007, entendi que havia uma enorme passarela que separava o Brasil da Zona Sul, onde eu morava, e a comunidade situada no limite do município em Campo Grande, onde trabalhava.

Em alguns momentos optei por trabalhar com atores profissionais buscando aprimoramento de suas técnicas e instrumentos; muitos voltavam-se para testes profissionais, em busca de entrar no mercado de trabalho. Como diretora teatral, pude perceber a importância da experiência no teatro amador, onde não existe hierarquia entre atores e equipe técnica. Montei e operei luz e som. Particpei da construção de figurinos e cenários. Vi a importância de construir, realizar mutirões, de agregar pessoas, famílias e profissionais do ramo. Entendi a relevância do coletivo para a realização de tarefas sociais e do poder de transformação que essa experiência proporciona, e dos afetos transformadores que se desenvolvem.

Sempre fui apaixonada pela obra de William Shakespeare. Quem sabe, resultado de uma vida passada? Afinal, Amir Haddad tem um capítulo no livro *Tá na Rua: teatro sem*

arquitetura, dramaturgia sem literatura e ator sem papel, nomeado “O Circo Etéreo” pela vidente Tia Neiva em seu Vale do Amanhecer, referindo-se à ponte que os artistas materializam entre os campos espiritual/ideológico e o material/ criativo. Como dizia Zé Celso Martinez Correa: “Seria o Teatro Elizabetano a Macumba dos ingleses?” Me instiga esse pensamento, que norteou a carreira e a compreensão do Teatro Oficina sobre a nossa função (palavra que, no início de minha carreira, nomeava uma sessão teatral).

Meu primeiro contato com o bardo foi através de filmes. *Romeu e Julieta* (1968), do diretor italiano Zeffirelli, me comoveu e causou um enorme impacto. Pude imaginar ativamente a vida daqueles jovens na Idade Média, a necessidade de transgredir as convenções da sociedade através do amor e a impossibilidade de um destino feliz para os jovens amantes devido à guerra promovida por seus familiares. Tive a oportunidade de conhecer e “to play” (ou brincar) com um palco elizabetano montado temporariamente nos jardins da UNIRIO, no período em que fui aluna (de 1993 a 1998) – o que estimulou alguns estudos sobre a obra de Shakespeare, como o excelente *Romeu e Julieta* dirigido pela prof. Elza de Andrade, na brasileiríssima e nordestina adaptação de Ariano Suassuna, do grupo Os Dilettantes e o estudo de *Medida por medida*, que me levou à casa da Prof. Barbara Heliodora e onde tive uma inesquecível aula particular sobre o tema. Sobre essa experiência, darei detalhes em um capítulo adiante.

Mas destaco dois momentos fundamentais para revelar a importância da obra do bardo para mim e a necessidade de focar minha pesquisa a partir de sua obra. O primeiro, a participação no Studio A⁷, de Amir Haddad (e apelidado por ele mesmo de anti-Amir Haddad). Trata-se de uma oficina de “desiniciação teatral”, um grande grupo de estudos de textos teatrais clássicos de autores como Shakespeare, Molière, Brecht e Wilson Sayão. Costumo dizer que minha alfabetização teatral foi aqui. Foi quando eu aprendi que a cena proposta pelo bardo já estava toda escrita no texto. Não havia rubricas, mas a relação espacial das personagens e as ações estavam todas descritas nos diálogos. Um clássico era um texto que sempre teria algo a acrescentar. Minha experiência com Amir valeria um capítulo à parte; com ele aprendi o lugar de marginalidade do Bobo da Corte – a indignidade perdida do artista.

⁷ Reuniões no andar térreo da Casa, às quartas – dia distinto dos ensaios do grupo *Tá na rua*, que é são tradicionalmente às terças e quintas à noite. Às segundas o espaço é voltado para as reuniões da Arte Pública.

Outra experiência memorável foi a de ser colega e dividir o camarim com Camilla Amado⁸ na montagem de *Como você gosta*⁹, que contou com Pedro Paulo Rangel¹⁰ no papel do Bobo da Corte. Minha amizade com Camila foi profunda e durou até o fim de sua vida em 2021. Sua orientação na minha vida profissional e pessoal foi muito grande. Uma grande incentivadora dos talentos e criatividade! Uma capacidade de humanidade fora do comum. Uma artista cidadã. Aprendi que a inteligência de um ator é fundamental na construção de um espetáculo teatral. Sinto hoje a necessidade de registrar essas experiências, saberes e trocas para que a história de nossa profissão, de nossa Arte não se perca. Há uma escola informal entre atores e eu acredito ser interessante contar um pouco como se dá essa troca. Com Amir conheci a visão Dionisíaca de Shakespeare, e com Camila a visão de Apolo, ambas as quais, segundo Nietzsche, oferecem uma dicotomia nas artes:

A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico (*Bildner*), a apolínea, e a arte não figurada (*unbildlichen*) da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum “arte” lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da “vontade” helênica, apareceram emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática. (NIETZSCHE, Friedrich 1992, p. 27)

Quero pensar a formação de um artista cidadão hoje no Brasil a partir de *Ricardo III*, de Shakespeare. porque acredito que a peça é um tratado sobre a tirania, o autoritarismo e o abuso de poder. O Brasil passa por um momento político delicado onde a falta de diálogo ameaça os direitos individuais conquistados com a democracia e onde a vida de alguns cidadãos vale menos do que daqueles que ocupam o poder. Ricardo é um torto, um rejeitado que desafia os limites da ética e rompe com tudo aquilo que impede que ele realize seus desejos, mesmo os mais cruéis. Como definido pelo prof. Dr José Garcez Ghirardi¹¹, “*Ricardo III* é a tragédia de um tirano sanguinário, assassino. A tragédia de alguém que não pode realizar-se a partir de

⁸ Camila Amado (1938- 2021) foi atriz, professora de interpretação e diretora de teatro. Fez um grande sucesso com *As Desgraças de uma criança* com Marco Nanini, *Hamlet* e *A Dama das Camélias*.

⁹ *Como Você gosta* direção de Vinicius Coimbra estreou no Teatro das Artes RJ em 2015 e seguiu turnê no Teatro Natalia Thimberg no Shopping Frei Caneca em SP.

¹⁰ Pedro Paulo Rangel (1948- 2022) foi ator e tradutor. Estreou em *Roda viva* dirigido por Zé Celso, participou da montagem de *Aurora da minha vida* de Naum Alves de Souza e trabalhou em novelas de televisão e no programa de humor *TV Pirata*.

¹¹ GHIRARDI, José Garcez. Professor Associado e tempo integral da FGV Direito SP (Graduação, Mestrado e Doutorado). Mestre e Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (1995 e 1998). Autor de “O Mundo Fora de Prumo: Transformação Social e Teoria Política em Shakespeare” (Almedina, 2011). Em seu curso on line “Shakespeare: o essencial em sete peças” está disponível na plataforma Casa do Saber em <https://ondemand.casadosaber.com.br/curso/281/shakespeare-o-essencial-em-sete-pecas>

parâmetros que acha profundamente legítimos.” Acredito que o teatro tem a capacidade de gerar empatia aos atores envolvidos no estudo do texto e aos espectadores do espetáculo— seja na montagem de cenas inteiras, na improvisação criada a partir de cenas, performances e até mesmo para além dele, com produção de outros textos e pensamentos.

Seria importante, no momento atual brasileiro, ver representados no palco símbolos antigos de opressão, ainda hoje em vigor: preconceitos, feminicídio, assassinatos de inocentes justificados por um fanatismo religioso medieval. Hoje temos palestras gratuitas sobre a já descartada teoria da Terra Plana, entre outras aberrações espalhadas em *fake news* através das redes sociais, que ao criar bolhas onde apenas pessoas concordantes nos interesses faz com que a dimensão humana se limite às informações que circulam – sem base de pensamento crítico e sem fontes confiáveis. Como fazer com que o público hoje reflita sobre esses absurdos?

Em 1597, Shakespeare critica o autoritarismo e o poder absoluto dos monarcas, utilizando um recurso criativo e transgressor: para falar abertamente de seu tempo, volta ao passado, utilizando-se de uma personagem histórica de 1483, reconhecida como um governante autoritário e de extrema crueldade¹². Assim ele critica o poder sem criar um desafio com o governante que o patrocina; afinal, sua trupe teatral era conhecida como *Os Homens do Rei* e patrocinada pelo próprio. O autor luta contra o sistema de dentro dele, usando as mesmas armas. Ricardo III era membro de antiga Dinastia inimiga que antecedeu ao Clã dos Tudor (que ocupavam o poder na época); assim ele agradaria ao Rei enaltecendo seus antepassados por meio da personagem Richmond, o grande herói libertador da nação, baseado no que virá a ser o Rei Henrique VII; e ao mesmo tempo revelaria para a plateia do seu tempo como age um vilão. Ao criticar a religião católica (a peça se passa antes da Reforma Protestante que torna a religião Anglicana como oficial na Inglaterra), também coloca em evidência como os discursos de ódio e o fanatismo religioso são instrumentos de abuso de poder.

Volto ao passado de Shakespeare na busca por um diálogo entre a atualidade brasileira e o teatro elizabetano. Nesse trabalho, coloco especial atenção nas pequenas personagens que margeiam a trama criada por Shakespeare: as mulheres, as rainhas depostas, a classe trabalhadora, tendo também como foco a insanidade mental que se evidencia nas atitudes do déspota Ricardo. Afinal, como o bardo afirma em *Hamlet*: a função do Teatro é revelar as verdades de seu tempo (Ato II, Cena II).

¹² O caso que dá origem à peça, dois príncipes desaparecidos na Torre de Londres, é um dos maiores casos de terror da história política inglesa. Fonte: https://www.nationalgeographic.pt/historia/os-principes-que-desapareceram-na-torre-londres_2666 . A peça Ricardo III foi escrita em 1597.

Ouvi dizer que certos criminosos, assistindo a uma peça,
Foram tão tocados pelas sugestões das cenas,
Que imediatamente confessaram seus crimes;
(...)
O negócio é a peça, que eu usarei
para explodir a consciência do Rei
(SHAKESPEARE, 1999, p. 60)

Mais que revelar o vilão, acredito que “nossa macumba”, quando bem realizada, seja capaz de dialogar internamente com os nossos vilões interiores. Eu quero matar o *Ricardo III* que há em mim. E estimular a que a plateia aja assim, para que o Brasil encontre a cura definitiva desses males e que todas as pessoas possam viver com justiça, amorosidade e aproveitar a vida além da guerra e da violência. A escolha para discussão e reflexão do texto de Shakespeare, se deu por uma necessidade de pensar e repensar a ascensão da extrema direita autoritária e os abusos de poder e os males que este processo causa na população.

Assim, no capítulo 1, discorro sobre minha experiência no Studio A, e como ela inspirou a metodologia utilizada nesta pesquisa, com a qual pretendo contribuir para que textos de teatro “clássico” ganhem a cena. Ler é compreender o texto, despertar para os conteúdos ali propostos, dialogar com seu tempo e mostrar a personagem para o público. Durante a pandemia, Alexandre Contini e eu criamos um grupo de estudos *online* chamado “Possibilidades Cênicas”, de onde nasceu a necessidade de organizar esse aprofundamento. Talvez para alguns eu fale “o óbvio ululante”, mas resgatar algumas ferramentas do passado pode ser interessante para compreender os tempos atuais, principalmente para aqueles que pretendem se aprofundar no fenômeno teatral. Segundo Amir,

É muito importante entender o discurso do autor. Saber o assunto da peça que ele escreveu. É importante também saber o assunto da peça que ele escreveu. É importante também saber sobre a sociedade e a época que produziram aquele autor e aquele discurso! (MENDES, GASPARANI, 2022, p. 89).

No capítulo 2, mostro como, a partir da certeza de que o bardo inglês é o nosso colega Will (como diria Antonio Pedro Borges)¹³, trabalhei sem pudor sobre sua obra. O ator pode e deve se apropriar das falas e, como diz o jargão popular, “colocá-las na sua boca”, criar a sua própria embocadura para o texto. Esse trabalho resulta em um rascunho feito durante 3 meses, no ano de 2021, durante a pandemia, dentro da oficina “Possibilidades cênicas”. Para adaptar o texto

¹³ BORGES, Antonio Pedro. (1940- 2023) Premiado ator, diretor, dramaturgo e produtor de teatro, cinema e televisão. Criador do CETE Centro Experimental Teatro Escola (1993-2002) Pesquisador sobre o teatro popular brasileiro.

de Shakespeare, estudei várias traduções do original¹⁴, chegando a um resultado que atendesse às necessidades da pesquisa: ao invés de focar em métrica ou rimas, pretendi manter o conteúdo poético, as imagens sugeridas no texto original¹⁵.

Neste mergulho no texto, o estudo dos contextos históricos em que se passa a peça (1452-1485) e em que ela foi escrita (1592-93), o estabelecimento de uma cartografia profunda dos personagens (em suas relações afetivas, sociais e políticas) e a construção de uma sinopse comentada (na qual minhas reflexões e ideias sobre o texto aparecem grafadas em itálico) foram fundamentais não apenas para a compreensão da peça de Shakespeare como em especial para poder relacioná-la com os dias atuais, no Brasil. Todas essas etapas são apresentadas no capítulo 2.

A partir da ideia de aproximação de Shakespeare com o público jovem, a pesquisa necessitou de uma etapa prática, em que eu pudesse trazer para a cena o que havia sido trabalhado na teoria, sendo indispensável criar uma aula-espetáculo em que o conteúdo pesquisado fosse exposto. Diante do tamanho da peça e da impossibilidade de apresentá-la na íntegra, fiz um recorte – estudo das quatro Rainhas Depostas – para analisar o papel feminino dentro da estrutura dramática da peça. São mulheres que não têm liberdade para interferir e gerir suas próprias vidas, ficando à mercê da guerra e sofrendo as perdas pessoais, além de perder filhos, cônjuges e seu papel como Rainhas. Por fim, como mulher latino-americana me interessei em traçar um paralelo com o papel da mulher hoje na sociedade brasileira. Assim, o capítulo 3 traz o link da gravação feita em dois de novembro de dois mil e vinte e quatro, pelo aplicativo Zoom e disponível no link fechado para público (<https://youtu.be/ReyRZhQS2gE>), com quarenta e seis minutos de duração.

Os apêndices trazem dois materiais produzidos durante a produção da aula-espetáculo (uma sinopse ainda mais enxuta, que me orientava na sequência das cenas da peça, e que nomeei como “escaleta”, bem como o nome dos personagens usados por mim na adaptação do texto), que são mais um testemunho dos caminhos percorridos nesta pesquisa.

¹⁴ Beatriz Viegas, L&PM Editores Pocket, 2014; Carlos Alberto Nunes, Editora Peixoto Neto, 2017; Barbara Heliadora, Nova Fronteira, 1993.

¹⁵ Quanto aos nomes ingleses, ainda não tive a coragem necessária para transformar o nome do Lord Buckingham em algo mais brasileiro. Sugiro que cada grupo renomeie as personagens de acordo com seu humor e preferência. Usei algumas vezes o nome *Cauã Reichmond* para nomear o nosso herói, fazendo um infame trocadilho com o nome de um galã de novelas bem popular, Cauã Reymond.

CAPÍTULO 1 – A EXPERIÊNCIA NO *STUDIO A*, COM AMIR HADDAD, TRANSFORMADA EM METODOLOGIA DE PESQUISA



Flyer da oficina STUDIO A.

A liberdade como método

A peça que o autor escreveu (e isso vale muito para os textos “clássicos” da dramaturgia mundial) é um coco! Cheio de uma água fresca, doce, deliciosa. Cheio de uma polpa saborosa, carnuda, nutritiva. Aí vem alguns diretores que acham que o coco precisa ser trabalhado e pegam esse coco fechado e enfeitam o coco, botam nele uma peruca linda, pintam uma boca com batom, põem cílios, e o coco fica lindo! Você fica ali um tempo contemplando aquele coco. Mas o melhor dele, que é a água fresca e doce e a polpa carnuda e nutritiva continua lá dentro, intocado. Eu gosto de abrir o coco e ter a possibilidade de dividir com as pessoas, sorver toda aquela água e depois raspar a polpa e aproveitar o coco inteirinho! (MENDES, GASPARANI, 2022, p. 87)

Ler teatro é uma prática que deve ser estimulada para todas as pessoas que buscam atuar. A leitura de um texto teatral é uma leitura coletiva e visual: precisamos ver a cena. Precisamos que ela aconteça com sua imensidão de situação e força para que os conteúdos atravessem o espectador. Eu me encanto com a ideia nutritiva que a metáfora de Amir evoca. O texto não é algo mental apenas, ele precisa alimentar o corpo do ator para manifestar o teatro. Na minha prática como docente em oficinas de interpretação e na minha própria experiência como atriz em elencos diversos, percebo que essa ferramenta de leitura poderia ser mais explorada e incentivada. Pesquisar um texto clássico, debruçar-se sobre ele, lê-lo e relê-lo pode ser muito interessante, inclusive para os jovens e ou pessoas com pouco hábito de leitura. Ler o mundo de modo coletivo é um barato! Vicia. Mas não tem efeitos colaterais.

Quase todos os grandes dramaturgos tiveram as suas companhias próprias: Shakespeare, Molière, Lorca, Brecht... O trabalho deles foi produzido a partir de uma interação com os atores, com a sociedade. Junto com a história. E todos eles escreveram para plateias absolutamente heterogêneas, o que universalizou suas peças. Os grandes clássicos foram feitos para toda a humanidade (MENDES, GASPARANI, 2022, p. 89).

Minha experiência mais marcante com o Studio A se deu com o estudo do texto *Pão e água*¹⁶ de Wilson Sayão. Estava lendo com um outro ator a cena que descreve com muita violência a vida de um casal muito pobre, que vive a “pão e água”. Essa oficina era realizada à noite no andar térreo da Casa do Tá na Rua e as portas da Casa ficavam abertas, podendo qualquer transeunte da Lapa entrar e participar. Um conhecido morador de rua que acompanhava o Grupo Tá na Rua já há algum tempo entrou no espaço e começou a criticar a “atuação” do ator. Ele dizia: “não é assim!”. Vamos chamá-lo de Zé. O Zé então, pegou a cena e começou a atuar comigo, gritando energicamente e se aproximando de mim de forma muito intensa, ameaçadora. Dois outros atores do grupo se aproximaram para garantir minha segurança. Eles foram percebidos por Zé, que fez um sinal de “tá tudo bem”. No final da cena, ele me perguntou: “Você achou que eu ia bater em você? Eu estava fazendo Teatro.” Essa experiência por si só já é arrebatadora para nossos preconceitos. A atmosfera, fé cênica e a verdade que ele instaurou revelaram o conhecimento profundo daquele universo. Mas o milagre que despertou a minha devoção ao Studio A foi que, na semana seguinte, talvez quinze dias depois, Zé reaparece de banho tomado, cabelo cortado e orgulhosamente exibindo o seu RG. Para ele, aquela noite foi decisiva para a recuperação de sua cidadania. Passei a compreender empiricamente o sentido de “dentro de ti, te mata e fora de ti, te salva”. Mas qual o passo a passo, qual o segredo, qual a fórmula usada para tal evento acontecer? Seria possível repetir essa possibilidade? Segundo Tathiane Mattos Batista,

As oficinas teatrais desenvolvidas por Amir Haddad no seu grupo Tá na Rua possuem mecanismos próprios. Sua elaboração se dá na prática, não possuem uma cartilha que possa nortear quem deseja aplicá-las. (2015, p. 3)¹⁷

Assim, por não existir um método Amir Haddad de “prática nem de leitura”, me sinto bem à vontade para descrever o processo que elaboro na construção das cenas e das

¹⁶ Uma Casa Brasileira, com certeza: Texto de Wilson Sayão que sintetiza em cinco quadros o universo da família brasileira, através de três casais: um casal da elite (“Caviar e Champanhe”), um de classe média (“Coca-Cola e Sanduíche”) e um casal pobre (“Pão e Água”) Prêmio Shell na montagem de Amir Haddad em 1982.

¹⁷ BATISTA, Tathiane Mattos. GRUPO TÁ NA RUA – DO CAOS AO MÉTODO. Dissertação submetida à Escola Superior de Teatro e Cinema. Amadora 2015

personagens, a partir da minha intuição. Acredito ser a intuição uma inteligência não racional que abre as portas do sensível, fundamental para a compreensão do fenômeno teatral. Guardo a primeira impressão do texto e começo a “abrir o texto” a partir das cenas, falas ou personagens que despertaram meu interesse. No caso das Rainhas Depostas, junto todas as falas das personagens em sequência. Procurei na boca de outras personagens o que é falado sobre elas e anotei. Desenho algumas relações sociais para entender as afinidades, aproximação e possíveis rivalidades. Entender o contexto social e histórico também é fundamental, além de pensar criticamente e avaliar as questões propostas em paralelo ao nosso cotidiano. Amir me ensinou não a ser obediente ao texto, mas sim, a desconstruí-lo.

*A Construção*¹⁸ foi o pontapé para o trabalho de desconstrução teatral que viria a ser a marca de trabalho de Amir Haddad. Ao desmontar o texto, a estrutura teatral, Amir desmonta a ideia do teatro tradicional, desmonta o ator. O ator é livre para opinar na cena, se locomover. O ator passa a ser um ser pensante, tão responsável pela encenação quanto o diretor. Essa era a liberdade que, desde então, Amir propõe aos seus atores. (BATISTA, Tathiane Mattos. 2015 Pag 11)

Quando conheci Amir e fui dirigida por ele, em AS MENINAS de Maitê Proença e Luis Carlos Góes em 2010, rapidamente compreendi a linguagem viva que ele propunha. Mas não sabia, não tinha a menor ideia de como repetir a cena com o mesmo frescor. Vanessa (Gerbelli) e eu tínhamos um jogo de cena, logo no início da peça, que era crucial para nós. Vanessa fazia uma alma que atravessava o corpo de uma criança, que era a personagem que eu desempenhava. A primeira vez que a cena “aconteceu” de improviso foi emocionante. Cheguei a me arrepiar. E desde então passamos as duas a compreender como se daria a repetição diária de tal momento. Amir dizia: “não adianta enrijecer, lembrar o passado, tentar fazer como foi ontem. Vocês precisam estar tão presentes, como se fosse a primeira vez.” Eu sentia quando o circo etéreo “baixava” como se fosse um botão, um interruptor de parede que tivesse sido acionado. Mas não posso e nem conseguiria descrever em palavras como repetir tal efeito. Era um jogo. A hora do pênalti. Mas ao invés de competir quem faria o gol, nosso prazer era na perfeita jogada. A cena nunca foi feita igual mas sempre causou o mesmo efeito na plateia. Nós vencemos. “A inquietação do diretor buscava um espetáculo vivo, para tanto, era necessário, atores igualmente vivos.” ((BATISTA, Tathiane Mattos p. 11)

Como descrever um espetáculo vivo? Novamente retorno às memórias dos ensaios de *As meninas*. Quando assistiu a primeira vez ao ensaio, o iluminador Paulo César Medeiros

¹⁸ Construção – Montagem de 1968 do texto de Altamar Pimentel no MAM (Museu Arte Moderna RJ) com o Grupo A Comunidade.

ficou muito emocionado, tocado com a sensibilidade da cena. Acontece que, quando passamos “tecnicamente” a peça nos ensaios de marcação de luz, ele nos alertou: “Essa peça, ou vocês fazem de verdade, ou fica muito ruim. Muito mesmo!” Como explicar isso? Eu adoro as metáforas futebolísticas de Amir porque nos fazem pensar que a cena é um jogo onde a cena não está ganha. Podemos vencer, perder e empatar. Mas nunca competir. Os aquecimentos dos afetos são fundamentais, quando os atores dançam antes do público chegar. A música, a dança são sempre expressões de sentimentos, nunca coreografias. O ator precisa brincar. Nosso verbo é *to play*. “... a noção de manifestação/ incorporação – o ator não incorpora a personagem, ele manifesta, apresenta a personagem”. ((BATISTA, Tathiane Mattos 2015 p. 22)

A personagem nunca é tratada na primeira pessoa, sempre na terceira. O EU não pertence à personagem. A Personagem é ELA. Esse distanciamento é necessário para a visão crítica e liberdade. Trabalhei uma vez em uma novela de televisão com uma atriz (que no contexto do Tá a Rua a gente chamaria de “esquizofrênica”) que se aproximava ou se afastava do elenco de atores conforme as relações da sua personagem naquela semana. Como é cansativo trabalhar assim! Amir me mostrou que essa relação é doentia. O ator não incorpora, ele manifesta. Ele bota pra fora. A atuação é como nas religiões africanas: fica “formosa” com o tempo, com a apropriação daqueles gestos e movimentos no espaço, com a compreensão da entidade que será manifestada. “É preciso mostrar a realidade de forma clara e crítica, para quem assista seja capaz de reconhecê-la e consiga compreender que a mesma é tangível à mudança”. (BATISTA, 2015 p. 22)

Assim, a partir de todo esse aprendizado, meu objetivo com a adaptação de *Ricardo III* e as Rainhas depostas é deixar claro que o mundo é passível de mudança – e com certeza, de melhora. Podemos, sim, através da consciência da cidadania, melhorar as condições de vida da nossa população.

O ator, ser humano, tem que se preparar para a tarefa de representar a si mesmo. Ele não representa o que sente, mas sente o que representa. Por isso, é preciso que todas as suas potencialidades de ser humano sejam desenvolvidas. Não podemos afinar o *instrumento ator* só em suas cordas vocais, porque ele vibra por inteiro.

Não podemos desenvolver só o seu físico, porque suas emoções não se separam de seu corpo, seu instrumento de expressão. Suas sensações, emoções, percepções, serão mais profundas, quanto mais ele for visto como pessoa inteira e viva, cujo crescimento como ator está definitivamente ligado ao seu crescimento pessoal. (BATISTA, 2015, p. 25)

Muitos ensaios de Amir são conversas que podem ser feitas em qualquer espaço. Não precisamos de um palco italiano para isso. Por isso acho interessante que essa proposta seja levada às escolas como apoio para professores e alunos e toda a comunidade escolar, como

construção coletiva de uma possibilidade de mundo. Onde cada um assume o papel dentro do coletivo que mais se sentir apto, desperto, animado, interessado.... Podendo até só assistir. Um dia, eu estava ao lado de Amir em uma oficina do Tá na Rua e havia uma moça sentada assistindo. Ele falou para ela: “vai menina, se joga!” E ela continuou ali, só assistindo. Ele sussurrou para mim: “Eu tenho pena dessa gente que assiste sentada a toda essa manifestação de alegria e vida e não se permite contagiar.” Para Amir, o Teatro precisa ser contagiante e aberto. Vi uma apresentação de Pedro Cardoso¹⁹ na Praça onde uma moradora de rua entrou na roda cênica e atuou junto com ele. Foi impressionante. Ela não estava ali aleatoriamente, ao contrário, ela participava com seu corpo manifestando ativamente as suas opiniões da narrativa contada por ele.

Entende-se que o ator ao se perceber enquanto ser humano amplia o seu nível de entendimento sobre a arte que pratica, logo, amplia suas habilidades de execução do fazer teatral. O empoderamento do trabalho coincide com a emancipação do seu indivíduo. O trabalho não ocorre em cima de formas pré-estabelecidas, ele se dá na construção de conteúdos que são vividos. Esses conteúdos ganham expressão e estão aptos a serem transformados, mudados. (BATISTA, 2015, p. 25)

Um ator não é um ser humano melhor, intocável; um monstro sagrado, aquele que vive no Olimpo. Ele é um cidadão autônomo, que tem liberdade total em cena.

Os atores do *Tá Na Rua* trocam de roupa toda hora e por qualquer motivo. A nossa ideia é estimular a subjetividade do ator, sempre massacrada pelas outras subjetividades (direção, adereços, figurinos, música, etc.) e raramente ouvidas por elas. Nossos atores são seus próprios figurinistas.

(...) Os nossos atores escolhem, de um universo variado e inacabado, o que lhes é proposto: as cores, formas e texturas que mais apelam aos sentidos, de acordo com o tema que estamos desenvolvendo.

(...) Procuramos despertar nos atores uma profunda consciência a respeito da sua tridimensionalidade e colocação no espaço. (BATISTA, 2015, p. 38)

“Ser é não ser”: a partir da fala de Hamlet, protagonista de uma das mais famosas tragédias de Shakespeare, para quem “ser ou não ser” é a questão, o ator pode ser a personagem exatamente porque não é a personagem. Atuar não é terapia, nem desabafo. Pensar sobre Ricardo III é importante para que eu reconheça os mecanismos usados para a manipulação, pela busca do poder e tirania (e de um modo oposto ao de um coach na atualidade, que visa a prosperidade, o autocontrole e a individualidade egoísta). Muito menos é o lucro capitalista que move a atuação, ao menos em teoria. É a compreensão da diversidade de pensamentos, necessidades, culturas, sentimentos e emoções que fazem com que as personagens apareçam a

¹⁹ Pedro Cardoso apresentou seu monólogo O RECÉM NASCIDO, no II Festival Amir Haddad em 2024, no Palco Rua, em frente aos Arcos da Lapa.

partir do corpo do ator, independente de sexo, raça, cor, religião, origem social ou qualquer outra “caixinha” que tente nos classificar enquanto humanidade. O ator (e não uso aqui a palavra atriz por que me incluo no ser ator, masculino, atuante no mundo – somos todos andróginos) pode e deve escolher qual o seu papel na peça (e por extensão, na vida) independente de *physic du rôle*, de sua aparência. Nos ensaios de Amir, aprendi que estudamos o texto como um todo. Não existe um elenco fixo e assim trocamos de personagens, já que o estudo pressupõe a total liberdade. Precisamos criar um ambiente de respeito e confiança para que as questões de todos sejam expostas. Teatro não é para repetir o papel, mas para apoiar na construção de um ser que pensa e fala o mundo, através do afeto.

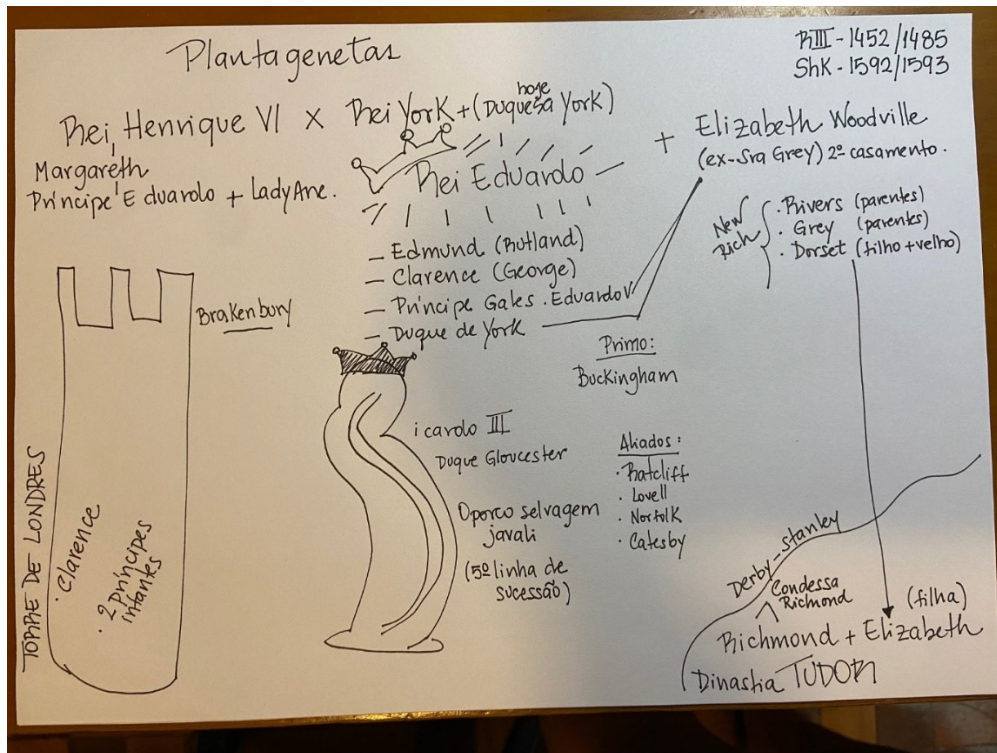
É esta liberação dos afetos que torna possível o trabalho de formação de atores mais conscientes de suas habilidades criativas/sociais. O ator aprende a se relacionar com o outro, com o espaço, com seu entorno, expande a sua órbita ao se expressar. E neste ponto, o exercício teatral da linguagem do *Tá Na Rua* se difere dos preceitos de Stanislavski, pois a expressão das emoções dos seus atores são externalizadas ao máximo na troca com o outro e não internalizadas por psicologias internas individuais. E sublinhe-se que o teatro de Stanislavski é centrado no texto dramático e nos papéis que este determina – mesmo que em interação com a psique do ator – coisa que não acontece agora com Haddad. (BATISTA, 2015, p. 46)

Durante os ensaios, as avaliações gerais depois de cada apresentação são fundamentais para a construção dessa linguagem única e afetuosa. Todas as pessoas são convidadas a pensar e falar, pois o exercício do diálogo é fundamental. Eu tive uma experiência na Educação Fundamental quando professora da Escola Cora Coralina em Campo Grande, de em 2003 que achei muito interessante e com certeza surgiu a partir da necessidade daquele grupo. Nós não tínhamos local apropriado para as aulas e o abrir e fechar cadeiras fazia muito barulho e atrapalhava as outras aulas. Fomos acolhidos na Biblioteca e percebi que havia ali alguns exemplares de *O Pagador de Promessa*, de Dias Gomes. Criei um grupo de Leitura Dramatizada com um grupo de oitava série, atual 9º ano, cuja idade era em média 15, 16 anos. Fiquei realmente impressionada como aquele texto escrito na década de sessenta se mantinha atual para discutir, entre outras coisas, a intolerância religiosa.

A prática desta linguagem teatral parte da premissa que o saber é um bem que deve ser compartilhado, todos estão aptos a dividir saberes e não há a posição de um detentor de um saber maior. (BATISTA, 2015, p. 54)

Todo conhecimento humano é para ser compartilhado, sendo assim acredito que Shakespeare é um direito de todas as pessoas. Dedico esse meu trabalho e pesquisa à certeza “todo artista têm de ir aonde o povo está”. Está na hora de nosso colega Will conhecer o Brasil e toda a sua periferia.

CAPÍTULO 2 - UM MAPA PARA NOSSO COLEGA WILL: COMO COMPREENDER UM TEXTO CLÁSSICO ou UMA PONTE PARA RICARDO III



Cartografia das principais personagens – três genealogias: Lancaster, York e Woodville.

2.1 - Contexto histórico da peça

Um breve resumo da peça revela o que pode acontecer: Ricardo III, Duque de Gloucester, é o 5º na linha sucessória ao trono da Inglaterra. A Dinastia Plantageneta está em guerra há 30 anos, com os York contra os Lancaster. O Rei Eduardo IV vence a Guerra das Rosas, dizimando os herdeiros da linhagem Lancaster, quando uma era de paz se anuncia. Porém Ricardo, “que não foi construído para os jogos amorosos”, abre a cena, se autointitula um vilão e divide com a plateia o seu real pensamento e interesse em semear a discórdia e destruir seus opositores para alcançar seus objetivos de ocupar o poder. Ele cria intrigas e tramas cada vez mais perigosas e cruéis até conseguir seu objetivo de se tornar Rei. Finalmente esse déspota é traído e em seguida abandonado: “Meu Reino por um cavalo”. Valeu a pena?²⁰

²⁰ O corpo de Ricardo III foi finalmente encontrado em 2012 em uma escavação arqueológica; testes científicos da Universidade de Leicester comprovaram se tratar do corpo do antigo monarca.

Teatro é tudo aquilo que não está no texto, mas você só chega pelo texto (MENDES, GASPARANI, 2022, p. 91).

Shakespeare é um homem de seu tempo. Para ler a sua obra, é fundamental entender o momento histórico no qual o autor está inserido. Acredita-se que Shakespeare escreveu *Ricardo III* em 1592/93; a personagem histórica, porém, nasceu em 1452 e morreu em 1485. Segundo José Renato Ferraz da Silveira, em *A tragédia da política em Ricardo III* (2012), o Renascimento é um movimento muito amplo, uma transição para algo novo que ainda não havia se consolidado. Havia um diálogo entre a história, mitologia, ciência e razão.

Imaginemos uma Europa efervescente com as ideias de Giordano Bruno (nascido em 1548 na Itália e queimado na fogueira pela Inquisição em 1600), Galileu Galilei (1564 - 1642) revolucionando o modo de pensar o mundo através do sistema solar, Michelangelo (1475 - 1564), Leonardo da Vinci (1452 - 1519), Maquiavel (1464 – 1527). No século XVII acontecem as grandes navegações, a ascensão da burguesia, uma brutal desigualdade social, a redescoberta de textos clássicos gregos que pretendem reorganizar o espaço social²¹, o surgimento de uma sociedade urbana, o surgimento do sistema bancário. Na Inglaterra, em particular, acontece um enorme intercâmbio cultural, uma revolução protestante, guerras de religião, uma mulher no poder (a Rainha Elizabeth I no comando da nação), o surgimento do individualismo e do naturalismo e “a confiança resoluta nas capacidades do homem e em sua bondade essencial” (SILVEIRA, 2012, p. 38). Esta é a Idade do Humanismo, na nação em que livros passam a ser impressos com regularidade: “A vida dos homens passa a ser fruto de suas ações e de suas escolhas, e não dos desígnios da justiça divina” (SILVEIRA, 2012, p. 40).

Ricardo III conta o fim da Dinastia dos Plantageneta e a ascensão da Dinastia dos Tudors. O Humanismo se propagou por toda a Inglaterra e o teatro foi fundamental como instrumento para a reforma na educação. A língua inglesa ainda em formação foi declamada em versos e difundida através das histórias, narrativas e feitos heroicos:

²¹ "É num contexto de complexas influências que se forma, pois, a concepção renascentista do homem. De um lado, a tradição cristã-medieval ainda poderosamente presente e dando ao humanismo renascentista a fisionomia de um humanismo cristão. De outro, o ideal de humanidade inspirado nos autores antigos, e que tentava conciliar, com maior ou menor êxito, com a tradição cristã. Finalmente, a nova sensibilidade surgida no bojo de profundas transformações nas estruturas materiais e simbólicas do mundo europeu ocidental desenharam uma nova paisagem social, política e religiosa" (SILVEIRA, 2012, p. 39).

Os humanistas passaram da crítica dos textos antigos à assimilação dos valores sociais daquela época. Em um próximo passo, usariam esse poder de crítica a fim de analisar as próprias condições em que viviam. A atividade crítica constituiu-se em uma das características mais marcantes do movimento humanista” (SILVEIRA, 2012, p. 43).

O príncipe, de Maquiavel, obra escrita em 1513, critica o Absolutismo Político e é base teórica de diversos estudos sobre a obra de Shakespeare. Em *Ricardo III*, o recurso utilizado para questionar o absolutismo monárquico da Rainha Elizabeth é narrar a Guerra das Rosas, o início da dinastia da família real, os Tudor, desviando o foco da história para o inimigo e criando assim um perfeito e indiscutível vilão. Alguns autores veem o texto como propagandista do poder vigente.

2.2 - Personagens da peça

- 1) RICARDO III – Duque de Gloucester. Dinastia dos Plantageneta e pertence à Casa de York. Irmão do Rei Eduardo IV, de Edmundo (Rutland), Clarence (George) e tio dos Príncipes de Gales e Duque de York. Quinto na linha de sucessão ao trono da Inglaterra. Apelidado como Javali: porco selvagem.
- 2) BUCKINGHAM – Primo e aliado de Ricardo. Pretende com essa ascensão se beneficiar e reaver antigas propriedades da família.
- 3) RATCLIFF - aliado de Ricardo.
- 4) LOVELL - aliado de Ricardo.
- 5) SURREY – aliado de Ricardo
- 6) NORFOLK - aliado de Ricardo.
- 7) CATESBY – aliado de Ricardo. Promovido por ele.
- 8) CLARENCE – Irmão de Eduardo e Ricardo. Também chamado de George. Casado com a filha de Conde Warwick – jurou lutar com o sogro, porém o traiu em favor do irmão Eduardo.
- 9) ELIZABETH – Rainha, casada com Eduardo. Mãe dos Príncipes de Gales, Duque de York, Dorset (de seu primeiro casamento). É mãe também de Elizabeth – que se casará com Henrique Tudor e reinará na Inglaterra. Seus parentes, são novos ricos que compraram títulos de nobreza. Seu sobrenome de solteira é Woodville. É vista com muito desdém por sua cultura (abre espartilhos e se comporta de forma a condenável pela nobreza - representada pela Duquesa de York), por ser viúva (seu ventre não é visto como imaculado). Acusada de ser uma mulher que governa o marido, interferindo no Estado. Ricardo a considera uma bruxa capaz de amaldiçoar a ele com o poder do pensamento – por se atrever a discordar de tal absurdo, Sir Hastings – o conselheiro real – é preso e sua pena é mortal.
- 10) PRINCIPE DE GALES – Filho de Elizabeth. Infante herdeiro do Trono
- 11) PRINCIPE DE YORK – Infante. Segundo na Linha sucessória.
- 12) DORSET – filho de Elizabeth do casamento anterior. Comprou o Título de Marquês.
- 13) RIVERS - Antony Woodville. Primo da Rainha. Burguês com título fresco de nobre. Incrimina Hastings, o Camareiro Mor que é preso no início da peça e logo vemos ser solto da Torre de Londres. Suspeita de ser amante da Rainha.
- 14) HASTINGS – Conde Chamberlain, o Camareiro Mor. Conselheiro Real preso (no início da peça) tem desavenças com a família da Rainha.
- 15) HASTINGS – Mensageiro de mesmo nome
- 16) LORDE GREY – novo rico, família da Rainha.
- 17) VAUGHAN - novo rico, família da Rainha.
- 18) EDUARDO IV – Rei doente, fraco e melancólico. Tenta fazer com que os grupos polarizados politicamente de seu reino se aliem e busca promover a paz. É visto como amante de mulheres “de baixa classe” e seus herdeiros são impedidos de ascender ao trono por um acordo de casamento (não cumprido) promovido pelo Conde Warwick e uma princesa francesa.
- 19) DUQUESA DE YORK – mãe de Eduardo, Clarence e Ricardo. Avó dos Príncipes reais. Rejeita Ricardo desde o nascimento. Seu ventre “secou” desde que ele nasceu.
- 20) MENINO - filho de Clarence, órfão que chora a perda do pai
- 21) MENINA - filha de Clarence – órfã que chora a perda do pai

- 22) LADY ANA – Filha do Conde Warwick (Militar importante na Guerra das Rosas), viúva do Príncipe Eduardo (último Lancaster com direitos sobre os York). Acaba Rainha de Ricardo.
- 23) TRESSEL – Guardas de Ana
- 24) BERKELEY – Guardas de Ana
- 25) HENRIQUE VI – Antigo Rei da Inglaterra, casado com Margareth, pai de Eduardo e sogro de Lady Ana. Assassinado na Torre de Londres por Ricardo. Seu funeral é acompanhado por Lady Ana. O último Lancaster. Gentil, conciliatório e virtuoso.
- 26) PRÍNCIPE EDUARDO – Morto na Batalha de Tewkesbury por Eduardo IV, Clarence e Ricardo.
- 27) MARGARETH – Rainha deposta, vive na sobra do poder. Cruel. Furou os olhos do Rei York, pai de Ricardo; e ofereceu um lenço com o sangue de Rutland, irmão mais novo de Ricardo, para ele. Testemunha contra Ricardo do assassinato de seu marido.
- 28) STANLEY, Conde Derby – Casado com a Condessa Richmond, mãe do Conde Richmond – futuro Henrique Tudor.
- 29) RICHMOND – Batalha contra Ricardo e o vence.
- 30) OXFORD – Cavaleiro leal a Richmond
- 31) HERBERT – Luta ao lado de Richmond
- 32) BLUNT – Luta ao lado de Richmond
- 33) BRAKENBURY – Trabalha na Torre de Londres, Tenente.
- 34) JAMES TYRREL – Assassino dos Príncipes
- 35) ESCRIVÃO – Questiona a condenação de Hastings
- 36) ARCEBISPO CANTUÁRIA – Apoia Elizabeth.
- 37) PREFEITO DA CIDADE – Aliado de Ricardo
- 38) PRIMEIRO ASSASSINO – Experiente. Mata Clarence no cárcere
- 39) SEGUNDO ASSASSINO – Tem crise de consciência e foge.
- 40) GUARDA DE CLARENCE – Ouve seu presságio de morte
- 41) PRIMEIRO CIDADÃO – Comenta sobre a morte do Rei
- 42) SEGUNDO CIDADÃO - Comenta sobre a morte do Rei
- 43) TERCEIRO CIDADÃO - Comenta sobre a morte do Rei
- 44) MENSAGEIRO – Anuncia a prisão dos familiares da Rainha
- 45) CARDEAL BOURCHIER – Aliado de Ricardo
- 46) MENSAGEIRO DE LORDE STANLEY
- 47) BISPO DE ELY – Aliado de Ricardo, Conselheiro Real.
- 48) MENSAGEIRO – Possui notícias da guerra
- 49) SEGUNDO MENSAGEIRO - Possui notícias da guerra
- 50) TERCEIRO MENSAGEIRO - Possui notícias da guerra
- 51) QUARTO MENSAGEIRO - Possui notícias da guerra
- 52) SIR CHRISTOPHER URSWICK – Aliado de Conde Derby
- 53) XERIFE – Executa a prisão de Buckingham.

2.3 - *Ricardo III* para quem nunca ouviu falar da peça: sinopse comentada

A Máscara Do Mal

Em minha parede há uma escultura de madeira japonesa
Máscara de um demônio mau, coberta de esmalte dourado.
Compreensivo observo
As veias dilatadas da frente, indicando
Como é cansativo ser mal.

Bertolt Brecht²²

Ricardo III é sem dúvida uma das personagens mais marcantes e desafiadoras para quem atua. Personagem complexa e cruel criada em 1592/1593, até hoje faz sentido e dialoga com o mundo, sendo a peça montada incontáveis vezes, em diversos lugares do mundo. Ricardo III desperta interesse de alguns dos maiores atores e artistas dos mais diferentes lugares. Por que essa personagem nos instiga tanto?

Segundo o Prof. Dr José Garcez Ghirardi²³,

Ao longo de toda peça ele vai fazer a afirmação prática de uma postura filosófica que terá repercussão muito importante para a modernidade: a ideia de que certa moralidade é hegemônica porque favorece à grupos específicos. A noção de que nós temos códigos ditos éticos que aparentando serem neutros e universais favorecem leituras de mundos específicos. Exatamente aquelas leituras que consideram Ricardo um deformado, e porque um deformado, alguém que não merece espaço no coletivo. Ricardo despreza essa moralidade como hipocrisia e abraça com todas as forças o caráter de vilão. Ele quer ser um canalha positivamente porque implícito no seu discurso diz que a estrutura social é que é a vilã, é que é canalha. E tudo que se faz nos discursos edulcorados do amor e da política nada mais é do que uma capa para iludir os incautos sobre a realidade do poder e das formas de ter sempre e sempre mais.

Seguindo esse raciocínio, há nesse vilão algo que nos interessa. Algo que desperta em nós a vontade de transgredir, que dialoga com nossas questões com o poder:

Shakespeare expressou de forma inigualável sua visão sobre a capacidade humana de enfrentar as forças do destino em situações extremas. O impasse é parte constitutiva da tragédia. Superar a adversidade é um ponto principal da ação trágica. O traço característico da ação trágica é a dificuldade da superação do obstáculo. Ora impossibilitada por outros homens, ora pelas forças da *Fortuna* que se contrapõem à *virtu* do sujeito político (SILVEIRA, José Renato Ferraz, 2012, p 151).

²² in file:///C:/Users/User/Downloads/4909-Texto%20do%20Artigo-15509-1-10-20080708.pdf pag 155. Breve antologia de Bertold Brecht – Haroldo de Campos. (1982 – Editora Elo)

²³ Em sua aula Shakespeare: o essencial em sete peças. Disponível no aplicativo CASA DO SABER. Aula 6: Ricardo III

Nesta pesquisa, pretendo ter como foco as por mim nomeadas “Personagens periféricas ao poder”: mulheres e classe trabalhadora, personagens “menores” muitas vezes desconsideradas nas grandes montagens.

Como atriz (além de docente e pesquisadora), busco comentar a peça a partir deste ponto de vista: compreendendo as personagens ali descritas, o que elas revelam sobre a humanidade e como expressar com o corpo tal alma. Um instrumento aprendido nas oficinas do Studio A é a busca de conteúdo, onde o objeto de pesquisa do ator é a sua personagem. “Dentro de ti, te mata. Fora de ti, te salva”. Não se fundindo a ela esquizofrenicamente, mas botando para fora os sentimentos pedidos a partir de um distanciamento crítico e uma opinião política sobre o tema de uma atuação “(des)envolvida” que apresenta uma realidade, ao invés de a representar.

As conversas sobre os conteúdos e a busca de signos cênicos (espaço e relação) são a base para a construção da cena (apenas marcações que podem engessar a espontaneidade da movimentação dos atores); sugestões e direcionamentos são bem vindos, mas quem decide sempre é quem atua, nós atores.

Farei uma sinopse compreendendo que a ambientação histórica e circunstâncias que a obra foi escrita nos trazem muitas informações sobre a narração. Esse conteúdo pode e deve ser debatido quando aparece no texto; a cada ato lido, pode-se optar por uma aula inicial onde estas questões são apresentadas mais profundamente. Farei isso para deixar as questões mais fáceis de serem compreendidas, já que tudo é muito complexo, mas aconselho que essa pesquisa seja estimulada em camadas de percepção. O tempo é fundamental para a compreensão e absorção. A repetição de alguns conteúdos também é instrumento de aprendizagem: sem a neurose de que toda a informação deve ser apreendida de uma vez só, assumindo a educação baseada na oralidade que revela camadas de conhecimento dependendo do interesse despertado e da curiosidade de quem atua, já que lemos o mundo a partir de nossas experiências e da troca delas.

Lembrando o mestre Amir Haddad: “Cada frase da peça contém a peça inteira. Não precisa ensaiar o texto na sequência. Eu posso ir reconstruindo o esqueleto do dinossauro a partir da falangeta. Não precisa ser a partir do crânio! Cada parte contém o todo” (MENDES, GASPARANI, 2022, p. 89).

ATO 1

CENA 1

O inverno de nosso descontentamento foi convertido em verão pelo Rei, o sol de York (...).

Ricardo III, chamado de Duque de Gloucester até ocupar o trono, anuncia para a plateia o fim da Guerra das Rosas, que durou 30 anos. Essa guerra se dá entre duas famílias, York e Lancaster, de uma mesma dinastia: os Plantagenetas. O personagem narra o fim desta dinastia vencida pela atual dinastia Tudor, que ocupava o poder e que também financiava as peças do bardo. Sendo assim, precisamos levar em conta que o narrador tem uma opinião e favorece o grupo que ocupa o poder no momento. Ao mesmo tempo, este é um potente recurso para burlar qualquer censura prévia: retira o fato do tempo e do espaço para poder se expressar e levá-lo à cena. As batalhas sangrentas terminaram. Agora, os guerreiros podem ter diversões musicais, participar de jogos amorosos. Estão todos gozando a vida. Exceto Gloucester, devido à sua incapacidade de se relacionar, do seu medo de ser rejeitado. Seu caráter é o de um transgressor²⁴. Podemos perceber isso pela inovação cênica que ele propõe: a personagem fala diretamente em solilóquios com a plateia, revelando seus desejos e pensamentos profundos.

Eu, que sou de uma aparência rude, e sou aquele a quem falta a grandeza do amor para me pavonear diante de uma beldade dissimulada e viciosa (...). Já que não posso e não sei agir como amante, (...) estou decidido a agir como um vilão.²⁵

Gloucester decide agir (ao contrário de Hamlet, outro personagem muito famoso de Shakespeare), criar intrigas e tramas perigosas para lançar um irmão - Clarence - contra o outro - o Rei Eduardo IV - através de uma profecia, de um oráculo que afirmou que os herdeiros de Eduardo IV seriam mortos por uma pessoa cuja inicial do nome seria “G”. *Oráculos são constantes no universo do bardo inglês e revelam uma ancestralidade ligada a natureza e às forças ocultas, enigmáticas onde o destino e o livre arbítrio se cruzam.*

²⁴ Pretendo usar como referência o estudo do TRAUMA CENTER de Boston com veteranos de Guerra do Vietnam para dialogar com a incapacidade de Gloucester, nosso vilão Ricardo III, de seguir a vida e viver em Paz. A Guerra causa danos irreversíveis ao cérebro, assim como abusos psicológicos, sexuais e qualquer tipo de segregação sexual ou racial. Por isso, esses crimes devem ser evitados em uma sociedade que busca adiar o fim do mundo.

²⁵ Todas as citações do texto *Ricardo III* referem-se ao texto adaptado por mim a partir do estudo de 3 traduções, e que assino como “adaptadora”. Durante a pandemia, fiquei 3 meses trabalhando no texto, que ainda não considero finalizado. As traduções utilizadas foram de Barbara Heliadora, Carlos Alberto Nunes e Beatriz Viégas.

Entra em cena, acompanhado de 2 guardas, Clarence, o irmão preso injustamente.

Isso é o que acontece quando homens são dominados pelas mulheres. Não é o Rei quem te manda para a Torre, mas a senhora Grey, sua esposa. Clarence é ela quem o leva a tão extremo ponto. Não foi ela e aquele seu irmão, Antony de Woodville, homem que conquistou fama tão repentina; que fizeram mandar Hastings para a Torre, de onde sairá hoje mesmo? Não estamos a salvo!

Ricardo faz *fofoca*²⁶ e, visando o poder, aponta a Rainha e seus parentes como culpados de conspiração. Nessa pequena fala, podemos ver como a Rainha é desrespeitada por ele: usa o antigo nome de Elizabeth, revelando o preconceito com que julga essa mulher, a seus olhos uma Rainha divorciada e oriunda de uma classe social inferior.

Historicamente situada na Baixa Idade Média, quando há a crise do feudalismo e o início de uma revolução comercial com os “descobrimientos marítimos”²⁷, a burguesia ascende socialmente, comprando títulos de nobreza e assim abalando as estruturas de poder.

Levando em conta o nosso olhar afro-ameríndio latino americano, fazemos parte dessa história como “explorados” - que sustentam essa nobreza saída nossa terra Brasil e da exploração das nossas riquezas naturais. Outro debate que permeia essa cena é o debate religioso. A Igreja Católica não permite o divórcio, tornando bastardos os frutos desse casamento real. Podemos também pensar em como os privilégios seculares são mantidos através do julgamento, marginalização e rejeição de pessoas – assim como a meritocracia segrega oportunidades até hoje no nosso Brasil. Quantos conteúdos, significados e riquezas podemos encontrar numa fala tão pequena! Mas para isso, é preciso aprender a ler! Esse é meu objetivo, fazer essa ponte para que os conteúdos saltem aos nossos olhos. E assim, despertar os interesses dos atores. Um ponto que dificulta muito a compreensão do texto na atualidade são os nomes: Grey, Gloucester, Antony de Woodville, Hastings.... Proponho usar outros nomes, apelidos. Assim como Ricardo III é rebatizado quando sobe ao trono, podemos rebatizá-los. Pretendo renomear locais e nomes de personagens para a adaptação final.

²⁶ Vitor Pordeus (como eu, somos da escola formada pelo encontro de Amir Haddad e Camila Amado), usa muito o termo fofoca para designar ferramenta de pessoas que competem e destroem patologicamente os grupos nos quais estão inseridos, ao invés de colaborar (o que é instrumento de saúde mental e crescimento social). https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=001E2EF2A31BEF987B0E3F97C2E1BDEE.buscatextual_0 LER <https://vitorpordeus.medium.com/coloniza%C3%A7%C3%A3o-mental-brasileira-e90637f756ca>

²⁷ Ler: SOSA, Derocina Alves Campos. *Os ensinamentos de História e os conceitos: encaminhando discussões sobre alteridade e identidade étnicas na sala de aula*. A autora é Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Clarence não viverá para ver o dia de amanhã (...) Que Deus tome o Rei Eduardo em sua misericórdia, e deixe a mim o mundo para eu agitar. Daí eu caso com a filha mais nova de Warwick. Que importa se eu matei seu marido e o seu sogro; É isso o que eu pretendo fazer, não por amor, mas por um outro objetivo meu muito secreto, que alcançarei me casando com ela.

O Conselheiro Mor Hastings nos comunica sobre a frágil saúde do Rei. O poder está abalado. Quando Hastings sai de cena, Gloucester novamente divide seu pensamento com o público. Quer seu irmão morto e pretende se casar com a viúva e nora dos homens que assassinou brutalmente em campo de batalha.

É muito interessante buscar referências para o nosso debate e entendimento, além destas serem uma excelente ferramenta também para aulas de História das Artes. Utilizo sempre o trabalho de grandes atores no teatro e imortalizados no cinema, nesse caso, busco assistir a outros atores que interpretaram a mesma personagem, Ricardo III: Sir Laurence Olivier em Ricardo III (1955), com direção de Laurence Olivier; Sir Ian McKellen (membro da Royal Shakespeare Company) em Ricardo III (1995), com direção de Richard Locraine; Al Pacino em Looking for Richard (1996), documentário dirigido por Al Pacino; Kevin Spacey em Now, in the wings on a world stage (2014), dirigido por Jeremy Whelehan. Aqui no Brasil, cito ainda os trabalhos de Anselmo Vasconcellos em Ricardo III (2004), com direção de Antonio Pedro, Gustavo Gasparani em Ricardo III (2014), com direção de Sergio Modena, Alexandre Gomes²⁸ em Ricardo III, um homem do seu tempo (2021), com direção de Wellington Fagner e supervisão de Julio Adrião e que publicou o livro de mesmo nome²⁹, além de Rubens Bomfim em Ricardo III (2024), com direção de Daniel Avilla.

²⁸ @ricardoperifericu é o perfil do instagram que Alexandre Gomes utiliza para divulgar e promover a peça. Interessante o uso da rede social para a divulgação e popularização de sua pesquisa.

²⁹ GOMES, Alexandre de Oliveira. Editora Giostrri 2023. <https://www.martinsfontespaulista.com.br/ricardo-iii--um-homem-do-seu-tempo-1076810/p>

ATO I

CENA 2

Lady Ana - Pousem, pousem o digno fardo, se é que a dignidade pode ser amortalhada em um caixão, enquanto estou em funesta cerimônia, lamento a queda prematura dos virtuosos Lancaster.

No cortejo fúnebre de Henrique VI, apenas dois sentinelas acompanham a filha de Warwick, a viúva Lady Ana, em suas lamentações por seu sogro. Ela chora enquanto amaldiçoa o culpado pelo duplo assassinato. Ricardo interrompe o cortejo violentamente, fazendo uma proposta de casamento.

Ricardo é um transgressor. Ele interrompe o rito religioso, demonstrando sua intolerância, falta de empatia e respeito pelo luto alheio. Representa o poder gerado pela violência, pelo temor, pela crueldade. Oposto a ele, está o Rei piedoso que ali está sendo pranteado: um soberano querido, amado, respeitado pela sua dignidade, e que exercia uma outra forma de poder. Simbolicamente a cena representa a morte de um poder antigo e pacífico e a instalação de um novo ciclo de autoritarismo e violência, sendo esta de outro tipo: a violência psicológica entre um sedutor que pretende algo e uma vítima das circunstâncias e aparentemente sem opção.

Lady Ana - Xô, fora, tu assombroso embaixador do inferno! Tens poder apenas sobre o corpo mortal dele; não sobre a alma; portanto vai andando, fora!

Um fenômeno sobrenatural se revela: as feridas do Rei morto voltam a sangrar. A crença antiga (não católica, portanto blasfema) acredita que o corpo volta a sangrar na presença de seu assassino. O homem tem poder sobre o corpo de outro homem, mas nunca terá pela sua alma, quando impõe o temor.

Para o budismo, a dignidade da humanidade está em uma alma que não se afeta pelas causas externas. Que não se desespera, que não cria ressentimentos, que não se magoa, nem reage impulsivamente – que usa seu poder para o bem comum. Para a harmonia, crescimento da cidade e dos seus habitantes.

A cidade é para quem vive nela e não para quem vive dela. AH³⁰

³⁰ Frases que Amir Haddad repete como síntese

Amir Haddad tem muitas epifanias... frases que ele repete e são repetidas em coro por seus discípulos, como uma oração que nos congrega. A frase acima é uma das principais ao se referir à Arte Pública. E a visão de que a cidade, o espaço público nos pertence, a nós artistas. É essa liberdade que precisa ser mantida. Nossa cultura e nossas riquezas naturais: praias, parques, nossa natureza e cidadania. Todo o seu Teatro é político. Sem ser panfletário. "Passa na praça, que o Tá na rua te abraça". Teatro é a construção de afetos.

Nessa cena, Ricardo demonstra seu afeto enquanto seduz a jovem, usa muitos subterfúgios românticos e religiosos, faz ameaças e até mesmo chora. Lady Ana se apieda pela cena, pelo teatro que Ricardo apresentou, que a comove. Então Ricardo confessa para a plateia o tamanho da sua crueldade e capacidade de manipulação, mostrando que é capaz de passar por cima de qualquer pessoa para alcançar seu objetivo de estar no poder.

O que vem a seguir é uma aula, um tratado sobre a arte de manipulação e crueldade. Excelente cena para pensarmos os afetos numa sociedade machista, que vê a mulher ainda como a possibilidade de alcançar algum poder em contraponto com o amor romântico, a sedução e a persistência para vencer e convencer. O personagem inicia seu discurso tendo como base o discurso religioso que cria a dicotomia bem X mal, na qual o perdão deve prevalecer e nenhuma reação é tolerada, além da resignação.

Ricardo - Lady Ana, a lei da caridade manda retribuir todo o mal com o bem e as maldições com bençãos.

Lady Ana – Canalha, não conhece nem a lei de Deus nem a lei dos homens. Não há fera alguma, por mais selvagem que não conheça um mínimo de piedade.

Ricardo – Mas eu desconheço, por sorte, que não sou nenhuma fera.

Lady Ana – Ah que maravilha, quando os diabos falam verdades.

Ricardo – Melhor ainda quando os anjos se enfurecem dessa sorte.

Seu discurso é um deboche: sob a manta do dogma religioso, vemos o prazer em manipular o outro.

Porém não é um jogo maroto, popular, de um "malandrinho" arteiro e que nos gera simpatia, como um Pedro Malazartes³¹. Tampouco a sedução física de Don Juan de Molière, motivada pelo excessivo desejo sexual e nenhuma responsabilidade afetiva. Não! Ricardo vai além: é um sociopata social, com uma enorme rejeição, com um passado violento. Um veterano de guerra cheio de traumas, com pouca (ou nenhuma) conexão sensorial e empatia, além de

³¹ Segundo Câmara Cascudo, "Pedro Malasartes é figura tradicional nos contos populares da Península Ibérica, como exemplo de burlão invencível, astucioso, cínico, inesgotável de expedientes e de enganos, sem escrúpulos e sem remorsos." [1] A menção mais antiga do personagem é na cantiga 1132 do Cancioneiro da Vaticana, datado do século XIII e XIV.

uma mente criativa, porém excessivamente doente. Uma carga mental tão grande pode gerar muita ansiedade, mania de perseguição e um narcisismo grandes.

RICARDO – Não matei teu marido

LADY ANA – Então ele está vivo.

RICARDO – Não. Está morto, assassinado pelas mãos de Eduardo.

LADY ANA – O mundo nunca ouviu mentira maior. A Rainha Margareth viu o teu punhal assassino fumegando do sangue dele, o mesmo que empunhou contra o peito dela mas seus irmãos conseguiram desviar o alvo.

RICARDO – Fui provocado pela língua injuriosa da Rainha que lançava a culpa sobre meus ombros. Culpa que era deles.

LADY ANA – Foi provocado pelo teu espírito perverso, que não sonha com outra coisa além de carnificinas. Não matou este Rei,

RICARDO – Eu te garanto que sim.

LADY ANA – Ele me garante, o javali, o porco selvagem! Que Deus me garanta também que você possa ser amaldiçoado por seu ato infame. Oh, como ele era amável, gentil, meigo, conciliatório, virtuoso.

RICARDO – Melhor para os céus, que o tem agora.

O que Ricardo fala não tem valor algum. Como dialogar com uma pessoa com essas características? Para se defender, ele nega. Manipula a situação, deturpa a realidade. E nos revela que o Poder conciliatório e amável combina mais com os céus do que com a terra. Ou seja: ele não é real. É apenas uma idealização. O mundo real e o poder necessitam de um caráter com outro perfil. Para ele, um Rei bondoso e apaziguador não serve para governar.

A mesma dificuldade que muita gente tem em entender que a Terra é um organismo vivo, eu tenho em entender que o capitalismo é um ente com o qual podemos tratar. Ele não é um ente, mas um fenômeno que afeta a vida e o estado mental de pessoas no planeta inteiro – não vejo como dialogar com isso. (KRENAK, 2020, p. 69)

Em seguida, Ricardo faz uma pergunta que tem o efeito de um xeque-mate: “Deixemos de lado este encontro afiado de nossos ágeis raciocínios (...) não seria o mandante tão culpado quanto o executor?” .

Essa fala muda imediatamente o tom da conversa. Se Lady Ana responder que o mandante é culpado, ela acusa o Rei de assassino e imagina que seu fim não será distante. Lady Ana não tem como dizer o que pensa. Ela é reprimida pelo temor, pelo poder da violência. Neutralizada a adversária, Ricardo lança mais uma artimanha inescrupulosa: culpa Lady Ana pelos assassinatos, já que a beleza dela o teria seduzido em sonhos, pedindo que cometesse tal ato. É uma acusação informal de bruxaria, cuja pena para as mulheres é a fogueira.

Ricardo chega às lágrimas em um discurso de amor frustrado:

RICARDO - A tua beleza é o reino que eu desejo, o meu orgulhoso coração suplica, e força a minha língua a falar.” (...) Se teu coração vingativo não consegue perdoar, olha aqui: te entrego esta espada de ponta afiada, para que a enterres neste peito leal, e deixa partir a alma que te adora. Deixo nu meu peito mortal e de joelhos, humilde, te imploro a morte. Não vacile, porque eu matei o Rei Henrique, mas foi tua formosura que me levou a tanto. Vá, depressa, fui eu que apunhalei o jovem Eduardo, mas foi teu rosto celestial que a isso me forçou. Levanta a espada ou levante a mim.

O jogo de sedução se torna cada vez mais perigoso.

LADY ANA – Queria poder ver dentro do teu coração.

RICARDO – Ele está refletido na minha língua.

LADY ANA – Temo que ambos, coração e língua sejam falsos.

RICARDO – Então nunca nenhum homem foi verdadeiro.

Confusa, Lady Ana aceita a aliança, acreditando no arrependimento de Ricardo. Outro dogma religioso: o arrependimento é um passo para o perdão divino. Mas na hora da despedida, Lady Ana impõe seu limite: “É mais do que você merece. Mas, já que você me ensina a te agradecer, imagine que já me despedi”.

Se a cena se encerrasse aqui, já seria o suficiente para perguntar: o que leva Lady Ana a aceitar tal situação? Para mim, esta é uma das cenas mais instigantes desse texto. Porque Lady Ana aceita o anel (de compromisso)? A cena fala da condição da mulher naquela época: sua única função social aceita seria a maternidade, gerar herdeiros. Aquelas que não pudessem gerar filhos legítimos (virgens imaculadas) e cujas famílias tivessem bens para isso poderiam viver em conventos, de resto sobraria apenas a vida fora dos castelos: nas tabernas ou como prostitutas.

Porém a “cereja do bolo” surge agora, onde o Teatro “ganha” do reality show que tanto desperta interesse no Brasil hoje: sozinho em cena, Ricardo nos revela seus reais pensamentos e intenções. O que vemos é um espetáculo de arrogância.

RICARDO - Um meu ducado contra um mísero vintém, tenho todo esse tempo medido mal a minha pessoa. Pela minha alma! Ela pensa – embora eu não – que sou um homem honesto e maravilhoso! (...) Brilha Sol luminoso até eu comprar um espelho para que minha sombra possa ver quando eu passo.

Esta é uma cena muito interessante para conversar sobre relacionamentos amorosos, jogos de sedução e interesse, ingenuidade, na qual podemos aproveitar outra maravilha que o teatro proporciona: não há uma resposta certa. Cada atriz pode interpretar sua Lady Ana com características diversas, podemos ter um panorama interessante da mulher brasileira hoje.

Além disso, a cena é ser um material de apoio interessante para pensar o homem, o patriarcado e as limitações impostas ao gênero feminino, que no meu entendimento não é uma questão de genitália. Sigo a linha de pensamento de Alejandro Jodorowski³², para quem a humanidade é andrógina, constituída de um lado solar, visível, ativo, centrífugo e o seu oposto lunar, oculto, receptivo e centrípeto, tal como traduzido popularmente por Pepeu Gomes na canção composta com Baby Consuelo: “Se Deus é menina e menino, sou masculino e feminino”.

³² Cineasta chileno autor de EL TOPO, SANTA SANGRE – filmes com enormes simbologias; a trilogia autobiográfica POESIA SEM FIM, A DANÇA DA REALIDADE E PSICOMAGIA. Tarólogo consultor na reformulação do Tarot de Marseille da família Camoin – detentora das tábuas originais do tarot francês e autor de O CAMINHO DO TAROT. Criador da técnica Psicomagia – cenas ritualísticas de cura.

ATO I

CENA 3

ELIZABETH - Perder um amo e um senhor deste quilate é tudo de ruim para mim.
(...)

ELIZABETH – Ele é muito jovem, e por ser menor de idade, fica sob a tutela de Ricardo de Gloucester, um homem que não gosta de mim, nem de vocês.

Assim como Ricardo, Elizabeth também é uma personagem histórica, que virá a ser avó da Elizabeth I, reinante na época em que o texto foi escrito. São duas mulheres transgressoras. A avó por ter se casado viúva e com filhos. Ou seja, seu “ventre real” não era virgem. De família burguesa, classe que ascende socialmente naquele momento com as grandes navegações marítimas e que acaba de comprar títulos de nobreza, é vista com preconceito e deboche por parte de Ricardo que a despreza quando a chama por Senhora Grey, sobrenome do antigo casamento, e não como Rainha. Já a Rainha Elizabeth I alcança a posição mais alta da hierarquia e do poder mesmo sendo mulher, e mais raro ainda, sem ter se casado ou tido filhos. Outro personagem é o Conde Derby, ou Stanley, casado com a Condessa de Richmond, pais do futuro Henrique VII.

Voltando à história, o Rei Eduardo IV padece de uma doença sem explicação. É uma doença de ânimo. Elizabeth demonstra preocupação com o futuro de seu filho: o Príncipe de Gales, herdeiro do trono, é menor de idade e no caso de ser coroado Rei, terá Gloucester como tutor. O país está polarizado. Há uma enorme rivalidade existente entre o antigo poder – representado pela família York e pela nova classe social que está surgindo, a burguesia. Estes são novos ricos: seus títulos de nobreza foram recém comprados e seus modos, costumes e cultura rompem com as regras sociais. Há uma tensão entre essa nova nobreza e a tradicional. O Rei convoca uma reunião para reconciliar a corte. Ricardo fala como uma vítima da situação. Chega já na defensiva, traumatizado, reativo:

RICARDO - Só porque não sei bajular, e porque minha aparência não é agradável, e porque não sorrio na frente de outros homens, não fico agradando ninguém, não iludo, não uso meias palavras, não me curvo com mesuras, nem curvo a espinha e não tenho gestos afetados como os franceses, devo ser taxado de inimigo rancoroso. Será que um homem não pode viver e pensar simplesmente, sem maldade, que logo a sua verdade passa a ser injuriada por um João ninguém dissimulado, venenoso, escorregadio?

Elizabeth responde diretamente a ele, revelando as dificuldades, preconceitos e rejeições a que é submetida:

ELIZABETH - Você tem inveja porque eu e meus amigos subimos na vida. Que Deus permita que nunca precise de você. (...) preferia ser uma camponesa ou um serviçal a ser uma Rainha em tais circunstâncias, maltratada, escarnekida e ultrajada. Bem pouca alegria eu sinto em ser a Rainha da Inglaterra.

Eis que surge a Rainha Margareth (viúva deposta de Henrique VI), que agora vive nas sombras. Ela apenas vocifera, pois sua última arma é falar as verdades que ninguém quer escutar e por isso é considerada louca, desprezada, bruxa velha e imunda. Com a morte do marido, o Rei, a antiga Rainha destronada perde todo o seu poder, sua glória e riquezas e é condenada ao ostracismo.

MARGARETH – Ouçam seus piratas brigões, que se indispõem uns com os outros em desavenças quanto a repartir aquilo que saquearam de mim, quem de vocês não estremece quando me olha? Por que se curvam como súditos se não por eu ser a Rainha?

Quando nos apiedamos dessa louca senhora, a história fica ainda mais instigante.

Ricardo descreve a crueldade de Margareth. Ela matou Rutland, irmão de Ricardo mais novo que ainda era apenas uma criança, embebeu um lenço com seu sangue e ofereceu ao Duque de York para secar as lágrimas. A sombra da Rainha má que vocifera se transforma no inimigo comum daquela corte. Sua única arma é sua língua afiada e feroz. Ela enfrenta Ricardo:

MARGARETH – Perturbador da paz deste triste mundo. Que o verme da consciência te roa a alma; que suspeite teus amigos de traição enquanto for vivo; e que tome por íntimo amigo os maiores traidores; que o sono jamais cerre esses teus olhos mortíferos a não ser para que algum sonho perturbador te amedronte com seu inferno de hediondos demônios. Você, seu aborto de porco, diabo desprezível, que foi marcado no nascimento como escravo da natureza e filho dos infernos, vergonha do ventre da tua mãe, odiado produto da pélvis de teu pai.

Margareth é ridicularizada por todos, inclusive por Elizabeth, que diz: “Melhor não discutir, está louca”. Então ela prevê o futuro da Rainha: “Afia a faca que vai te matar. O dia chegará que você vai desejar minha ajuda para amaldiçoar esse sapo corcunda e venenoso”. Para Lorde Dorset, filho do primeiro casamento da Rainha, ela explica a hierarquia social da época, que qualifica uns em detrimento de outros: “Seu título recente ainda não é moeda usada. Oh, se a vossa tenra nobreza pudesse fazer juízo do que é perdê-la e assim ser miserável! Aqueles que estão no alto cume são por muitos ventos sacudidos, e, se caírem, em pedaços se partem”. Em resposta, Ricardo define sua natureza e seus privilégios dessa forma: “Acontece que eu nasci tão no topo que o nosso ninho, construído no alto de um cedro, brinca com o vento

e zomba do sol”. Antes de sair de cena, Margareth conclui: “Quando ele deixar o seu coração partido de tanta tristeza, diga: a pobre Margareth foi uma profetisa. Vivam todos, como súditos do ódio de Ricardo, e ele, súdito do ódio de vocês”. Todos da corte estão arrepiados. Vestindo as roupas da hipocrisia cristã (abertamente criticada na Inglaterra Anglicana), que tem como virtude orar por aqueles que nos fizeram mal, Ricardo diz: “Pela Santa Mãe de Deus, ela foi muito injustiçada, e eu me arrependo de tudo que causei a ela”. Parece arrependido. Porém quando está sozinho com a plateia ele nos revela a sua artimanha: “E assim vou vestindo a minha canalhice nua com antigos clichês daqui e dali, roubados dos textos sagrados, e fico parecendo um santo, quando na maior parte do tempo faço o papel do diabo.” Em seguida, dois assassinos se apresentam para “despachar aquele assunto”, como define Ricardo.

ATO 1

CENA 4

Duque de Clarence, irmão do Rei e de Ricardo, está na masmorra e relata ao guarda da prisão sobre seu pesadelo na noite anterior: estava numa barca atravessando mares agitados com seu irmão Gloucester, e que este o teria lançado para fora do convés, provocando muita dor nele pela morte por afogamento. Além disso, atravessando a barca para o Reino dos mortos (como se acreditava existir na época) se vê atormentado pelas Fúrias, espíritos demoníacos e infernais, por sua traição ao sogro Warwick. Revela ao guarda que cometeu tais atos “que agora testemunham contra a minha alma em prol de Eduardo, e vê como ele me paga”. Clarence roga a Deus para que sua esposa e filhos sejam poupados da vingança celeste, e em seguida cai no sono. Brakenbury, aparentemente um soldado com cargo de maior responsabilidade, com um discurso humanista (doutrina muito valorizada pelos sábios do Renascimento), nos diz:

A dor quebra as estações e as horas de repouso, faz da noite manhã e da tarde, noite. Príncipes não tem nada a mais que seus títulos por glória, honras exteriores para um interior cheio de tormento, em lugar de imaginados prazeres irreais, eles muitas vezes sentem um mundo de desassossegados cuidados. De maneira que, entre os títulos e um nome da classe baixa, não há nada que os diferencie, a não ser a fachada da fama.

Os dois assassinos surgem com uma ordem de entregar o Duque aos cuidados deles.

BRAKENBURY - Não discutirei o que por trás disso se esconde. Melhor nem saber o que isto significa, assim continuo inocente das suas intenções. Ali está o Duque, dormindo, e lá as chaves. Vou ao Rei e lhe direi que entreguei a vocês a minha função.

Esta pequena fala é muito importante pois revela como sobreviver aos mandos e desmandos do poder; outras personagens periféricas reforçam essa voz. Eu poderia até escrever um capítulo e intitulá-lo OS OMISSOS.

Os dois assassinos, intitulados apenas como *Primeiro Assassino* e *Segundo Assassino*, partem para cumprir o combinado. Antes disso, falam sobre Consciência: “Lembra da recompensa, quando a coisa estiver feita”, diz o Primeiro, decidido. Já o Segundo reflete:

Poucos têm consciência, talvez ninguém. (...) Não quero pacto com ela, deixa os homens covardes. (...) É um espírito envergonhado, que cora, que faz motim no peito de um homem. Enche um homem de impedimentos. (...) A consciência arruína todo aquele que ficar com ela. Foi expulsa das cidades, considerada perigosa. Todo homem que pretende viver bem, empenha-se em confiar em si mesmo, dispensando-a de sua vida.

Clarence acorda e tenta persuadir os assassinos de que seu irmão Gloucester vai recompensá-los financeiramente se salvarem a sua vida. Os assassinos revelam então o real mandante, Ricardo. Incrédulo, Clarence custa a acreditar na traição: “Não pode ser. Ele chorou minha sorte e me tomou em seus braços e me abraçou e jurou, soluçando, que não mediria esforços para me pôr em liberdade”, rogando então piedade: “Tenham compaixão e salvem as suas almas.” Mas o Primeiro Assassino conclui a conversa com misoginia e perversidade: “Piedade? Não, isso é covardia e fraqueza de mulher”.

Clarence é assassinado pelas costas, num ato de covardia masculina. O Segundo Assassino se arrepende e despreza a recompensa pelo ato. O Primeiro anuncia suas ações futuras: “Quando eu tiver meu dinheiro, vou-me embora, porque uma notícia como esta corre, e eu não posso ficar aqui”.

É muito interessante como a mística dessa cena se desenrola: Clarence tem um presságio sobre sua própria morte, assim como Margareth profetiza. Há algo entre o mundo real e o mundo espiritual que dialoga: por outro lado, Ricardo representa o mundo real e cruel que não mede esforços para conquistar seus objetivos. Frio e falso com aqueles que estão no seu caminho, Ricardo não mede esforços para aniquilar, destruir sua própria família.

ATO 2

CENA 1

Numa paz maior, minha alma partirá para os céus já que promovi a paz na Terra entre meus amigos.

A paz é fundamental para o desenvolvimento de uma nação. Enquanto a Inglaterra sofria com guerras internas em relação à legitimidade do trono, Portugal e Espanha se tornavam duas potências econômicas através das grandes navegações, conquistando novos continentes, explorando e saqueando suas riquezas. O mito do Rei Artur e sua espada Excalibur conta a importante luta pela unificação da Inglaterra, impondo a cultura católica sobre a tradição ancestral Celta com seus sábios Druidas ligados à natureza, magias, astrologia, alquimistas e também às oraculistas, chamadas de bruxas.

O Rei Eduardo IV reúne a sua Corte. Estão na mesma sala os parentes da Rainha Elizabeth: Lordes Dorset, Rivers e Grey; o Camareiro Mor Hastings e o antigo amigo da família York, de nome Buckingham. O Rei propôs essa cerimônia para oficialmente fortalecer a aliança entre os membros da Corte mesmo após a sua morte.

Se alguma vez Buckingham dirigir seu ódio contra Vossa Graça, sem o máximo respeito que dedica a si e aos seus, que Deus me castigue com o ódio daqueles de quem espero os maiores afetos. Quando eu mais precisar de um amigo e estiver confiante de que ele é verdadeiramente um amigo, que ele seja traiçoeiro, espertalhão, fingido e desleal.

O texto de Ricardo III tem muitas ironias. Essa é uma delas. Por se tratar de personagens históricas conhecidas, o público já sabe o contexto da trama, ou, como se diz hoje em dia, “contém spoiler”: o que interessa não é apenas a trama em si, mas como ela se desenvolve. Vamos especificar essa personagem. Não é preciso ser inglês para saber que o Palácio de Buckingham é residência oficial da Rainha. A hierarquia inglesa é complexa, sendo de grande importância a linha sucessória: quanto mais próximos desta, mais privilégios os indivíduos recebem; porém, ao se afastarem dela, se afastam automaticamente também das regalias. As casas não são pessoas, elas apenas usufruem de privilégios conforme os títulos. E os títulos são dados conforme a linha sucessória, que muda de acordo com o Rei. Alguns títulos são concedidos, outros também são comprados, mas a maioria é herdado. Essa complexa relação humana e a manutenção de privilégios tão especialmente evidente na nobreza britânica será importante para compreender o porquê da aliança de Buckingham com Ricardo. A ironia é que ele busca resgatar as propriedades e títulos de seus familiares – o que

plateia já sabe que nunca acontecerá, já que ainda hoje o Palácio de Buckingham pertence ao monarca do trono inglês.

Mas ele, pobre homem, morreu pela sua primeira ordem, que algum Mercúrio com asas transportou até a Torre. Algum coxo vagaroso levou a ordem contrária e chegou tão tarde que não foi nem a tempo do enterro dele.

Ricardo chega com a informação de que Clarence está morto, apesar da ordem do Rei ter sido revogada. O Conde Derby entra na sala intempestivamente e pede clemência por um crime cometido por um escravo seu e o Rei tem uma crise de remorso por não ter poupado o próprio irmão, com a alma pesada de mágoas, como definido pela própria personagem.

Meu irmão não matou homem algum, seu crime foi o pensamento e por ele pagou com a vida. Quem veio a mim interceder por ele? quem no meu ataque de fúria, se ajoelhou aos meus pés e pediu que eu fosse ponderado? (...) Quem veio me contar que no campo de batalha em Tewkesbury, ele me resgatou quando Oxford me derrubou e ainda disse: 'Querido irmão, viva e seja Rei!' (...) Tudo isso a brutal ira arrancou da minha lembrança, que pecado; e não houve entre vocês nenhum homem sequer que me fizesse a gentileza de recolocar essas histórias em minha mente (...) Mesmo os mais orgulhosos daqui sempre foram gratos pelos favores que ele fez em vida; mas nenhum de vocês veio implorar pela vida dele ao menos uma única vez. Ah Deus, temo que sua justiça caia sobre mim e a vocês, aos meus e aos seus.

O Rei Eduardo rompe a celebração de paz com um discurso inflamado, emocional, com desespero e culpa. Ricardo se utiliza do nome da justiça divina e faz fofocas e intrigas contra os parentes da Rainha.

Esses são os frutos da leviandade: notaram como os parentes da Rainha ficaram pálidos ao ouvir a morte de Clarence? E foram eles que pediram e insistiram com o Rei. Deus fará justiça. Vamos senhores, consolar Eduardo com a nossa companhia.

Cada vez Ricardo mais se revela um perfeito canalha, que acusa e difama todos aqueles que podem impedir a sua realização pessoal.

ATO 2

CENA 2

Sosseguem crianças, sosseguem. O Rei tem muito amor por vocês. Meus queridos, inocentes e ingênuos. Querido, você não tem como adivinhar quem causou a morte do teu pai.

A Duquesa de York, a Rainha Mãe (mãe do Rei Eduardo, de Ricardo e de Clarence) anuncia e explica para seus netos, os dois filhos de Clarence, que ele está morto e sobre quem causou a morte dele. Temos aqui uma comovente cena que envolve duas crianças que sofrem a dor da perda do próprio pai. Nesse momento tão delicado, a crueldade de Ricardo (ainda chamado como Duque de Gloucester) se torna muito eficaz, sempre usando intrigas para ocultar seus atos e difamar aqueles que considera seus inimigos.

Vó, nós sabemos, porque meu bom tio Gloucester me disse que o Rei, incentivado pela Rainha, inventou acusações para mandar nosso pai para a prisão. Meu tio me contou isso chorando e lamentando, com pena de mim e carinhosamente me beijou no rosto. Pediu que eu confiasse nele como um pai, e ele me amaria como um filho.

A Duquesa então é obrigada a conversar duramente com as crianças, sacrificando a ingenuidade dos netos em prol da necessidade de sobrevivência. Como eles precisam compreender a situação como adultos para poderem se defender, o diálogo é direto. Duro.

DUQUESA - Oh, quem imaginaria que a hipocrisia se disfarce de forma tão sutil e esconda o próprio vício com máscara tão virtuosa! Ele é meu próprio filho, e essa é minha maior vergonha. Não foi do meu leite que bebeu tanta hipocrisia.

MENINO - A senhora acredita que meu tio é dissimulado, vó?

DUQUESA - Sim, acredito.

Elizabeth entra em cena, desesperada, passional, e é imediatamente criticada pela Duquesa.

ELIZABETH - Ah, e quem vai me impedir de gemer e chorar? De amaldiçoar a minha sorte? De me atormentar? Vou unir forças a esse negro desespero e me tornarei inimiga de mim mesma.

DUQUESA – O que significa esta grotesca demonstração de falta de compostura?

Vemos uma clara demonstração de preconceito e desdém da Duquesa com os novos ricos, seus hábitos e cultura; sua fala continua dura e prática. Seu instinto de sobrevivência se confunde com a falta de sentimentos, de afeto e até mesmo de respeito.

Ah, me interesse tanto pela tua dor, quanto influência tinha sobre o teu nobre esposo. Já chorei a morte de um marido valoroso, e sobrevivi amando e cuidando de suas imagens em miniatura. (...) Você é viúva, sim, mas também é mãe e encontra conforto pelos filhos que ficaram. Mas a morte arrancou meu esposo dos meus braços e retirou das minhas frágeis mãos duas muletas, Clarence e Eduardo. Eu me dou ao direito de atropelar os teus sentimentos, e de afogar teus gritos, já que teus lamentos não passam de metade dos meus.

Começa então um largo choro por Eduardo e Clarence. As crianças choram por seu pai, a Duquesa chora por todas as suas perdas e suas dores enquanto Elizabeth chora pelo marido. As mulheres nessa época só podiam fazer isso: lamentar e acumular suas perdas de guerra. Sobreviver.

A partir desse momento, a história caminha para compreender os artifícios dos governos. Vamos ver como funciona o lema britânico: “O Rei está morto, viva o Rei!” e os perigos de uma sucessão real. De um há lado Rivers que sugere à Rainha, sua prima: “Enterre a dor e o desatino no túmulo de Eduardo morto e plante as suas alegrias no trono de Eduardo vivo”, enquanto Buckingham, aliado de Ricardo, afirma:

Embora os frutos que colhemos com este Rei tenham se acabado, colheremos novos frutos com a safra de seu filho. O rancor que correu das chagas de seus ódios, há pouco cortada, cozida e reunida, com temperança deve ser cuidado, tratado e resguardado. Traga-se o Jovem Príncipe para cá, para que seja coroado nosso Rei.

Está travada uma nova guerra, fria e sigilosa, na qual Ricardo e seu aliado não pretendem deixar que os parentes da Rainha se aproximem do Príncipe, deixando o trono livre para seus cuidados.

ATO 2

CENA 3

Uma péssima notícia. Uma novidade má nunca vem só o receio, temo que isto traga desgraças para o mundo.

Dois cidadãos comuns, o Primeiro e Segundo Cidadão, se encontram e falam da morte do Rei. Um terceiro cidadão tem mais coragem para dar sua opinião: “Preparem-se para ver desgraças grandes.” A fofoca se espalha, em uma visão bem popular da trama real.

O Duque de Gloucester é muito perigoso. Os filhos e irmãos da Rainha são arrogantes e cheios de si. Fossem eles governados e não governassem, esta terra enferma poderia ter um alívio, como antes.

Uma pérola cômica encerra a pequena cena, mas há uma sutil informação: a elite é criticada e Ricardo é visto como um homem perigoso, mas está blindado devido à sua posição social. Apenas os cidadãos sem nome é que precisam temer e se apresentar à seletiva Justiça local.

Ainda enfrentamos os mesmos preconceitos na ordem do Judiciário. Estão todos encrencados.

SEGUNDO CIDADÃO - Temos que nos apresentar à Justiça.
TERCEIRO CIDADÃO - Eu também vou com vocês.

ATO 2

CENA 4

Ervas aromáticas são adoráveis pequenininhas; pressa de crescer tem as ervas daninhas.

O Arcebispo, representante do Poder da Igreja Católica, se reúne com a Duquesa de York e Elizabeth. Ele traz informações sobre o infante Príncipe herdeiro que se encontrava em outra cidade e que está em caravana voltando para casa para ocupar seu cargo real. Todos conversam sobre o caráter de Ricardo. Está também em cena o caçula de Elizabeth, Príncipe de York, segundo na linha sucessória, que conversa com a avó sobre seu tio Gloucester. Ele diz: “Avó, noite dessa, quando estávamos jantando, meu tio Rivers comentou como eu cresci mais que meu irmão. (...) Desde então eu não quero crescer com tanta pressa, porque formosas flores são lentas e as ervas ruins apressadas.” A avó responde: “O seu tio Gloucester foi a coisinha mais insignificante de pequeno, e custou tanto a crescer, tão retardado, que se essa lei fosse verdadeira, ele seria a graça em pessoa.” O Arcebispo a interrompe duramente. “Com certeza ele é, minha virtuosa senhora”. Afinal, uma afirmação dessas só poderia ser vista como traição. A liberdade de expressão não é comum na estrutura para manter o poder. Então a Duquesa encerra a questão: “Espero que sim. Mas deixemos que as mães tenham suas dúvidas.”

É a estúpida tirania que começa a pisotear o trono, desrespeitado e inocente. Benvindos, destruição, sangue e massacre! Já posso ver como em um mapa, o fim de tudo.

Graves notícias chegam através de um mensageiro. Ele comunica a prisão dos parentes da Rainha, ordenada por Gloucester e Buckingham, sem que houvesse qualquer crime cometido ou motivo para isso. A visão da Rainha é clara e precisa, porém, não há meios legais para que ela possa interferir na situação. Ela é uma apenas uma “rainha de fantoche”, como Margareth, a rainha louca, a havia definido. A Duquesa também revela a sua visão de mundo.

Amaldiçoados e infelizes dias de lutas, inquietos, insones; quantos dias assim já assisti! Meu marido perdeu a vida para alcançar a coroa, e com frequência meus filhos foram jogados de um lado para o outro, para que me alegrasse ou chorasse com seus ganhos e perdas. Alcançado o poder, as lutas internas totalmente dissipadas, eles próprios os conquistadores fazem guerra entre si, irmão contra irmão, sangue contra o mesmo sangue, contra si próprio. O ódio frenético e absurdo e perverso, dá fim a tua ira desgraçada, ou então me deixe morrer, para que meus olhos não vejam mais esse mundo.

Elizabeth demonstra então sua capacidade política e inteligência. Ao invés de apenas derramar lágrimas pelo falecido Rei, ela antecipa uma jogada contra Ricardo, que nesse momento está com o Príncipe Herdeiro como Lorde tutor e responsável pelo trono até a sua maioridade legal. A Rainha, com o apoio da Duquesa de York, parte com o seu caçula para a Abadia de Westminster, uma espécie de embaixada do Papado, levando o Grande Selo Real da Inglaterra³³, de modo a que os dois estejam protegidos até a Coroação. Esta seria uma medida que poderia assegurar a linha sucessória; essa atitude também poderia ser compreendida como uma tentativa de Golpe de Estado?

A Rainha Elizabeth é vista como uma figura interessante, capaz de governar, o que é muito revolucionário - e de certa forma agrada à sua neta de mesmo nome, que no momento em que a peça é encenada é a monarca absoluta do Reino Unido.

³³ Segundo a Wikipedia: O Grande Selo do Reino ou Grande Selo do Reino Unido (conhecido antes do Tratado de União de 1707 como o Grande Selo da Inglaterra; e a partir de então até a União de 1801 como o Grande Selo da Grã-Bretanha) é um selo que é usado para simbolizar a aprovação do Soberano de documentos de estado.

ATO 3

CENA 1

Gentil Príncipe, as virtudes ingênuas de sua juventude ainda não mergulharam nas armadilhas do mundo, e você ainda não sabe detectar em um homem, mais que sua aparência externa, a qual... e Deus sabe muito bem... nunca ou raramente, está em sintonia com o seu coração. Esses tios que você deseja que estivessem aqui são perigosos. Sua graça prestou atenção às palavras açucaradas deles, mas não soube olhar para o veneno de seus corações. Que Deus o livre deles, e de amigos assim falsos!

O Príncipe herdeiro Eduardo chega a seus aposentos em Londres e se mostra preocupado com os tios, parentes de sua mãe, que foram detidos. Ricardo usa a palavra de Deus como artifício para blindar qualquer questionamento. Hastings, considerado um aliado do trono, traz a notícia do asilo de Elizabeth, explica as razões de Estado que impedem a invasão da abadia e como um estudioso do sistema político e legal vigente encontra brechas para que a lei caminhe a seu favor:

O benefício do asilo, está sempre garantido a quem agiu de modo a merecer o abrigo de um santuário, e a quem teve o tino de reivindicar esse abrigo para si. O Príncipe nem o pediu, nem o mereceu: e por causa disso ele na minha opinião não tem esse direito. Portanto, ao tirá-lo desse Santuário, você não está violando nenhum privilégio, nem mesmo nenhum direito. Seguidamente ouço falar de homens que procuram asilo, mas até hoje nunca tinha ouvido falar de crianças que procuram asilo em uma igreja.

A lógica do poder autoritário se faz assim: inquestionável e sem diálogo. Ordens são dadas e são cumpridas. Xequ mate contra Elizabeth.

O Príncipe Eduardo mostra desgosto em relação à Torre de Londres, e inicia uma interessante conversa sobre o que é verdade na história consagrada sobre a construção:

PRINCIPE - Está registrado numa crônica que Cesar a construiu, ou é alguma lenda que vem sendo relatada à medida que passam os tempos?

BUCKINGHAM - Está documentado meu Lorde.

PRINCIPE - Mas digamos milorde, que não estivesse documentado. Me parece que a verdade sobreviveria, de uma geração para outra, como se estivesse contada para toda a posteridade, ainda conseguiria chegar ao Dia do Juízo final. (...) Julio Cesar foi um homem famoso. Tanto quanto a sua coragem enriqueceu seu espírito, seu espírito se dispôs a imortalizar a sua coragem. A morte não vence esse vencedor. Embora não respire mais, ainda a sua fama respira por ele.

Mais adiante, na cena 4 do ato 3, novamente será contestado o registro histórico dos fatos, em uma cena que pode dialogar de modo valioso com o livro O perigo de uma história única, de Chimamanda Ngozi Adichie³⁴:

Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder (...) O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. (2009, p. 23).

Outra ironia interessante: afinal, a própria história de Ricardo III depende de quem a está contando, bem como para quem ela está sendo contada e em qual momento da história. No caso do nosso estudo, importa menos a personagem histórica do que a personagem criada a partir de uma história nacional conhecida, que nos leva a debater não a pessoa em si, mas a autoridade abusiva e o poder absoluto dos monarcas. E como podemos, a partir de uma história de outro país, em outro tempo histórico, ainda ter conteúdo para debater, dialogar e tentar compreender o nosso próprio tempo.

Voltemos ao texto.

O pequeno Príncipe de York vem ao encontro de seu irmão e uma conversa interessante se trava com Ricardo/Gloucester. Essa é a meu ver, a genialidade de Shakespeare. Essa cena histórica provavelmente nunca aconteceu: duas crianças zombam com inteligência de um adulto que sabemos ser um vilão. A aparição dessas personagens cria uma empatia imediata com a plateia que, mais adiante, quando a cena do assassinato dessas crianças for narrada, será transformada em uma enorme catarse. A empatia criada aqui por estas sagazes criaturas revela ainda mais a brutalidade e crueldade do vilão – que deve ser derrotado, sendo preciso comemorar sua derrota.

Buckingham - Agora senhor, o que faremos se o Lorde Hastings não concordar com o plano que estamos arquitetando?

Gloucester - Cortamos sua cabeça, homem, é o que faremos.

³⁴ “Uma das raras escritoras a se tornar uma figura pública internacional, Adichie é a voz mais importante sobre raça e gênero na era digital” (The New York Magazine, oct 16, 2017. https://www.nytimes.com/2017/10/16/t-magazine/chimamanda-ngozi-adichie.html?_r=1&_ga=2.11111111.1111111111.1111111111.1111111111.1111111111) Nascida em 1977, na Nigéria, a autora é formada em Comunicação e Ciências Políticas pela Eastern Connecticut State University e tem Mestrado em Estudos Africanos pela Universidade de Yale. Escreveu vários livros, entre os quais *Como educar crianças feministas* (2017).

Extermínio dos opositores. Esse é o método utilizado friamente por Ricardo para alcançar o poder. Não há diálogo possível nesta forma de governo. O medo e a hipocrisia geram fiéis muito poderosos, e aqueles que se opõem são assassinados. Assim podemos nos perguntar como isso ainda pode acontecer no Brasil e em outras partes do mundo? Inúmeros casos - como o de Marielle Franco³⁵ e Anderson Gomes³⁶, Chico Mendes³⁷, o extermínio dos yanomamis³⁸ - ainda repercutem hoje, e podemos sempre incluir os debates da atualidade para apoiar a compreensão da nossa realidade. Infelizmente o espírito de Ricardo III sobrevive, precisamos estar atentos e impedir que chegue ao poder absoluto e que destrua vidas.

³⁵ Marielle Franco cresceu como favelada na Maré, uma das comunidades que compõem o Complexo da Maré. Em suas aparições públicas ou no púlpito da Câmara do Rio de Janeiro, ela sempre se apresentava como mulher negra, mãe, socióloga e cria da Maré. Para ocupar o púlpito e um gabinete na Câmara, foi eleita em 2016 com 46.502 votos para um mandato de quatro anos que não chegou a concluir. Mulher negra eleita, parte da comunidade LGBTQIAP+, foi assassinada em 14 de março de 2018.

³⁶ Motorista de Marielle Franco, então vereadora pelo PSOL assassinado junto com ela.

³⁷ Francisco Alves Mendes Filho, mais conhecido como Chico Mendes, foi um seringueiro, sindicalista, ativista político brasileiro. Lutou a favor dos seringueiros da Bacia Amazônica, cuja subsistência dependia da preservação da floresta e das seringueiras nativas. Foi assassinado em 1988.

³⁸ Seja por meio direto de garimpos ilegais ou por consequências geradas por intoxicação por mercúrio nas águas. <https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/04/yanomamis-de-nove-aldeias-assediadas-pelo-garimpo-estao-contaminados-por-mercurio>

ATO 3

CENA 2

É PRECISO AGIR³⁹

B. Brecht (1898-1956)

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro
Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário
Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável
Depois agarraram uns desempregados
Mas como eu tenho o meu emprego
Também não me importei
Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.

Hastings é um homem que usa de diplomacia e sabe que ter boas relações com o inimigo é importante para se manter no poder, adotando uma postura política chamada de modo popular de “em cima do muro”: ele é amigo leal de quem ocupa o trono. Sempre do lado vencedor, confia demais na sua própria posição, e, embora seja um simples peão, pensa que é a Rainha, não percebendo a instabilidade do jogo político.

Veremos como a mesa de xadrez pode virar em um segundo, que o “xeque mate” do jogo de poder se dá através de uma única palavra, que possa trazer um mínimo questionamento a esse poder e... O precipício se instaura. Fim de jogo.

Hastings nos parece muito confiante quando um mensageiro bate à sua porta com uma mensagem de Lorde Stanley, o Conde de Derby (que, lembrando, é opositor de Ricardo III) relatando um sonho como um alerta de um perigo real. “Ele sonhou que um javali arrancou seu capacete.” Stanley tenta alertar Hastings sobre os perigos que ele pode enfrentar com Ricardo.

HASTINGS - Quanto aos seus sonhos, fico me perguntando se ele é tão ingênuo a ponto de confiar no deboche de um sono agitado. Fugir do javali antes que ele nos persiga, seria o mesmo que obrigar o javali a nos perseguir, sem que houvesse intenção de caça. Vai, pede ao teu Mestre que saia da cama e se encontre comigo. Iremos os dois juntos até a Torre onde ele verá o javali nos tratar de forma muito gentil.

³⁹ BRECHT, Bertold. Breve antologia de Bertold Brecht – Haroldo de Campos. (1982 – Editora Elo)

Outra personagem se apresenta na cena: Catesby, personagem que, por ser aliado fiel de Ricardo, recebe honrarias e “sobe na vida”. Um “*leva-e-traz*” de informações. Uma espécie de capataz inglês que conta a intenção de Ricardo em ser coroado e ouve a oposição de Hastings: “Prefiro que me decepem a cabeça em vez de ver a coroa em cabeça assim tão errada”.

O fim da personagem é decretado ali mesmo: “É infame, meu bondoso Lorde, morrer despreparado e sem estar esperando o seu fim.” E parte calmo e soberbo para a própria prisão e execução.

HASTINGS - Eu te digo: as coisas estão melhores agora do que no dia daquele nosso último encontro, neste mesmo lugar. Naquele dia eu era levado prisioneiro para a Torre, por causa dos aliados da Rainha. Agora posso te dizer e guarde este segredo contigo: esses mesmos inimigos hoje terão encontro com a morte, e eu me encontro em situação melhor que nunca!

ATO 3

CENA 3

Os parentes da Rainha, Rivers, Grey e Vaughan, agora prisioneiros, serão executados por Radcliff, como covardes que encaram a morte e apenas lamentam inutilmente. Lembram dos avisos de Margareth e constatam que a Rainha Louca, depreciada e motivo de chacota na Corte, havia alertado sobre o perigo que é Ricardo/ o Poder Absoluto.

Agora a maldição de Margareth abateu-se sobre nossas cabeças, quando a lançou sobre Hastings, contra vocês e contra mim, por não termos agido quando assistimos Ricardo apunhalar o filho dela.

Eu poderia fazer um capítulo sobre o tema que aqui aparece, nessa pequena cena: a omissão. Na peça, muitas personagens apenas assistem, sem questionar, os excessos, os abusos de poder de Ricardo, sem impedir, tomar alguma posição, combater, buscar uma solução diplomática que seja, apenas dialogar e questionar as ações do Governante, do Chefe, do poder. É uma cena pequena, muitas vezes descartada em uma possível montagem da peça, para diminuir o tempo do espetáculo, ou reduzir o número do elenco (52 atores, imagine isso hoje em dia!) mas podemos pensar no sentido de representatividade: a plateia popular pode não se ver reconhecida na figura de Ricardo, torto, mau e arrogante; e talvez também não se emocione com Elizabeth, a Rainha. Porém, uma cena com 3 novos ricos sem muita importância na Corte, arrependidos e lamentando o fim de sua vida, apresenta o fim daqueles que poderiam ter evitado a ascensão do autoritarismo absoluto de Ricardo e que se veem penalizados com a própria morte. É uma cena educativa de ética, de humanidade, de como a rede protetora do poder se instaura e que conta com as “vistas grossas” de muitos. Uma excelente reflexão para a plateia. É preciso combater o mal.

ATO 3

CENA 4

O Conselho de Lordes se reúne para discutir os detalhes sobre a Coroação Real do pequeno herdeiro. Ricardo, que não está presente, é o Lorde Protetor e administrador do trono até a maioria do infante monarca. O Conselho de Lordes é composto por um amplo panorama político, no qual há nobres aliados a Ricardo (Norfolk, Ratcliffe e Lovell); opositores discretos (não podemos esquecer que Conde Derby ou Stanley é o pai do que será o monarca Henrique VII – da Dinastia Tudor); neutros membros da Igreja Católica (como o Bispo de Ely); opositores declarados (já vimos a opinião de Hastings) e aliados assumidamente corruptos (a plateia já viu que Buckingham pretende reaver propriedades de sua família e está disposto a agir em prol desta determinação). Com a chegada de Ricardo, instaura-se o início da intriga, na qual sempre ele é a vítima.

RICARDO – Meus nobres senhores e primos, bom dia. Dormi demais, mas acredito que minha ausência não tenha retardado nenhum caso grave que com minha presença poderia ter sido concluído.

BUCKINGHAM – Se não tivesse entrado a tempo, senhor, Lorde Hastings teria se pronunciado no seu nome... votando pela coroação do Rei.

RICARDO – Homem nenhum no mundo poderia ter essa ousadia, senão meu Lorde Hastings.

Ricardo não parece ter interesse no poder: mostra-se cansado, se atrasa, se menospreza. *No Brasil já ouvimos um ex-Presidente dizer que preferiria estar em uma feira comendo pastel do que administrando o país.* Essa personagem popularesca parece abnegada e boa, mas está usando uma máscara para agir de forma cruel contra seus inimigos. Ricardo aparentemente bajula Hastings por ser um nobre poderoso e um aliado, mas a fofoca já chegou aos seus ouvidos; ele não ignora a verdade da opinião sobre ele, apenas age com frieza e calculismo. Após confidenciar a Buckingham que “encontra-se o nosso fidalgo com obstinada convicção que prefere perder a cabeça, para que o filho do seu Mestre não perca o trono”, ambos se retiram.

HASTINGS - Sua Graça hoje parece estar de bom humor. Tem em mente algum pensamento que o agrada, quando ele nos deseja bom dia com tal animo. Penso que em toda a Cristandade jamais houve homem que escondesse tão mal seu amor ou o seu ódio como ele, pois é ver o seu rosto e já se sabe o que vai no seu coração. (...)

HASTINGS - Sabemos que ele não está ofendido com nenhum homem aqui presente, pois se tivesse, ele teria demonstrado na expressão.

Ricardo volta à cena com um humor completamente diferente, irado. Ele já está pondo em prática o seu plano diabólico, encenando seu mau teatro⁴⁰. O plano de Ricardo prevê desmerecer Elizabeth e eliminar o opositor Hastings na frente de todos, sempre agindo como uma vítima da situação. “Eu lhes peço, que me digam o que merecem aqueles que conspiram pela minha morte com planos diabólicos de feitiçaria maldita, aqueles que dominaram o meu corpo com seus encantamentos infernais?” Hastings se pronuncia imediatamente: “Digo, meu senhor, que merecem a morte.” A intriga apenas começou.

Os instrumentos que usa no seu discurso de ódio são muitos:

“Sejam os teus olhos testemunhas do mal que fazem”: fake news;

“Vejam como estou enfeitiçado. Olhe, meu braço parece uma vara seca e queimada”: ignorância e negacionismo;

“E foi a mulher de Eduardo⁴¹, aquela bruxa monstruosa, em parceria com aquela meretriz, a libertina Shore, que me marcaram com seus feitiços...”: misoginia, moralismo sexual e intolerância religiosa.

Jogada a isca, Hastings cai na armadilha. É obrigado a dar sua opinião publicamente e diplomaticamente arrisca: “Se elas cometeram esse ato, senhor...” Ricardo volta-se para ele com todo seu ódio e indignação de falsa vítima: “Se?” É o suficiente. O poder absoluto não pode ser contestado, e a pena para tal é a morte. Não há diálogo possível. Ricardo sentencia o nobre imediatamente e tem pressa: “Traidor! Cortem-lhe a cabeça! Agora juro por São Paulo: não janto sem antes vê-lo decapitado. Lovell e Radcliff tratem do caso. Quanto aqueles que me têm amor, me sigam.” A sentença dada é para ser cumprida imediatamente por seus “capangas”, e seu séquito apenas o segue sem nada falar. Nenhuma opinião seria ouvida. Assim o poder governa pelo temor, alimentando-se dos omissos.

HASTINGS - Desgraçada Inglaterra! Mas não desgraçado de mim, porque sou inocente demais, poderia ter me prevenido.

A fala acima do personagem dialoga com a obra O Príncipe, de Maquiavel, publicada em 1532 em Florença, na Itália – sessenta anos antes da publicação de Ricardo III. “Quem quiser praticar sempre a bondade em tudo o que faz, está fadado a sofrer entre tantos que não

⁴⁰ Ver a live de Vitor Pordeus, “Dionisos sombrio: o assassino das massas”. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C7fX6nFJeWz/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

⁴¹ Elizabeth é uma mulher de outra cultura; estrangeira ou popular. Ela não jura por Santos Católicos como faz Ricardo, mas sim “Pelos céus”. Sua fé está ligada à natureza. Que para a Igreja Católica e seus Inquisidores são sinais de bruxaria)

são bons. É necessário, portanto, que o Príncipe que deseja manter-se aprenda a agir sem bondade, faculdade que usará ou não, em cada caso, conforme seja necessário.”⁴²

A poesia do bardo se mostra no final da cena, na voz de um Hastings que se apercebe de sua realidade:

Nós perseguimos mais a graça dos mortais que a graça de Deus. Aquele que edifica suas esperanças no ar de tua aparência vive como um marinheiro bêbado no mastro: pronto para cair nas profundezas do mar profundo.

Por meio desse trecho, podemos questionar o sentido da vida amplamente. Podemos entender o mortal como símbolo de um mundo material e a graça de Deus como uma visão mais espiritual – não necessariamente dogmática – da existência.

⁴² Capítulo 15 – As razões pelas quais os homens, especialmente os Príncipes, são louvados ou vituperados.

ATO 3

CENA 5

RICARDO - Me diga primo, você consegue tremer e mudar de cor, perder o fôlego no meio de uma palavra e então começar de novo e parar de novo, como se estivesse atormentado e enlouquecido de medo?

BUCKINGHAM - Eu consigo imitar o grande trágico. Falar e olhar para trás e olhar para todos os lados, tremer de susto ao roçar de uma palha, fingindo profunda desconfiança. Olhares medonhos estão às minhas ordens, tanto quanto sorrisos forçados, sempre a postos para a qualquer momento ajudar minhas estratégias.

Vamos assistir à ASCENSÃO DE RICARDO ao poder. A cena a seguir é uma das mais importantes desse estudo, na qual podemos perceber os recursos “cênicos” usados pelo personagem para atingir seus objetivos.

Os nobres criam uma encenação ridícula para o Lorde Prefeito. Aparentam nervosismo, encenam como se estivessem sendo perseguidos por seus inimigos, mostrando-se acuados. Atuam como se precisassem rezar para se livrar dos perigos invisíveis. “Ouçam um tambor! Vigiem os muros! Cuidado, são inimigos! Que Deus e nossa inocência nos livre e nos guarde!” Apresentam uma cena louca para manipular uma autoridade local, na qual a cabeça de Hastings é apresentada pelos comparsas de Ricardo: “Eis a cabeça daquele sórdido traidor, perigoso e insuspeito Hastings”.

BUCKINGHAM - (...) não fosse a intervenção divina, não estaríamos vivos para contar... que o sutil traidor havia planejado hoje mesmo no prédio do Conselho, assassinar a mim e a meu bom Conde Gloucester?

O prefeito, oposto de um cidadão consciente e pensante, é um omissor, um agente passivo do destino. Ingênuo, acredita em tudo o que é falado, propagando uma nova verdade baseado apenas naquilo que ouviu, sem confirmar as fontes ou questionar o acontecido (*hoje essa personagem poderia se chamar: “O tio do Whatsapp”*). Sua fala revela sua total submissão ao poder constituído: “Mas meu caro Lorde, as palavras de Vossas Senhorias valem como se eu mesmo tivesse testemunhado o seu fim, escutado a sua confissão.” Caso encerrado. A conspiração continua violentamente: Buckingham segue o prefeito para acusar Eduardo de luxúria, de ter “prazeres bestiais” com servos (“para todo lado que seu coração bestial desejasse fazer uma vítima”). Além de questionar seus filhos de serem bastardos, chega ao ponto de

sugerir desonrar a própria mãe: “meu pai, o nobre York, encontrava-se na França, na guerra, e que pelo contar do tempo, ele concluiu não ser o progenitor, em nada o Duque se parecia com meu pai.” E ressalta: “mencione em doses comedidas, minha mãe está viva.” Ou seja: o boato precisa ser leve para não precisar ser desmentido publicamente (a ascensão de Ricardo se dá através de *FAKE NEWS*, repetidas por um omissos como verdade absoluta).

A criação de factoides é algo muito comum até os dias de hoje. Às vésperas das eleições de 2020, uma deputada⁴³ sacou uma arma e a apontou para um homem no meio da rua, na região dos Jardins, em São Paulo, alegando que havia sido cercada e agredida. O mundo contemporâneo, com a popularização dos celulares e o uso das redes sociais, nos mostra como a realidade é distorcida. Não há paralelo entre a história narrada pela “deputada vítima” e as imagens exibidas nos vídeos que podemos acessar pela internet; estas nos mostram, por parte da suposta agredida, uma violência descabida e um abuso de autoridade assustador e preocupante (mais ainda por ter o apoio da estrutura do Estado, como, por exemplo, da Polícia Militar).

⁴³ Refiro-me a Carla Zambelli, deputada bolsonarista de extrema-direita e criadora de inúmeras fake news. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/10/29/deputada-bolsonarista-carla-zambelli-saca-e-aponta-arma-para-homem-na-rua-em-sp-ela-diz-que-foi-cercada-e-agredida.ghtml>

ATO 3

CENA 6

ESCRIVÃO - Aqui está a condenação do nosso bom senhor de Hastings, lavrado como deve ser em caligrafia oficial, letra legível e bom tamanho, para que possa ser lida hoje em Saint Paul. (...) Belo mundo este em que vivemos! Quem por mais bruto não veja artimanha tão clara. Mas por outro lado, quem tão ousado diria o que está vendo? O mundo é mau, todas as coisas acabam no mal quando tais falcatruas somos obrigados a guardar no nosso pensamento.

A cena do Escrivão: de apenas 10 linhas, raramente é levada à cena, sendo em geral “cortada” da encenação. Porém ela nos revela algo importantíssimo: a condenação de Hastings já havia sido lavrada antes do julgamento. 22 horas são necessárias para a feitura do documento e apenas 5 horas separam a liberdade do inimigo de Ricardo.

Mais uma vez é mostrada a opressora estrutura de poder, que usa como ferramenta fundamental o silêncio de pessoas e sua convivência devido ao medo e à necessidade de sobrevivência. A personagem representada nesta cena, o escrivão, é outro omissos que nos abre os olhos para compreender que os registros da história oficial são feitos a partir dos poderosos. E que há uma história “oficiosa” que pode ser transmitida pela oralidade, ou silenciada.

O súdito cumpridor de ordens, em nome da obediência, substitui a capacidade de distinguir o bem do mal por uma obtusa apatia que não o absolve – pois a ordem é manifestamente ilegal – mas se revela, sem dúvida, o risco de seguidores disciplinados e obedientes, pessoas disponíveis em face de agentes políticos levados pela tentação de abusar, por via de longa manus, do poder que detêm, p. 19)

O mal pode habitar os grandes homens, em seus desatinos em busca de destinos de grandeza, tal como insignificantes homens comuns, quando se trata de conquistar ou de servir ao poder. (REALE JÚNIOR, 2017)

“Essa obtusa apatia que não o absolve”, que é uma citação de Carlo Galli⁴⁴, está no texto de Miguel Reale Junior⁴⁵ sobre Ricardo III. Conquistar ou servir ao poder é um conteúdo muito rico a ser explorado, dialogado, busca novas fontes, reflexões sobre o tema. Essa é a base para que o ator se aproprie e tenha uma opinião quando em cena. Que manifeste e expresse sua possibilidade de mundo, ao invés de simplesmente representar. Muitos ensaios do Amir Haddad são conversas. O aprofundamento dos temas é muito mais eficaz na construção da cena do que a simples sugestão de marcas. A busca da compreensão dessa humanidade da

⁴⁴ Carlo Galli (Modena, 7 de dezembro de 1950) é um político, filósofo e cientista político italiano, colunista político do jornal La Repubblica e deputado na XVII legislatura. In: Potere: in concetti del male, op. Cit., p.320.

⁴⁵ Miguel Reale Júnior é advogado, Professor Titular de Direito Penal da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (USP) e membro da Academia Paulista de Letras. Foi Presidente da Associação dos Advogados de São Paulo.

qual fazemos parte, a reflexão crítica acerca das questões da existência e do poder e a capacidade do sonho. Assim buscamos novas saídas para relações humanas e a expansão de nossos afetos.

ATO 3

CENA 7

Faz teu sim, que eu faço o meu não.

Buckingham uso um mau teatro para promover a ascensão de Ricardo. O cúmplice do vilão narra seus feitos para convencer a população a abraçar o golpe de Estado que ambos estão propondo. A fofoca e a difamação são armas utilizadas para isso, sendo muitos os argumentos falsos criados por ele: um contrato de casamento anterior anularia o casamento do Rei Eduardo IV com Elizabeth; Eduardo IV seria um garanhão sexual; Eduardo IV seria bastardo, já que havia sido concebido quando o pai estava na França (o que macularia a honra da própria mãe, duquesa de York); Eduardo IV não se parecia com o pai, ao contrário de Ricardo, que seria “sua cópia fiel”. Além disso, lista ainda inúmeros supostos feitos de Ricardo na guerra, apresentando-o de forma heroica.

RICARDO – Então? O que dizem os cidadãos?

BUCKINGHAM – Bem, pela Santíssima Mãe de Nosso Senhor, os cidadãos ficaram mudos, não disseram uma única palavra.

Buckingham finaliza seu discurso pedindo “a todos aqueles que têm amor ao seu país [para] gritarem: Viva Ricardo, Rei da Inglaterra!”, porém não há uma reação popular. O prefeito explica a ele que a passividade se dá pelo fato de nunca poderem ter opinião. Não há democracia, o povo não é ouvido, portanto, não falam publicamente. “O povo não é acostumado que se fale com ele”; apenas o arauto com jurisdição civil na cidade anuncia as novas normas, leis e regras, cabendo ao povo acatá-las. O arauto então repete o discurso e alguns poucos respondem. Buckingham conclui: “Umas dez vezes gritaram: Viva o Rei Ricardo! Me aproveitei dessas poucas vozes: “Agradeço aos gentis amigos e cidadãos este aplauso geral, e os vivas animados, provam a sua sabedoria e declamam seu amor por Ricardo” Finalizei minha participação e vim embora”.

Assusta perceber como esse recurso foi utilizado no Brasil 500 anos depois: durante a pandemia da Covid-19 o presidente reunia poucos seguidores e agia como se falasse para a nação.

Outro recurso cênico sugerido por Buckingham é o uso da ideologia religiosa como arma para a manipulação: “Tenha na mão, um livro de orações, e se posicione entre dois padres, assim eu farei um santo sermão. E não se renda com facilidade a nossos pedidos, faça o jogo

da donzela: sempre responda não, ao passo que vai cedendo”. *A frase machista combina com a personagem e o pensamento retrógrado que ela representa.*

Ricardo então sintetiza o teatro que eles farão: “Faz teu sim que eu faço o meu não”. Buckingham vai pedir o trono por ele, que vai aparentar desinteresse, acreditando assim que o clamor popular apoiará o golpe. Outras personagens, como o Prefeito, o comparsa Catesby e o aliado Buckingham clamam para que Ricardo aceite a coroa.

RICARDO - Meu primo de Buckingham, demais homens de sabedoria: uma vez que os senhores desejam atrelar às minhas costas a sorte, para que eu carregue o fardo – querendo ou não – devo ser paciente e suportar o peso. Mas se por acaso, negro escândalo (*ops!*) ou a sujeira de uma vergonha acompanharem as consequências de sua imposição, o simples fato dos senhores terem me forçado a esta decisão será o bastante para me redimir de todas as manchas e impurezas, pois Deus é testemunha, e os senhores podem em parte ver: quão longe estou de desejar tal coisa.”

Como se ele preferisse comer pastel na feira.... como ouvimos no Brasil recentemente.
A coroação então é marcada para o dia seguinte, imediatamente – para que não haja tempo para ser contestada.

ATO 4

CENA 1

O Rei deu ordens restritas sobre isso.

Chamo essa cena de As Rainhas Depostas.

As mulheres estão reunidas: a mãe de Ricardo, Duquesa de York; Lady Anna, agora Duquesa de Gloucester, casada com Ricardo; Elizabeth a mãe dos herdeiros reais e a órfã de Clarence se encontram na frente da torre para visitar os Príncipes, sendo impedidas de entrar por ordem do Lorde Protetor. A Torre de Londres deixa de ser uma hospedaria e passa a ser a masmorra das crianças. O golpe está prestes a ser concluído. As mulheres apenas assistem a tudo, passivas, sem poder reverter tal situação. São vítimas do destino.

Um amigo, o conde Derby, chega com a notícia da coroação de Lady Anna como Rainha, ou seja: Ricardo subirá ao trono e não as crianças. Elizabeth perde a compostura: pede para arrancar as cordas do espartilho e implora para que Dorset, seu filho mais velho, fuja e se encontre com Richmond, filho de Derby, que está iniciando um movimento contra Ricardo. “Se não quiser me ver morrer com a maldição de Margareth: nem mãe, nem esposa, nem Rainha estimada da Inglaterra.”

A Duquesa de York expõe seus sentimentos em relação ao filho: “Ai, meu ventre amaldiçoado, berço de morte! Presenteei o mundo com uma serpente de cujo olhar ninguém escapa, é assassino.”

Lady Ana reflete sobre seu destino: “meu coração de mulher se deixou rudemente enganar por suas palavras de mel, e me transformei no objeto de maldição de minha própria alma. Maldição que me fez nunca mais pregar os olhos. Naquela cama, jamais gozei o dourado orvalho do sono – sempre acordando com os tenebrosos pesadelos dele.”

Finalizando a cena, Elizabeth diz uma triste poesia, humanizando a torre que abriga seus filhos:

Oh, Castelo de pedras tão antigas
Tenha pena dessas crianças tão novinhas,
Que a inveja encarcerou dentro de seus muros
Rude berço para tão lindos meninos;
Cuidadora rude e esfarrapada, velha
E severa companhia para os jovens príncipes, cuida bem dos meus queridos.
E assim a louca dor se despede de suas pedras.

A condição da mulher é retratada de forma brutal: estas apenas lamentam, impossibilitadas de qualquer ação. Reunidas pela dor, assistem passivas ao desenrolar dos fatos, em uma cena que pode ser utilizada como base para debates sobre feminismo hoje. Por isso é muito importante a leitura e a interpretação feita por mulheres, para que possamos registrar nossos pensamentos e necessidades que são deixadas de lado pelos gênios literários homens e sua visão de mundo patriarcal, que ignoram os sentimentos femininos.

Segundo Harold Bloom, um dos mais famosos críticos literários americanos:

Outro ponto fraco de *Ricardo III* é Margaret, viúva de Henrique VI, para quem Shakespeare foi incapaz de escrever um único verso decente. Uma vez que *Ricardo III* é exageradamente longa, Shakespeare teria se saído bem melhor caso dispensasse a tagarela Margaret, que só faz praguejar. Na verdade, a peça é um pesadelo para qualquer atriz, pois nenhum dos papéis femininos é encenável, seja o da pobre Anne, seduzida por Ricardo pelo terror, o de Elisabete, viúva de Eduardo IV, ou da Duquesa de York, mãe de Ricardo. O máximo que Shakespeare permite a tais personagens é declamar versos, como se as falas bombásticas de Margaret houvessem estabelecido um novo estilo dramático. A partir de Julieta, Shakespeare superaria todos os precursores, da Bíblia a Chaucer, na representação da mulher, mas ninguém poderia prever tal feito com base em *Ricardo III*. (BLOOM, 1998, p. 103).

“Nenhum dos papéis femininos é encenável.” Discordo completamente desta afirmação. Acho as personagens interessantes e enigmáticas. Por mais que me debruce nos estudos, não consigo chegar a uma resposta do porquê Lady Anne aceita se casar com Ricardo no funeral do próprio sogro, assim como me pergunto sobre a dor dessa mãe que rejeita o filho desde o nascimento, a mãe que gerou no útero aquele que depois destrói sua família. Também me intriga como Elizabeth consegue ter sangue frio, destreza de pensamento e ação para impedir os planos de Ricardo de se casar com sua filha. Encontro nessas mulheres, todas as Rainhas Depostas, uma humanidade muito intensa, como a de sobreviventes enclausuradas em um sistema opressor.

ATO 4

CENA 2

Virou uma pedra de gelo. Tua amizade se congelou. Quero saber se está ao meu lado, porque eles precisam morrer.

O agora coroado Rei Ricardo III expressa para seu aliado Buckingham a intenção de matar os dois príncipes:

Para mim é amargo pensar que Eduardo ainda esteja vivo. Um Príncipe verdadeiramente nobre. Primo, ainda não entendeu o que eu estou falando; Para um bom entendedor... Quer que eu seja mais claro; Quero os bastardos mortos. E quero isso agora, depressa. Que você diz? Fale agora.

Buckingham chega a seu limite ético e pede para pensar.

Um irado Ricardo, que, como nos diz Catesby, “está mordendo os lábios” (*é importante sempre lembrar o fato de não existir rubricas nos textos de Shakespeare, todas as intenções e marcas estão nas falas das personagens*), conclui: “Melhor conversar com tolos de inteligência curta e vontade de ferro; com jovens sem consciência. Para mim, não servem esses que me olham com críticas.” Não há limites para ele, que sem pudor vai direto ao ponto com um pajem: “Por acaso, você conhece alguém que o ouro possa corromper e que fique tentado a realizar uma proposta secreta e cruel, um assassinato?”

Catesby anuncia que o filho da Rainha, o Marquês de Dorset, fugiu para se juntar a Richmond. Ricardo manda anunciar que sua Rainha Lady Ane está gravemente doente e ordena que ela seja mantida cativa. A vida dela não é mais necessária, ao contrário, se torna um empecilho ao seu plano mais cruel: casar-se com a sobrinha, filha de Eduardo, que também se chama Elizabeth. Sozinho em cena, Ricardo revela seus planos diretamente para a plateia e expõe toda a sua crueldade:

Eu preciso estancar todas as esperanças que possam me prejudicar, caso cresçam. Preciso me casar com a filha de meu irmão, senão meu reinado se sustenta em gelo fino. Matar seus irmãos e me casar com ela depois. Modo incerto de ganhar! Mas agora já fui tão fundo em sangue que um pecado produz outro pecado. Não há um pingote de compaixão lacrimosa em meus olhos.

Tyrrel o assassino, entra em cena e aceita a proposta sanguinária de matar as duas crianças. “Vou concluir o caso agora mesmo”. Buckingham retorna à cena e lembra do acordo que os unia: “Milorde, venho lhe lembrar do presente que o senhor me prometeu, uma promessa na qual estão comprometidas a sua honra e lealdade.” Ignorado por Ricardo, que está obcecado (“Eu bem me lembro que Henrique VI profetizou que Richmond seria rei, quando ele ainda era uma criança atrevida”), lembra de uma profecia: “Lembrei de um antigo bardo na Irlanda que me disse certa vez, que eu não viveria muito tempo depois de ter visto Richmond”.

Ricardo começa a dar amostras do seu descontrole e da debilidade de sua saúde mental (“Porque, como o boneco que sai do relógio e golpeia o sino que dá as horas, você insiste em me golpear com as tuas súplicas entre minha meditação. Não estou com humor hoje de dar nada”) e finalmente rompe com seu aliado fiel: “Você me aborrece! Não estou com esse humor!” Buckingham conclui que o perigo se apresenta (“Devo me lembrar de Hastings e partir para Brecknock enquanto minha cabeça ameaçada ainda está presa ao pescoço”) e foge.

ATO 4

CENA 3

Sufocamos a obra mais doce e mais perfeita que a natureza já formou desde a criação do mundo.

Tyrell o assassino, relata o bárbaro assassinato dos infantes reais para o público: “Assim repousavam os meninos. Aninhados um no outro em seus inocentes braços. Seus lábios eram quatro rosas vermelhas no mesmo ramo, e se beijavam, um ao outro. Um livro de orações estava sobre a almofada, que por um momento quase me fez mudar de ideia.” A cena é uma comovente descrição da morte dos inocentes, revelando cada vez mais a crueldade do sanguinário Ricardo III, que logo em seguida pergunta ao assassino: “Amável Tyrrrel, ficarei feliz com as tuas notícias?”. Este responde: “Pode ficar feliz, porque está feito”.

Sozinho em cena, Ricardo resume os seus atos cruéis e compartilha com a plateia seus planos futuros:

O filho de Clarence, está preso;
A filha destinada a um mesquinho casamento;
Os filhos de Eduardo dormem junto ao peito de Abraão;
E Lady Ana minha esposa disse adeus a esse mundo
Agora, sabendo que aquele francês Richmond pretende se casar com a jovem Elizabeth, a filha de meu irmão, e com essa aliança visa a coroa. Vou cortejar a menina, com sucesso e alegria.

Ratcliff traz notícias de um exército que se forma ao redor de Richmond com o apoio de Buckingham que juntou um exército de galeses e do Bispo de Ely: “O Bispo de Ely associado a Richmond me preocupa mais que Buckingham e seus homens recrutados às pressas.” Inspira cuidados a posição contrária da Igreja Católica ao seu trono; a guerra se aproxima.

RICARDO - Devemos ser rápidos quando os traidores querem se exhibir no campo de batalha.

ATO 4

CENA 4

DUQUESA DE YORK – Tantas tristezas me quebraram a voz
E minha língua desgastada de dor está imóvel e muda.

Novamente vemos *As Rainhas Depostas*: a Duquesa de York e Elizabeth choram suas perdas enquanto Margareth as assiste nas sombras e comemora a dor das duas: “Plantageneta mata Plantageneta. Eduardo por Eduardo, pagando a dívida com a morte.”

A cena tem uma ênfase no nome Eduardo. Todos assim chamados foram mortos por Ricardo: o filho de Margareth, primeiro marido de Lady Ana, tem o mesmo nome do antigo Rei, Eduardo IV, marido de Elizabeth e filho da Duquesa de York; também assim se chamava o pequeno herdeiro.

MARGARETH – O teu filho Eduardo, que matou meu filho Eduardo, está morto; o teu outro Eduardo teu neto, morto em compensação pelo meu filho Eduardo; o jovem York serviu para arredondar a conta, porque os dois juntos não valiam a total perfeição da minha perda.

As três mães choram pelo seu Eduardo, cada uma por sua perda, mas unidas na dor. Margareth sai das sombras e pragueja com toda a sua força: “Desse canil que é teu ventre, saiu rastejando um cão do inferno que nos caça a todos até a morte. Esse cão de quatro patas antes de ter olhos, já tinha dentes para dilacerar cordeiros e beber o sangue de nobres e indefesos.”

MARGARETH - Naquela época te chamei de ornamento vão do meu destino; te chamei de pobre sombra, rainha de fantasia, mera encenação do que eu fui; apoteótico sinal de espetáculo tenebroso.

Alçada tão alto para ser derrubada depois no chão.

(...)

Fantasiada como rainha de comédia, só para compor a cena.

Onde está teu marido agora? Teus irmãos? Onde estão teus dois filhos? Onde encontra contentamento? Quem ainda suplica e se põe de joelhos e diz: ‘Deus salve a Rainha? Onde estão os nobres que se curvaram para te lisonjeia? Onde está o cortejo que se formava ao seu redor?

(...)

Aquela que dava ordens e hoje ninguém obedece.

Assim é que a roda da justiça deu mais uma volta no tempo e você foi obrigada a saltar fora, vítima do tempo, e nada te sobra fora a lembrança de quem foi, para torturar ainda mais o que você é agora. Usurpou o meu lugar, mas não vai usurpar a justa medida do meu sofrimento? O teu pescoço orgulhoso já carrega metade do meu pesado fardo, agora, esse outro fardo eu libero da minha cabeça exausta e o deixo inteiramente contigo. Adeus, esposa da Casa de York, Rainha de má sorte. Essas desgraças inglesas, me farão rir na França.

Na verticalidade da hierarquia, não há afetos genuínos, não há acolhimento, não há solidariedade. O topo da pirâmide é efêmero e o pagamento é a dor da perda de seus homens na guerra: maridos, sogros, irmãos e filhos. As Rainhas Depostas invejam umas às outras, mas todas invariavelmente encontram o mesmo fim: chorar as desgraças da guerra.

Elizabeth então se rende aos talentos de Margareth, admirando sua capacidade de não se calar e de ferir com as palavras: “Ah, minha senhora, que excelente habilidade em rogar pragas, fique um pouco mais e me ensine a amaldiçoar meus inimigos”. A Rainha Louca assim responde: “Pare de dormir a noite e passe os dias em jejum. Compare as alegrias mortas e enterradas com a dor viva e pulsante. Pense que seus meninos eram mais doces do que de verdade eram, e aquele que o matou mais imundo do que é. Maquiar a perda, torna mais hediondo o causador do mal” (*Regra ainda muito usada no direito, na construção de narrativas que criam monstros fora da realidade para provocar comoção e garantir o justicamento do inimigo*⁴⁶).

Ouvimos os clarins que anunciam a partida de Ricardo para a Guerra. A Duquesa de York e Elizabeth o detém e o acusam de todos os crimes: “Onde estão meus filhos?” “Seu sapo nojento, onde está teu irmão Clarence e o pequeno Ned Plantageneta, filho dele?” “Onde estão Rivers, Vaughan e Rey?” “Onde está o gentil Hastings?” A fala de Ricardo desqualifica as reivindicações das mulheres:

RICARDO - Não permitam que os céus escutem estas comadres desprezando a mim, o ungido de Deus! Ou se acalmam e digam a que vieram calmamente, ou com os alarmes da guerra abafarei suas queixas.

A Duquesa de York se coloca na frente da cruzada e enfrenta o próprio filho, rejeitado desde que nasceu, rogando terríveis pragas contra ele:

DUQUESA – Você chegou neste mundo para fazer da terra o meu inferno.
Teu nascimento foi um fardo penoso;
Tua infância teimosa e mau humorada;
Teus dias de escola foram assustadores, desesperados, selvagens e furiosos;
Na tua juventude foi ousado, corajosos, aventureiro;
Tua maturidade te fez orgulhosos, astuto, falso e sangrento;
Mais branda e, contudo, mais destrutivo, doce em odiar.
É capaz de citar uma única hora de conforto que eu tive em tua companhia?

⁴⁶ Justicamento como descrito por Padre Antonio Vieira: “A humanidade é o realce da justiça: entre o justo e o justiceiro há esta diferença - ambos castigam, mas o justo castiga e pesa-lhe; o justiceiro castiga e folga. O justo castiga por justiça, o justiceiro por inclinação: o justo com mais vontade absolve, que condena; o justiceiro com mais vontade condena, que absolve. A justiça está entre a piedade e a crueldade: o justo propende a ser piedoso; o justiceiro para ser cruel.” Sermões Padre Antonio Vieira, Tomo X, Pag 33, Editora JMC Seabra e T Q Antunes, 1856

(...)

Ou você morre pela justa ordem de Deus antes que seja vencedor nesta guerra, ou eu morrerei de dor com o peso da idade e não conseguirei olhar teu rosto novamente. Por isso, leva contigo a minha mais grave praga de mãe, para que ela te canse no dia da batalha mais que a armadura que você veste. As minhas rezas estão do lado adversário. E que de lá, as pequenas almas dos filhos de Eduardo sussurram aos espíritos dos teus inimigos, prometendo a eles sucesso e vitória. Você é sanguinário e será também sangrento o teu fim. A vergonha que te acompanha em vida, te espera na morte.

Ricardo chama Elizabeth para uma conversa. “Você tem uma filha de nome Elizabeth, virtuosa, bela e cheia de realeza e graciosidade.” Em tom de desespero, roga: “Deixe que ela viva e eu corromperei sua virtude, mancharei sua formosura, e me caluniarei como infiel ao leito de Eduardo. Sobre ela, lançarei o véu da infâmia. Para que ela possa viver livre do banquete de sangue, confessarei que ela não era filha de Eduardo.” Ricardo então revela sua ambição em fazer da jovem sua nova Rainha, e conta com o apoio de Elizabeth para cortejá-la.

Manda para ela, pelo mesmo homem que matou seus irmãos dois corações sangrentos e mande gravar neles: Eduardo e York. Talvez ela chore, e você aproveita para oferecer para ela, como Margareth fez com teu pai, um lenço molhado do sangue de Rutland.

Essa cena pode ser estudada em paralelo à cena de Lady Ana (Ato 1, cena 2). Como essas duas mulheres (uma jovem e inocente, a outra Rainha de forte caráter) enfrentam Ricardo? O que leva Lady Ana a aceitar sua proposta? Há outras possibilidades para as mulheres? Como resistir e enfrentar o poder absoluto de um Rei sanguinário? Esta é, para mim, uma das cenas mais importantes do enfrentamento ao tirano, uma demonstração da inteligência de Elizabeth, uma mulher madura.

Ricardo assim justifica para Elizabeth para o casamento incestuoso com a sobrinha:

Olha, o que está feito, não pode ser remendado. Os homens às vezes agem sem pensar, e mais tarde têm a oportunidade para se arrepender. Se tomei o reino dos teus filhos, quero dar este reino em reparação à tua filha. Se matei os frutos do teu ventre, vou gerar frutos do meu sangue em sua filha assim eu aumento a sua descendência. (...) Em um esforço só: uma noite de gemidos que ela deve suportar. Você passou por igual sofrimento.

Assim, revela um pensamento em nada lógico e razoável, dando uma profunda demonstração de delírio e de insanidade mental: “os seus filhos foram nojos para a sua juventude. Mas os meus, serão o conforto de sua velhice.” E conclui bestialmente: “Será novamente mãe de um Rei.” Em seguida, buscando reforçar seus argumentos, propõe, como

um agiota: “As gotas de lágrimas que derramou retornarão como pérolas do Oriente. Pagando o empréstimo com juros de 10 vezes dobrados o valor da sua felicidade. Vai então minha mãe, vá conversar com sua filha.”

Começa então o embate de palavras, que demonstra a inteligência de Elizabeth (*afinal, ela vem a ser a avó da Rainha Elizabeth, regente à época que Shakespeare encenou Ricardo III. Consequentemente, a história dos Tudors é contada heroicamente. A patrocinadora e apoiadora do seu Teatro vê em cena representados seus inimigos como vilões. Essa é a minha premissa do Ricardo III. Ele contesta o Poder se utilizando de elementos/ instrumentos que passam pela censura. Usa uma família rival como vilã e critica a religião através da igreja católica em uma Inglaterra já protestante*):

RICARDO – Mencione a paz na Inglaterra por meio desta aliança.

ELIZABETH – Que ela comprará com uma guerra infinita.

RICARDO – Diga a ela que o Rei pode dar ordens, mas está pedindo.

ELIZABETH – Pedindo a ela o que o Rei dos Reis proíbe.

(...)

RICARDO – (...) Seja advogada do meu amor por ela. Fale sobre a pessoa que eu serei, não a pessoa que eu tenho sido.

ELIZABETH – Serei tentada assim pelo demônio?

(...)

ELIZABETH – Você matou meus filhos.

RICARDO – Que eu enterro no ventre de tua filha. Naquele ninho de fênix, eles vão se reproduzir de si próprios, para que você se sinta reconfortada.

Elizabeth parte afirmando que mandará uma carta com as intenções da filha e Ricardo acredita ser vitorioso. A sós, com a plateia, revela (para que não tenhamos nenhuma dúvida a respeito de seu mau caráter e péssimas intenções): “Resignada louca, fácil de persuadir. Mulher superficial e inconstante”.

Ratcliff surge com notícias da aproximação de Richmond por mar. Ricardo mostra sinais de loucura e dá ordens sem sentido a seus comparsas; também sequestra o filho de Stanley para provocar sua lealdade. Outros mensageiros trazem notícias de adversários reunindo-se em vários locais. Ricardo parte para a guerra.

ATO 4

CENA 5

O Conde de Derby envia uma carta para seu filho Richmond através de um mensageiro, comunicando o consentimento de Elizabeth no plano do casamento de Richmond e Elizabeth. Porém, avisa que seu outro filho, George, está sob a guarda de Ricardo como prisioneiro, o que o impede de assumir um lado na batalha.

ATO 5

CENA 1

Vamos senhores, podem me levar até o tronco da vergonha

Soldados armados liderados por um xerife entram em cena com Buckingham. Ricardo se nega a falar com ele, pois sua decisão está tomada: o antes fiel aliado será executado. Buckingham então reflete sobre sua culpa e sua própria vida.

BUCKINGHAM – Então, o Dia de Finados é o dia do Juízo final para mim.
Quando Eduardo ainda era Rei desejei que este dia seria meu fim
Caso um dia tivesse provas de minha falsidade com seus filhos ou aliados da Rainha.
Este é o dia que eu desejei ser destruído
Pela falsa fidelidade daquele em quem mais confiei.

O nobre se aliara a Ricardo, omitiu-se quando Ricardo planejava destronar a Rainha Elizabeth e os herdeiros reais, nada fazendo. Lembra Margareth e como pouco a pouco as falas da Rainha Louca foram se tornando fatos: “Quando ele quebrar de dor o teu coração, lembra da profecia de Margareth”. O preço da deslealdade foi a própria vida.

A loucura de Margareth pode ser comparada à do Bobo da Corte, capaz de dizer verdades que ninguém quer ouvir. No caso desta figura muito utilizada por Shakespeare (é o Bobo que acaba conduzindo no final da vida outra personagem muito famosa do autor; o Rei Lear) o humor é o instrumento fundamental para falar verdades de uma forma que não irrite o soberano, garantindo a manutenção de sua vida (com a cabeça grudada ao pescoço). Já Margareth, como uma bruxa nas sombras, usa a sua capacidade de ver o que ninguém vê para se vingar por seus parentes mortos.

O mal, só gera o mal
E o culpado deve pagar por sua culpa.

Essa fala anuncia o fim dessa história. No último ato haverá a batalha final entre o bem e o mal.

ATO 5

CENA 2

Em marcha! Que a verdadeira esperança é veloz e voa com asas de andorinha

Richmond surge triunfal em cena, acompanhado por tambores e bandeiras, como o herói que salvará a Inglaterra do tirano Ricardo. Encontrando-se próximo ao exército do usurpador (que pode ser alcançado em apenas dia de cavalgada), o nobre se expressa com um discurso direto, popular e que promove a paz. A cena - ao contrário da anterior, que falou dos perigos da deslealdade - fala sobre as benesses da lealdade.

RICHMOND – O javali selvagem usurpador, sanguinário e miserável
Que estrangulou as suas colheitas de verão e seus vinhedos frutíferos,
Que bebe do sangue quente de vocês como se fosse lavagem,
E serve as suas entranhas abertas numa travessa.

(...)

Em nome de Deus, animem-se corajosos amigos,
Para uma colheita de paz duradoura

Através deste único combate sangrento em uma noite feroz.

OXFORD - A consciência de um homem vale por mil
Na hora de lutar contra um homicida como este.

BLUNT - Ele não tem amigos, só homens que têm medo dele;
Na hora que mais precisar, vão virar as costas para ele.

A consciência retorna como tema. No Ato 1, cena 4, o Segundo Assassino demonstra ter algum resquício desta: “está na bolsa do Duque” (referindo-se a Gloucester, nosso Ricardo). E conclui: “a consciência arruína todo aquele que ficar com ela.” Já na cena acima citada, aparece na fala de um nobre cavaleiro um ponto de vista mais valioso: “Ela vale por mil na hora de lutar contra um homicida como este.” É muito interessante como o mesmo tema pode ser retratado sob ângulos tão diversos: a fala, o pensamento, o modo de viver depende de quem fala, da personagem que representa aquele pensamento. Quem sabe esse mecanismo teria uma função de educação de ética, de valores? Se a vida é feita de sonhos, qual personagem eu sonho ser? O nobre cavaleiro que será condecorado como vencedor e promotor da paz ou como um ladrão que precisa fugir sem nem receber a fortuna prometida por um ato vil e covarde? Ambos estão lutando pela vida, porém a ética os difere: um é capaz de matar por dinheiro, por uma necessidade pessoal, pela sobrevivência; já o outro luta por uma causa, para o bem comum, por um país livre da tirania.

ATO 5

CENA 3

Nós vamos bater muito e apanhar bastante também, meu amado Rei.

Em uma das cenas da peça mais repleta de símbolos, Ricardo monta acampamento, tendo sob seu comando uma tropa três vezes maior que a de Richmond: “O nome do Rei é uma poderosa fortaleza que falta à facção adversária!”

Manter o poder contando com sua estrutura armada é mais poderoso do que se rebelar, por isso muitos acomodados se aliam a ela, mesmo sem convicção.

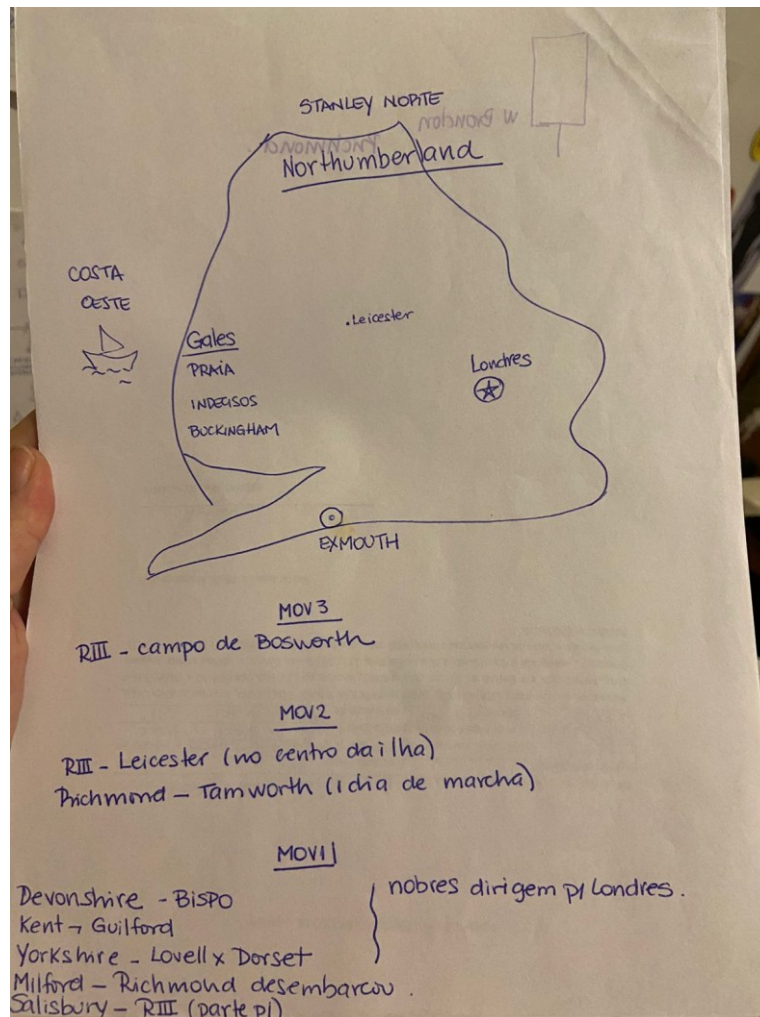
O exército de Richmond entra em cena e monta seu acampamento no palco. O campo de batalha está formado.

O senhor fica encarregado de levar meu Estandarte.

O estandarte é um símbolo muito poderoso usado nas batalhas, em diversas culturas: o brasão e as cores servem para identificar de longe qual grupo, a qual exército ele pertence, como uma bandeira de time de futebol. Enquanto o estandarte estiver erguido, a luta se mantém. Nada está perdido. Ainda hoje podemos ver sua função arquetípica: nas escolas de samba, a porta bandeira e o Mestre Sala dançam enquanto desfilam com o pavilhão da sua comunidade, com seus ideais e cultura.

Arrumem papel e tinta para a minha tenda. Vou desenhar a formação das tropas e o esquema tático da nossa batalha.

Um mapa é um recurso visual utilizado para auxiliar a contar os passos da batalha, para que o público possa compreender espacialmente a mobilidade dos exércitos. A Geografia é importante para contar essa história, e pode, num ambiente escolar, traçar possibilidades de diálogos transversais a partir desse tema. Também podemos traçar paralelos geográficos hoje, ou comparar batalhas com jogos de futebol... O que se desejar. A criatividade não tem limite.



Mapa desenhado por mim, para ser utilizado na cena na qual vemos a estratégia de guerra. Assim acompanhamos o progresso e a localização de Richmond. Excelente recurso educacional para a compreensão de mapas geográficos usado em cena por Shakespeare.

Me dê uma taça de vinho. Não tenho mais a mesma energia do entusiasmo nem o mesmo prazer que a minha mente costumava ter.

Ricardo se mostra sem apetite e ansioso por beber álcool, cheio de inseguranças e incômodos: “ajeitaram meu elmo?” “minha armadura já foi colocada em minha tenda?”

Talvez sinta o peso da idade, da insatisfação permanente. Ele mesmo percebe que sua mente enfraquece. Conseguiu a todo preço seu objetivo, ser Rei, mas não sente prazer nem segurança. A rejeição é o seu verdadeiro poder. Também paga um preço muito alto por seus objetivos e falta de escrúpulos.

A agitação de Ricardo e as caretas de júbilo com o seu próprio demonismo devem ser representadas de maneira infeciosa, ao contrário da energia de Iago, que,

naturalmente, deixa-nos perplexos e assustados. Ian McKellen, embora o melhor Ricardo III que vi no teatro, talvez, tenha desempenhado o papel com uma seriedade excessiva, representando o vilão-cômico como mescla de Iago e Macbeth. Ocorre que o Ricardo shakespeariano ainda é bastante marloviano, um mestre da persuasão verbal, e não um grande psicólogo ou um criminoso visionário. Esse Ricardo não possui qualquer dimensão interna, e quando Shakespeare tenta imbuí-lo de uma ansiedade interior, à véspera da batalha fatal, o resultado é *bathos*⁴⁷ poético e fracasso dramático. Acordando de um pesadelo, Ricardo não mais parece Ricardo, e Shakespeare tem dificuldade em representar a mudança (BLOOM, 1998, p.101).

Realmente, seria difícil imaginar um idiota chegando ao poder. Infelizmente, não é impossível. Haja visto o que passamos no Brasil, o que vimos nos EUA (que tenta retornar) e o que está ocorrendo agora na Argentina.

Cai a noite, todos dormem. O sobrenatural, muitas vezes evocado durante a peça - seja por Margareth, por Clarence em sonho ou por Buckingham na hora da execução -, agora se torna concreto para o público. O místico ganha a cena e interfere no sonho de cada adversário. Os fantasmas de Eduardo, Rei Henrique, Clarence, Rivers, Grey e Vaughan, Hastings, os dois Príncipes, Lady Ana, e Buckingham assombram Ricardo III: “Sentirá amanhã meu peso sobre a tua alma”; “Desespere e morra!”. A cena parece um filme de terror. A culpa de Ricardo se torna um pesadelo, agita seu sono e não lhe permite um descanso completo. O Rei acorda sobressaltado, receando a deslealdade de seus soldados. O trauma aparece em cena. A ruptura da mente de Ricardo atinge o seu ápice: a insônia o atormenta e podemos perceber que a rejeição está dentro dele mesmo. Assim, a loucura e o caos se instauram. O pesadelo, o pavor a embriaguez se confundem com sua realidade.

RICARDO – Um cavalo! Um cavalo! Meu reino por um cavalo!
Curem minhas feridas! Tenha piedade, Jesus.
Ah, calma. Era só um sonho.
Ah consciência covarde me atormenta.
As luzes ardem azul, é a meia noite dos mortos.
Um suor gelado de terror gruda no meu corpo que treme.
Qual o meu receio? De mim mesmo?
Não tem mais ninguém aqui.
É Ricardo ama Ricardo, ou seja, eu e eu.
Tem algum assassino aqui?
Não. Sim. Sou eu. Então fuja!
O que? De mim mesmo?
Tem uma boa razão: para que eu não me vingue.
Que? Eu próprio, contra mim próprio?
Por quê? Se eu me amo?
Por algum ato de bondade que eu tenha feito a mim mesmo?
Ah não, ai de mim, eu me odeio pelos atos odiosos que cometi.

⁴⁷ Termo que designa o ridículo de um texto que falha numa pretendida expressão apaixonada, elevada ou sublime. Difere do termo anti-clímax, que corresponde a voluntário efeito poético positivo. Derivada do Grego para ‘profundidade’, a palavra bathos foi cunhada por Alexander Pope no tratado crítico burlesco Peri Bathous, or: The Art of Sinking in Poetry (1727). <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/bathos>

Sou um ruim vilão e, no entanto, estou mentindo: não sou não!
Idiota, você tem que falar bem de você mesmo!
Idiota, não se papariques!
Minha consciência tem mil línguas e cada uma conta uma história diferente, mas todas elas me condenam como um criminoso cruel.
Acusação falsa! Acusação falsa! No mais alto grau!
Todos os pecadores diferentes, aplicados em diferentes graus, amontoam-se no tribunal, gritando: “Culpado! Culpado!”
Vou cair em desespero.
Não há criatura que me ame e se eu morrer, ninguém vai lamentar.
E porque teriam se eu próprio não encontro nenhuma compaixão por mim mesmo?
Acredito que a alma de todos aqueles que matei, vieram à minha tenda e todos eles me ameaçaram que amanhã a vingança cairia na cabeça de Ricardo.

Na mesma noite Richmond é abençoado por seus antepassados, que o encorajam em seus sonhos: “Que os bons anjos te protejam na batalha. Viva e prospere”; “Viva e gere uma linhagem feliz de Reis”; “Deus e os anjos bons lutam ao seu lado.” Sendo assim, Richmond acorda esperançoso e discursa para seus soldados, prometendo dividir os lucros auferidos na batalha com todos. Já Ricardo, em um discurso de ódio para seus soldados, encoraja o preconceito.

Esse texto me rendeu uma performance emocionante no Arpoador, durante os ensaios do Bloco Baco de Vitor Pordeus, às vésperas da eleição Lula x Bolsonaro, em 2022. Foi o primeiro texto que adaptei: removendo as questões de gênero e localidade, tornou-se um texto tão pulsante que um transeunte se sentiu convocado a entrar em cena e beijar meus pés⁴⁸.

RICHMOND – Eu teria muito mais para dizer pessoas amadas de minha terra, mas a prontidão e a necessidade do momento, me impedem de demorar. Porém, lembrem-se disso:
Os céus e a justiça estão ao nosso lado nessa batalha
As orações de pessoas santas e de almas injustiçadas,
Marcham na nossa frente como uma imensa muralha de proteção.
Com exceção do tirano Ricardo III,
Nossos oponentes, contra quem lutamos preferem nos ver vencedoras
Contra o seu próprio líder.
Afim, quem é esse líder?
Na verdade, pessoal, é um tirano sanguinário, um homicida;
Um que se ergueu com sangue e se firmou também com sangue.
Um que não poupou meios para alcançar o que tem;
E mata aqueles que utilizou como meios para seu objetivo.
Uma pedra imunda e sem valor transformada em preciosa
Só porque foi cravada na Coroa da Inglaterra.
Posto por situações falsas,
Aquele que sempre foi inimigo dos Deuses.
Que por justiça nos protegerão porque somos seus aliados.
Se suarem para derrotar um tirano, dormirão em paz,
Pois o tirano está morto.
Se lutarem contra os inimigos de nossa terra,

⁴⁸ Infelizmente a cena não foi registrada em vídeo, mas foi comentada pelo psicanalista João Bosco Camargo Millen em texto enviado a mim na ocasião.

A nossa própria terra saberá recompensar com suas riquezas.
Se as pessoas lutarem pela segurança de nossos amores.
Nossos amores nos receberão em nossas casas como vencedoras.
Se libertarem seus filhos e filhas da guerra,
Saberão recompensar vocês na velhice.
Então, em nome dos Deuses
E de todos os benefícios que vocês têm direito,
Vamos avançar nosso estandarte.
Empunhem suas espadas com convicção.
Para mim, posso vir a pagar por essa minha ousadia,
Com meu cadáver gelado na face fria da terra.
Mas se eu vencer, os ganhos dessa campanha
Serão repartidos com todas as pessoas e com cada um de vocês.
Toquem os tambores, e os clarins com coragem e alegria!

Ao contrário de Richmond, Ricardo incentiva seus soldados com discurso de ódio ao inimigo. E mais uma vez o tema da consciência aparece, desta vez com um caráter violento e bélico.

RICARDO – (...) Que pensamentos estúpidos não atormentem nossas almas.
Consciência é uma palavra que só os covardes usam,
construída para manter os fortes respeitados e temidos.
Que nossos braços sejam nossas consciências, e nossas espadas a lei!
(...) Pensem naqueles com quem entrarão em combate:
Uma raça de vagabundos, patifes e fugitivos;
Uma gentalha que chega da França e seus empregados uns camponeses
Que sua própria terra gôlfa em congestão e os vomita para cá;
Esses invasores vêm para cá em busca de aventuras sem futuro e destruição certa!
Vocês dormindo em segurança e eles trazem a baderna;
Vocês cultivando suas terras e casados com recatadas mulheres e eles querem tirar
suas terras e desonrar suas mulheres.
E quem os lidera,
Senão um sujeito insignificante que vive na França às custas do nosso irmão.
Um cachorrinho de madame!

ATO 5

CENA 4

O Rei age de maneira absolutamente delirante para um homem e desafia o adversário a todo tipo de perigo, se opõe a todos os inimigos. Seu cavalo está morto, mas ele segue a pé.

Catesby traz notícias da batalha, perdida para Ricardo III, porém ele segue a luta ensandecido. “Acho que tem seis Richmonds no campo de batalha. Eu já matei cinco deles, eu mesmo os matei. Um cavalo! Meu Reino, por um cavalo!”

ATO 5

CENA 5

O cão sanguinário está morto.

O Conde Derby traz a coroa real. O discurso de Richmond fala em anistia aos desertores, sepultamento dos mortos e seu casamento com Elizabeth, sacramentando a união da Inglaterra e semeando a paz. “Agora as feridas da guerra estão estancadas. A Paz vive novamente. Que ela possa viver por longo tempo, amém”.

CAPÍTULO 3 – AULA ESPETÁCULO

A aula-espetáculo foi gravada pelo aplicativo Zoom em 02 de novembro de 2024. Com duração de 46 minutos, encontra-se disponível no link fechado do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=ReyRZhQS2gE>

RICARDO III E AS RAINHAS DEPOSTAS

PRÓLOGO - Shakespeare escreveu e pensou a sociedade de seu tempo. Um autor excepcional que ainda hoje nos proporciona grandes questionamentos sobre a humanidade e sobre nós como indivíduos. Há quem considere a sua obra como a Bíblia da Humanidade, ao menos a Bíblia do Teatro. Não pretendo enaltecer nem desmerecer o pensamento Europeu – sou uma mulher latino-americana, mãe – e proponho um diálogo. Um diálogo como aprendi nas companhias de teatro: não há hierarquias rígidas entre nós atores. Sendo assim, somos apenas Will e eu: Patricia Pinho. Eu li o que ele escreveu, já ele não terá a mesma oportunidade. O tempo nos separa definitivamente. Para o bem e para o mau. É preciso ter olhar crítico a tudo. Vamos olhar para um tempo de uma Revolução enorme: onde Galileu Galilei comprovava o sistema solar. Antes disso, o mundo era ocupado por uma outra espécie de Terraplanistas, que acreditavam que a Terra era o centro do Universo. Assim, Deus e o Poder absoluto dos Reis são postos em questão. A Era do Humanismo tem visões interessante sobre as relações sociais, afetivas e das relações que envolvem poder. Hoje vivemos em um tempo onde as explorações planetárias são uma realidade assim como a Inteligência artificial. O Ser Humano, porém, é o mesmo. Mesmo na sua diversidade de cores, pensamentos, classes sociais, gêneros, número de seguidores no Instagram ou qualquer outro tipo de classificação. Falo de algo além da endorfina/serotonina. Falo de uma coisa que se chama alma. E Shakespeare soube muito bem falar sobre a alma humana. Como se diz hoje: *É sobre isso*.

Nesse capítulo vamos utilizar uma livre tradução que fiz a partir da série NO FEAR SHAKESPEARE – Richard III. The play plus a translation anyone can understand, (livro não editado no Brasil). Que faz uma tradução mais contemporânea, mais *xóvem*, mais legal. Um texto que caiba na boca das atrizes (sem segundas intenções. A gente falava assim. Sou antiga).

I have a dream. Meu sonho é tirar o Shakespeare da prateleira e jogar na praça pública para ser devorado. Imagino estimular, com esse trabalho, a pesquisa do texto Ricardo III para que professores de teatro do Ensino Fundamental e Médio, utilizem para a montagem de cenas, de leituras dramatizadas, saraus, apenas conversas, diálogos, exposições de arte, enfim a criatividade humana é excepcional... Imagino o Teatro como uma explosão de um estudo transversal que pode ser usada conjuntamente em aulas de Literatura, Teatro, História, Geografia, Filosofia. Montar uma peça é um grande exercício coletivo em prol do bem comum: fulaninha é chata, cicraninho é bobo mas como disse Hamlet: “O que importa é a peça”. Não podemos esquecer que o Teatro Elizabetano foi usado como instrumento educativo na Inglaterra. Podemos dizer, inclusive, que o Teatro criou a língua inglesa. E a língua também é a cultura social, seus preconceitos e as suas crueldades.

De uma forma popular, como Shakespeare era em sua época. Assim minha ambição: que o público receba essa história como quem vê *reality show*, ou como o caso do rapper americano Diddy... (Não, eu não tenho a menor ideia do que se trata).

Vamos à peça: Ricardo III. Ele deseja o poder absoluto. Poder que é destinado a seu irmão, não a ele. Ainda mais ele, que nasceu torto e é rejeitado. Podemos ver como se organiza uma sociedade com a manutenção de privilégios da sociedade hierárquica dos nobres feudais – donos de terra. Tem o Rei, o irmão do Rei, o Primo do Rei, o tio do Primo do Rei, o irmão do vizinho do primo do tio do Rei. As mulheres apenas parem de seus maridos. E parem (do verbo parir, não do *Parem de Falar mal da rotina* da Elisa Lucinda).

Acontece que o mundo gira e um dia o irmão do vizinho do primo do tio do Rei compra um título de nobreza mais importante que o do tio do Rei... Ou seja: o sangue real do tio do Rei – que é um sangue Divino, afinal o Rei é Deus - passa a valer menos que o dinheiro que comprou o título superior ao seu. O valor da vida se mistura ao do Capital. E a vida de quem não tem valor nem títulos nem capital não importa nada nessa sociedade. Ricardo III fala sobre a ascensão de uma nova classe social: a dos comerciantes exploradores das Grandes Navegações. Um novo grupo ocupa o centro do poder. E de onde vem esse capital enobrecedor de almas? Das grandes navegações e dos lucros obtidos com a extração de riquezas naturais de África e América. Do nosso ouro, da nossa Terra, pagos com o preço das nossas vidas (esse fenômeno depois se repetirá na Barra da Tijuca nos anos 80: são chamados de os novos ricos).

Ricardo III fica sozinho no palco. Olha para nós da plateia e nos revela os seus “pensamentos mais profundos”. Está obcecado com o poder e sem nenhum pudor nos esclarece logo na primeira cena: “Eu sou um vilão”. E nos expõe os seus métodos, seu modo de agir para obter o que quer. Podemos ver em cena como ele manipula as pessoas, cria situações, causa intrigas entre outras personagens. Podemos lamentar a sorte da jovem viúva que ele seduz; podemos ver como coloca os seus dois irmãos um contra o outro. Mais que isso, podemos ver aquilo que ele esconde das demais personagens ao seu redor: a sombra da sua humanidade.

A tristeza paralisa as horas e as estações. Ela inverte os fenômenos - a noite se transforma em manhã e o meio-dia em noite. A única glória que os príncipes têm de verdade, são seus títulos. Aparentemente desfrutam de prazeres que nos fazem acreditar que estão aproveitando a vida, mas vivem um mundo inteiro governado pela ansiedade. A fama é a única diferença entre eles e os camponeses.

Carcereiro - Cena 4, Ato 1

Também podemos ver em cena como as mulheres estão presas a papéis sociais; nessa época a única função social da mulher era parir: ser mãe. Ou seja: mulher sem útero, na menopausa... o que quer que seja... Uma mulher incapaz de gerar um herdeiro “com pirú” era descartada. Sua vida não valia mais nada. Todas elas são submetidas a destinos cruéis: sem autonomia, independência e poder de gerir sobre as suas vidas; sem liberdade de escolhas; onde o Poder lhes é negado. A não ser que na época fosse uma bruxa – no texto temos uma bruxa importante no desfecho trágico da peça. Há uma previsão: a letra G seria o assassino dos filhos do Rei. Assim o Rei mandou prender o Duque de Clarence, porque se chamava George. Mas deixou escapar o Duque de Gloucester, o nosso Ricardo. O ponto G é realmente difícil de

explicar. Além disso temos o papel social de prostituta – representado pela Senhora Shore que era conhecida amante do Rei; E o Camareiro Mor – uma espécie de antigo Conselheiro Real Mor – ou seja mais importante ainda que o Conselheiro que não é Mor: Um é “Vipão” e o outro é “Vipinho” – também era amante dessa mulher. Uma espécie de trisal que causaria um escândalo sexual tremendo na época porque o que importa mesmo é saber quem está transando com quem. Caráter, inteligência, sabedoria e bondade não são valores que pesariam na balança do poder. Nessa peça eles não citam nenhuma freira, mas a gente sabe que elas existiam, assim como as moças de taberna. As de teatro também não existiam na Inglaterra dessa época - apenas atores homens atuam travestidos. Os mais jovens e bonitos representariam as mais jovens como Lady Ane e a mais velhas e trágicas poderiam ser as Duquesas de York (a mãe de Ricardo) e Margareth, a louca. Elizabeth poderia ter sido feita pelo mesmo ator que fez Hamlet. O que nos importa não é esse ponto, mas o das personagens: as Rainhas Depostas. Elas apenas choram suas perdas. Impedidas de transgredir, não podem interferir no destino. A elas só cabe o papel daquelas que choram as mortes daqueles com quem se casaram. Acrescido da tragédia antinatural: vêm à cena chorar pelas vidas daqueles que pariram, ou lamentar o fim da sua própria vida.

Ricardo III foi escrita em 1592/1593 e retrata personagens e situações históricas de cem anos antes: 1452/1485. Retratar o conhecido inimigo da família reinante como um vilão é muito inteligente, permite ao mesmo tempo burlar a censura e criticar o poder absoluto dos Reis. Assim esse registro conseguiu sobreviver às fogueiras e pode nos ser útil nos dias de hoje. A Igreja Católica (que era a religião oficial no tempo de Ricardo) é duramente criticada na Inglaterra Protestante (criada depois pelo avô da atual Rainha). Independente do dogma os recursos para a dominação religiosa criticados no texto são os mesmos. E pasmem! São os mesmos ainda hoje. Esse salto de cem anos foi muito grande para as mulheres. Em 1452 são apenas vítimas do destino, incapazes de arbitrar sobre suas vidas. Em 1592, Elizabeth era a Regente da Inglaterra, do Reino Unido. Historiadores divergem se o autor estaria “babando o ovo” daquela que patrocinava seu Teatro. Nossa, que termo chulo! Terei que usar aspas, vou anotar aqui, estou escrevendo um registro acadêmico. Ovos e meio acadêmico podem gerar polêmicas... Babando, ou não ... as antepassadas da Rainha Elizabeth. A Elizabeth (não sei se é tataravó ou avó da tataravó.... esses registros familiares nunca foram queimados como os nossos que fomos submetidos a um apagamento de nossa história e desimportância das nossas vidas. Mas a hierarquia social passa pela preservação dessas memórias e ostentação dessas redes familiares: o tio do primo do Rei que estudou na mesma escola que o filho do irmão do tio avô do Rei que vem a ser o sobrinho-neto do irmão do primo do Rei....) Me perdi aqui... O que importa é todo mundo fez *Tablado*. O que facilita muito a gente entender é que todas elas se chamam Elizabeth. Reforçando o nome para não sair da memória. É quase um slogan: É Elizabeth, é avó Elizabeth da Rainha Elizabeth. As mulheres entraram na árvore genealógica do Poder. Chamada no texto de “bruxa interesseira” por Ricardo, de “sem modos” pela Duquesa esnobe, de Rainha “de porta retrato” por Margareth, a bisavó da Rainha Elizabeth aparece em cena com Ricardo já alucinado e delirante pelo poder. Ele tenta convencê-la a incentivar o incesto pedófilo entre sua filha Elizabeth, quer será bisavó da Rainha Elizabeth e a primeira Elizabeth da *Era Tudor*. Como agora estamos mudando de Eras. Saindo da Era de Peixes e entrando na Era de Aquário. Imagine que a mudança de Era é maior que mudança de séculos. Me pergunto se está possível de compreender? Parece um programa de televisão, como *Casos de família*, versão medieval. O que eu quero deixar registrado claramente é que: as Elizabeth retratadas na peça são mulheres capazes de enfrentar o tirano perverso. São mulheres

que podem nos aconselhar ainda hoje, porque elas tiveram o coração dilacerado. Ricardo tem o lugar de fala do vilão. Elizabeth ensina, a nós mulheres, como ela sobreviveu devido ao bom uso da sua inteligência. Como ao invés de “cair na lábia” do tirano, ela “atuou fazendo o papel de indecisa” e fez com que Ricardo acreditasse na sua atuação. Um jogo cênico muito bem desenvolvido. Ela convenceu o tirano perverso, ludibriou, enganou. Ela fez o “cara de otário”. Ela venceu. Em um português bem claro vou dizer: “A Elizabeth aqui não é passada para trás”. E assim nós mulheres também podemos beber desse legado para a nossa sobrevivência e para derrotar o inimigo. Eu quero matar o Ricardo III que há em mim.

Ricardo III é uma das peças mais extensas da obra do bardo, com 5 Atos só “perde” para *Hamlet*. Fora Ricardo e sua escoliose histórica, nenhuma personagem é descrita fisicamente. Qualquer corpo pode ser designado a fazer qualquer personagem. E o número de personagens surpreende imensamente. Eu contei 56 personagens, digo personagens com fala. Figuração e personagens citados eu tirei do meu *casting*. Um número de elenco impensável nos dias de hoje, a não ser com o objetivo de entrar para o Guinness. Imagine uma produção dessas atualmente: quanta geração de emprego! Podemos ver pequenas personagens que aparecem apenas em pequenas cenas. Essas pequenas personagens são vozes da classe trabalhadora. Já ouvimos o carcereiro que não vê diferença nas angústias do irmão do Rei e das suas. Temos uma cena muito curta, o solo de um escrivão. Coloquei até uns cacos, já que é uma coisa muito comum entre nós atores.

Aqui está a condenação do nosso bom Conselheiro Mor, lavrada como deve ser em caligrafia oficial, letra legível e ampliada em um bom tamanho, para que possa qualquer pessoa que passe na frente da Catedral possa ler. Veja bem como as coisas se encadeiam e se encaixam: eu gastei onze horas para copiar esse documento que me enviaram ontem à noite. Quem enviou foi o Criado do Seu Ricardo. Mas pensa comigo: esse original levou o mesmo tempo para ser redigido, *ou seja, mais onze horas. Soma aí onze com onze já dá 22 horas. Mas, porém, não obstante*, a apenas cinco horas o conselheiro Mor ainda estava vivo, inocente, sem julgamento e em liberdade. Belo mundo este em que vivemos! Qualquer besta pode perceber essa fraude. Mas quem teria coragem e denunciaria o que está errado? O mundo é mau, todas as coisas acabam no mal quando participamos dessas falcatruas obrigados com o nosso silêncio.

ESCRIVÃO. ATO III CENA VI

A pequena cena do escrivão não pode ser cortada, ela nos revela que há fraude na justiça. E que o silêncio dos omissos colabora para o crime. Tem tantos exemplos... o Prefeito que parece uma tiazona do whats app e passa adiante uma *fake news*. Muito moderno esse texto. E os dois assassinos vão até Clarence são personagens sem nome – Primeiro e Segundo Assassino – mas diferem no carácter.

PRIMEIRO ASSASSINO - Onde está a sua consciência agora?

SEGUNDA ASSASSINO - Na bolsa do Ricardo.

PRIMEIRO ASSASSINO - Quando ele abrir a bolsa para entregar nossa recompensa, a sua consciência vai simplesmente voar para longe *como uma pomba?*

SEGUNDO ASSASSINO - Ela que vá embora. Poucos tem consciência, talvez ninguém.

PRIMEIRO ASSASSINO - E se ela volta para você?

SEGUNDO ASSASSINO - Não quero nada com ela, a consciência deixa os homens covardes. Um homem não pode nem roubar que ela vem acusando; um homem não pode xingar ninguém que ela fica ali censurando; você imagina que um homem não pode comer a mulher do vizinho que a consciência fica ali... *ah você está me traindo!* Uma alma envergonhada, que cora, uma perturbação no peito de um homem. Tudo é dificuldade! Nada pode! Uma vez, essa maldita consciência me fez entregar uma bolsa de ouro. Eu encontrei a bolsa por acaso, *quando vi estava na minha mão.* A consciência prejudica muito quem se casa com ela. Foi banida da cidade, expulsa, *cancelada.* Considerada perigosa. Todo homem que pretende viver bem, que confia em si mesmo, tem que dispensar essa companheira da sua vida.

Primeiro e Segundo Assassino - Ato 1, cena 4

Ricardo III é um vilão abominável, assassino cruel e tirano – um psicopata social. Porém também é uma personagem fascinante porque, para além da vilania, nos faz refletir sobre o desejo pelo poder, sobre a discriminação social por causa de seu aspecto, sobre rejeição e principalmente sobre os danos psicológicos e as neuroses e traumas que a guerra gera. Ricardo não conhece a paz, a Guerra das Rosas durou 20 anos. “Mais difícil que chegar ao poder, é abandonar o poder.” A guerra é muito lucrativa para alguns, mas deve ser combatida por perpetuar os traumas que geram as doenças mentais: neuroses e psicoses e a destruição do ser humano e do planeta, só por isso sou contra. Precisamos combater a guerra. A arte propaga a paz.

A Idade Média foi um período de trevas. Guerras, epidemias, onde pessoas eram mortas por suas opiniões, cultura e religião. Um mundo muito distante? Assim como o Humanismo acredita que o ser pode se lapidar como um diamante, acredito que precisamos lutar para preservar nossa diversidade, nossos direitos legais, cidadania e capacidade de diálogo. Que o ser humano possa ser pleno na sua potência e ser feliz. Sem esquecer do aviso de Brecht: “a cadela do fascismo está sempre no cio”.

Meu foco são as mulheres desta história. Amir Haddad as batizou assim: As Rainhas Depostas. São personagens-arquétipos-femininos de mulheres oprimidas. Parto da premissa de que o texto foi escrito por um homem de outra época, onde as mulheres podiam sequer atuar em suas peças. Não sei sequer se era um local adequado para uma mulher estar na plateia. Essas quatro Rainhas precisam ser estudadas sobre o ponto de vista de como eram percebidas. Os homens as viam assim. *Dramaturgia é tudo aquilo que não está no texto, mas que só podemos acessar a partir do texto.* Aprendi assim. E a dramaturgia se completa com a leitura crítica do ator, dos seus afetos e da sua dimensão do mundo. Uma atriz poderia fazer o papel de Ricardo III ou o compreendemos apenas como um “brinquedo de menino?” Me vem a voz de Camila Amado ao ouvido soprar a citação de Terêncio que ela tanto apreciava: “Nada do que é humano, me é estranho”.

CENA 1 - LADY ANA

RICARDO III SOZINHO EM CENA NO ATO 1 CENA 1.

Que Deus tome o Rei Eduardo em sua misericórdia e deixe o mundo aqui para eu agitar.

O Rei Eduardo, seu irmão, e que ocupa o trono neste momento, está gravemente enfermo. Ao invés de chorar o estado dele, Ricardo vê essa situação como uma oportunidade de atingir a seus objetivos pelo poder.

Daí eu caso com a filha mais nova do General.

A personagem Lady Ana não tem nome. Ela é a filha mais nova do General. Quem é o General Warwick? Por se tratar de uma personagem real, verídica podemos obter informações de historiadores a respeito. Imaginemos que essas informações eram do conhecimento geral do público. Assim como a História da Família “Real” é contada como a única história do Brasil e todo mundo sabe que a Princesa Isabel era a filha de Dom João ou Dom Pedro, de um ou de outro. Para nosso propósito, como somos “xóvens”, mas não o suficiente para usar o Chat GPT - uma consulta breve no Wikipedia basta. Conde de Warwick. Richard Neville tinha o apelido de “Fazedor de Reis”. Era um nobre, administrador e comandante militar. Na Guerra das Rosas, lutou ao lado da família York. A conquista de Eduardo IV se deve a muitas batalhas ganhas por ele. Também conhecido como “O influente”. Ricardo mirava no pai e usava a filha como isca.

E daí que eu matei o marido e o sogro dela?

Lady Ana era casada com Príncipe Eduardo, que seria o herdeiro do Rei Henrique VI, nora de Margareth. Ana seria a futura Rainha da Inglaterra se não fosse o destino trágico de seu marido – morto por Ricardo, em campo de batalha, pelo trono. É sabido que ele matou seus dois entes, mesmo assim ele não vê nenhum problema em se aproximar dela. E daí? Ah que saco! Sou livre!

Se eu fiz algum mal à moça, o melhor remédio é me casar com ela. Posso ser um marido ou como um pai.

Ela se encontra em situação muito vulnerável. Perder o marido e o sogro, além de perder um Rei, é estar à mercê de seu destino. Para quem seria Rainha da Inglaterra... o mal feito a ela é realmente muito grande. Ao invés de ser coroada e sentar no trono real, está abandonada à própria sorte. Vale ressaltar que o destino de uma mulher naquela época seria: a maternidade - a única “utilidade” social para uma mulher -; ou servir a Deus, o que significava viver enclausurada em conventos. Uma sinhazinha dessa dificilmente iria parar nas ruas por desacato. Ela é filha do General, não é nenhuma bastarda.

É isso que eu vou fazer! Vou me casar, mas não por é por amor, não. Eu tenho um objetivo muito secreto.

“Não é por amor, não!” Guardem essa frase. Ele nos avisa que o que o motiva, não são seus sentimentos. Não é o amor que o impulsiona a agir, mas um interesse, um objetivo secreto. Quando ele performar uma crise de choro e se ajoelhar aos pés de Lady Ana de peito aberto para que ela crave em seu peito um punhal em uma desesperada cena de amorosa, a plateia se lembrará dessa fala: “Não é por amor não!” Nós que compactuamos com seus pensamentos mais profundos, já sabemos que se trata de manipulação emocional, unicamente para conquistar o Poder. Ricardo se utiliza de Lady Ane e depois a descarta, quando ela não mais o interessar, quando já atingiu seus objetivos. Será que a plateia torcia por ela? Tentava avisar à moça? Como seria essa plateia hoje? Uma interessante pesquisa de comportamento social.

LADY ANA – O QUE ELA NOS DIZ. A PARTIR DE SUAS FALAS.

LADY ANA – O homem com quem estou casada agora, quando se aproximou de mim, mal tinha lavado o sangue das mãos por ter matado meu primeiro marido, aquele anjo, matou também o meu sogro, um santo que eu estava acompanhando seu corpo para o enterro.

No Ato 4, cena 1, Lady Ana está com as outras Rainhas – Elizabeth e Duquesa de York e desabafa sobre Ricardo. Lastima seu destino. Seu sentimento pelo primeiro marido é muito bondoso: “um anjo”. Define seu sogro como “um santo”. Já ao atual marido, o desprezo aparece na definição: “o homem com quem estou casada agora”. É um fato. Não tem carinho, nem afeição. É uma relação fria e dura. Um negócio. Protocolar. A maioria dos casamentos de então eram assim: por interesses, acordos.

Vou dizer o que desejei quando olhei para o rosto de Ricardo: "Quero que você seja amaldiçoado por me deixar viúva tão jovem. E quando você se casar, que a tristeza assombre a sua cama. Espero que sua esposa - se alguma mulher for louca o suficiente para se casar com você - fique mais miserável pelo fato de você estar vivo do que você me deixou ao matar meu marido!"

Lady Ana abre seu coração com as outras mulheres, deixando claro que ela sabia que ele foi o assassino que arruinou a sua vida. E roga uma praga: que o futuro casamento dele seja tão infeliz quanto ela está naquele momento.

E então, o que aconteceu? Antes mesmo que eu tivesse tempo de repetir a maldição, meu coração de mulher foi capturado por suas palavras doces e espertas. Tornei-me vítima da minha própria maldição.

O seu coração de mulher se deixa seduzir por palavras doces. Se tivesse coração de galinha talvez tivesse virado espeto. Mas além desse lugar comum, vou usar o arquétipo feminino água/terra da emoção/matéria. Para Ricardo usarei o arquétipo masculino ar/fogo, já que ele é conduzido pela razão/impulso para alcançar seus objetivos. Dominada pelos sentimentos de raiva, pela emoção, cai na manipulação emocional que ele provoca. Essa visão do feminino como sentimental e pouco racional é o que destrói a vida dela, faz com que ela não seja ativamente responsável pela sua sobrevivência. Ao acaso do destino. Não se governa.

A grande questão desta personagem é: por que ela se deixa seduzir? Como ela caiu no golpe? Abrirei essa oportunidade para contar uma história atual. Uma amiga querida de 85 anos que caiu em um golpe bancário: ela entregou o cartão do banco com a senha para um motoboy com capacete que foi até a sua residência. A primeira pergunta que ela se fez foi: como eu caí nesse golpe? A culpa e a vergonha foram abandonadas depois de ouvir o delegado de polícia que conversou com ela: “minha senhora, esse golpista é um profissional. Tem muitas artimanhas e experiência para convencer”. Manipulação emocional, mental. Ricardo é um profissional.

Depois que eu me casei, não durmo mais. Não consigo dormir na cama com ele. Toda hora ele me acorda com pesadelos terríveis.

Os pesadelos de Ricardo. O pensamento popular sobre o homem mau, que cometeu algum crime pergunta: “como ele dorme à noite?” E nessa fala de Lady Ana, fica evidente o inferno interior desse homem que não descansa. Não dorme, insone. Cheio de pesadelos, traumas, rejeições. O que acontece com Lady Ana depois de tanta provação de sono? São muitos os danos psicológicos desse convívio. A mente explode.

MONÓLOGO DE LADY ANA – (ELA CONTA A SUA HISTÓRIA CONFUSAMENTE. AS FALAS DA PERSONAGEM ESTÃO LANÇADAS COMO POESIA DADAÍSTA A ATRIZ, PORÉM, SABENDO O CONTEXTO DE CADA FALA FARÁ COMO UM CLIPE DE VÁRIAS CENAS. LADY ANA SURTA.)

- (REZA) Oh meu Deus! Deus que criou esse sangue, que vingue a sua morte! Oh Terra! Que bebe esse sangue, vinga a sua morte. Que os relâmpagos do céu fulminem o assassino, ou que a Terra se abra e subitamente o devore, tal como a Terra engoliu o sangue deste bondoso Rei.

- (VOZ DE RICARDO) A beleza que não me dava paz nos meus sonhos,

- (RAIVA) A Rainha Margareth viu o teu punhal assassino fumegando do sangue dele!

- (CHORA) Coitada de mim...

- (ESPERANÇA) Então eles não foram assassinados.

- (PRAGUEJA) Ele está no céu, onde você nunca VAI ENTRAR.

- (VOZ DE RICARDO) Mas estão mortos, e por você.

- (ESPERANÇA) Então ele está vivo.

- (PRAGUEJA) Que a insônia caia sobre a cama onde te deitar.

- (VOZ DE RICARDO) não seria o causador tão culpado quanto o executor?

- (VOZ DE RICARDO) Nunca supliquei a amigo, a inimigo, minha língua nunca experimentou palavras doces, suaves.

- (VOZ DE RICARDO) o meu orgulhoso coração suplica, e força a minha língua a falar.
- O que? Tremem? Tem medo?
- (FANTASMAGÓRICA) Amanhã, durante a batalha, pensa em mim e deixe cair a tua espada sem fio, que você se desespere e morra.
- (ASSOMBRADA) Vejam! Vejam como as feridas do falecido Rei abrem suas bocas congeladas e sangram novamente.
- (SINCERA) Eu queria poder ver dentro do teu coração.
- (VOZ DE Ricardo) Ele está refletido na minha língua.
- (SINCERA) Temo que ambos, coração e língua sejam falsos.
- (VOZ DE RICARDO) Então nunca homem nenhum foi verdadeiro. ⁴⁹

Cena 2 - MARGARETH

A COROA

A ATRIZ É CAMBONADA PARA A CENA DA RAINHA MARGARETH. BOTA A COROA DA RAINHA CIGANA. (MÚSICA Rainha Cigana – Juliana D Passos. <https://www.youtube.com/watch?v=QD9Bum-CY-Q>)

A Coroa Real é um objeto muito valioso, talvez seja o mais simbólico da Hierarquia Social da elite inglesa. Ela representa O Poder. Apenas uma pessoa a usa. Para nós, que nascemos na América Latina, este símbolo nada nos diz. Podemos ver o Rei Momo no Carnaval, quando é coroado a folia do povo e a ele é entregue a chave da cidade. Também existem muitas Rainhas e seus mistérios. Margareth foi casada com Rei Henrique VI e mãe de Eduardo Príncipe de Gales, sogra de Lady Ane. Assassinados por Ricardo. Ela representa a Loucura. Melhor mito para compreender o Dioniso sombrio: projeta um futuro aterrorizante e trágico a todos ao seu redor. Ela difere do Bobo da Corte, que com sua malandragem e sinceridade do povo da rua, sabe falar até as piores verdades para o Rei. Um Bom Bobo da Corte é enaltecido. Ele não enaltece o Rei, sua função é abrir os seus olhos. Já Margareth pode ser comparada também ao Mito de Hécuba: a que tudo dá e tudo tira. Margareth roga pragas. Frequenta a corte, destrutada, desprezada, louca, vive nas sombras.

- Nem mãe, nem esposa, nem Rainha estimada da Inglaterra.

MARGARETH - Podem as maldições atravessar as nuvens e chegar até o céu? Ora, mas então, com licença, nuvens pesadas e sombrias, deem passagem as minhas pragas, intensas e de rápido

⁴⁹ SHAKESPEARE, William / edited by John Crowter. NO FEAR SHAKESPEARE – RICHARD III. The play plus a translation anyone can understand. Spark Publishing, 2004.

efeito: já que não pode ser na guerra, que seu rei morra de excessos, assim como morreu o meu quando foi arrancado do trono. Que Eduardo, teu filho, morra na sua juventude, vítima de violência precoce, teu Príncipe de Gales; assim como morreu Eduardo meu filho, meu Príncipe de Gales, morto vítima de uma violência igualmente precoce. Que você sobreviva, assim como vivo eu, que fui rainha; que a tua glória seja como a minha: desgraçada. Que a sua vida seja longa para chorar eternamente a morte de teus filhos; e que vejas uma outra qualquer, como eu te vejo agora, ornada de seus títulos, sentada no trono que é meu. Que morram os teus dias felizes muito tempo antes da tua própria morte, e que, depois de muitas e muitas intermináveis horas de luto e dor, você morra. Já não é nem mãe, nem esposa, nem Rainha da Inglaterra.

MARGARETH – (PARA A CORTE) Ouçam seus pilantras, que se batem boca uns com os outros com picuinhas e desavenças repartindo tudo aquilo que roubaram de mim. Quem de vocês não estremece quando me olha?

MARGARETH - Mas o que? Estavam rosnando uns aos outros antes de eu chegar, prontos para se esgoelarem, e agora todos viram seu ódio contra mim? Coloquem-se em seus lugares! Curvem-se diante de mim. Ensinem-me a ser sua rainha e vocês meus súditos.

MARGARETH - Oh, se a essa nobreza e arrogância recém comprada pudesse compreender. *Mais difícil que chegar ao poder é abandonar o poder.*

MARGARETH - Ninguém teve a menor piedade comigo, e minhas esperanças foram vergonhosamente destruídas. Minha piedade é raiva, e minha vergonha é vida. É nessa vergonha que vive a fúria das minhas mágoas.

MARGARETH - Tome cuidado com aquele cão! Quando ele nos afaga, morde; e quando morde, o seu dente que destila veneno abre o caminho para morte por infecção. Não faça trato com ele, tenha cuidado com ele. O pecado, a morte e o inferno gravaram nele os seus sinais e todos os ministros do inferno o obedecem.

MARGARETH – (A ATRIZ PEGA SEU CELULAR, ENTRA NO APLICATIVO INSTAGRAM E COMEÇA A FAZER UM STORIE AO VIVO) Então você despreza o meu conselho de amiga e incensa o diabo sobre o qual estou te advertindo? Lembre-se bem disto mais adiante, quando o seu coração estiver partido de tanta tristeza, diga: a pobre Margareth foi uma profetisa. Vivam, todos e cada um de vocês, como súditos do ódio de Ricardo, e ele, súdito do ódio de vocês, e todos vocês súditos do ódio de Deus. (SAI DO APLICATIVO E DE CENA.)

CENA 3 - A DUQUESA DE YORK – A MÃE DO ASSASSINO

MUSICA AGNALDO TIMÓTEO – MAMÃE ESTOU TÃO FELIZ. ENQUANTO A MÃE DE RICARDO O VELA.

https://www.youtube.com/watch?v=0q_hEbueQDo .

“Acordei trêmula e me sentindo muito mal, mas acredito que tenha sido melhor assim. Ele está morto, como eu desejei durante a maldição, e eu tenho que aceitar que praga de mãe tem muita força.

Mas o que me incomoda tanto? Se não consegui amar meu filho, por que estou sofrendo com sua morte? Era um tirano!

Ricardo veio ao mundo para fazer da minha vida um inferno! Seu nascimento foi para mim um fardo insuportável!

Eu não podia exibi-lo na Corte porque os comentários eram terríveis: — Soube do bebê da condessa?!... Dizem que é monstruoso... Deve ser castigo de Deus.

Não consegui amá-lo.

Eu o vi crescer cada vez mais cruel e dissimulado, e o que era repulsa em mim se transformou em ódio.

Por isso, supliquei aos céus: Ou morre você nessa guerra ou morro eu pra nunca mais ver seu rosto cínico e perverso. Leva contigo a minha maldição, que vai pesar mais do que sua armadura na batalha.

Morra, animal sanguinário! Ele está morto. Nós estamos livres!

Mas por que faz tanto frio?”

Leda Lessa criou o Texto *Mãe de Ricardo III um tanto improvisado* a partir do ponto de vista da mãe do vilão no momento final da peça, depois de sua morte.

CENA 4 - ELIZABETH

ELIZABETH OUVI A GRAVAÇÃO COM A VOZ DE RICARDO

(RICARDO OFF) - Isso é o que acontece quando os homens são dominados pelas mulheres. Não foi o Rei quem mandou te prender na Torre, mas aquela desquitada. Acho que, se queremos nos manter nas boas graças do Rei, vamos ter que engolir essa viúva ciumenta e gasta. Somos míseros servos da Rainha, somos forçados a obedecer.

ELIZABETH VAI COLOCANDO MUITAS JÓIAS DA RAINHA. ARGOLAS DE OURO, COLARES, PULSEIRAS E ANÉIS. EXAGERADA.

ELIZABETH - Meu irmão, você me calunia vergonhosamente com acusações falsas, que é para me incluir nas suas infames suspeitas. Você tem inveja porque eu e meus amigos subimos na vida. Que Deus permita que eu nunca precise de você. *Pelos céus*, juro que levarei agora mesmo ao conhecimento de Vossa Majestade estes insultos estúpidos que tenho aturado tantas e tantas vezes. Preferia ser uma camponesa ou um serviçal a ser uma Rainha em tais circunstâncias, maltratada, escarnecida e ultrajada. Bem pouca alegria eu sinto em ser a Rainha da Inglaterra.

(CAI EM SI)

O que será de mim quando ele morrer?

Perder um amo e senhor deste quilate é tudo de ruim para mim.

Oh, meu filho o Príncipe herdeiro é muito jovem e por ser menor de idade, fica sob a tutela de Ricardo, um homem que não gosta de mim.

(ESCOVA O CABELO QUE FICA CADA VEZ MAIS DESGRENHADO AO REDOR DAS ORELHAS.)

(VOZ DE MARGARETH) Nem mãe, nem esposa, nem Rainha estimada da Inglaterra.

ELIZABETH - Ah, e quem vai me impedir de gemer e chorar? Eduardo, meu amo e senhor, teu filho, nosso Rei, morreu. Por que continuam crescendo os galhos quando a raiz se foi? Por que não secam as folhas que necessitam da seiva?

Ai de mim, já vejo a ruína da minha Casa. Benvindos, destruição, sangue e massacre! Já posso ver como num mapa, o fim de tudo.

Castelo de construção tão antiga

tenha pena dessas crianças tão pequenas,

que a inveja encarcerou dentro de seus muros;

Severa companhia para os jovens príncipes, cuida bem dos meus queridos.

E assim a louca dor se despede de suas pedras.

Deus, é seu desejo abandonar dois gentis cordeiros nas entranhas dos lobos? Estava dormindo quando isso aconteceu?

ELIZABETH - Ah Margareth, que excelente habilidade em rogar pragas, me ensine a amaldiçoar meus inimigos.

MARGARETH - Pare de dormir a noite e passe os dias em jejum. Compare as alegrias mortas e enterradas com a dor viva e pulsante. Pense que seus meninos eram mais doces do que de verdade eram, e aquele que os matou mais imundo do que é. Maquiar a perda, torna mais hediondo o causador do mal. Pensando nisso, aprenderá a maldizer. Tuas dores saberão afiar tuas palavras, e elas serão cruéis, como as minhas.

ELIZABETH – Ah Ricardo! Mas se não fosse o constante sofrimento ter domesticado a selvageria da dor, minha língua não estaria pronunciando o nome dos meus meninos, aos teus ouvidos antes da minha unha ancorar em teus olhos, e que eu nessa enseada de morte e desespero, miserável barco sem velas e sem remos, me despedaçasse contra teu rochoso peito.

ELIZABETH COMEÇA A SE MAQUIAR. ENSAIA SUAS FALAS NA FRENTE DO ESPELHO.

ELIZABETH - Como você poderia cortejar a menina? Você quer aprender comigo? Manda para ela, pelo mesmo homem que matou seus irmãos, dois corações sangrando e mande gravar neles “Eduardo” e “York”. Talvez ela chore, e você aproveita para oferecer a ela, como Margareth fez com teu pai, um lenço molhado do sangue do teu irmão mais novo. Diga a ela que a seiva vermelha é o sangue do seu doce irmão e peça que ela enxugue os olhos lacrimosos. Ou então mande a ela uma carta contando teus feitos: diga a ela que você matou o Tio Clarence e o Primo da mamãe. Ah sim, diga também que foi por amor a ela que você encurtou a vida da sua boa tia Ana.

ELIZABETH - O que eu devo dizer a ela sobre isso? Que o irmão do seu pai será seu amo e esposo? Ou devo dizer seu tio? Ou aquele que assassinou seus irmãos e seus tios? Qual título usarei para em teu nome cortejar de modo que Deus, a lei, minha honra e seu amor possam parecer amável à sua inocência?

(OFF REI RICARDO) - Mencione a Paz na Inglaterra por meio desta aliança.

ELIZABETH - Que ela comprará com uma guerra infinita.

(OFF REI RICARDO) - Diga a ela que o Rei pode dar ordens, mas as está pedindo.

ELIZABETH - Pedindo a ela, o que o Rei dos Reis proíbe.

(REI RICARDO) - Diga que ela será uma Rainha poderosa.

ELIZABETH - Para depois ceder o título a outra, como sua mãe.

(REI RICARDO) - Diga que eu a amarei para sempre.

ELIZABETH - Essa eternidade quanto tempo dura?

(REI RICARDO) - Se for doce, viverá até o fim da sua vida.

ELIZABETH - Serei tentada assim pelo demônio?

ELIZABETH - Devo esquecer de ser eu mesma?

ELIZABETH – Ricardo, você matou meus filhos.

ELIZABETH - Devo preparar minha filha para fazer a tua vontade?

ELIZABETH - Vou embora. Mandarei notícias por carta e em breve você vai saber por mim a resposta da menina.

(OFF REI RICARDO) - Resignada louca, fácil de persuadir. Mulher superficial e inconstante.

EPÍLOGO –

Para finalizar, nada melhor do que ouvir o discurso socialista de RICHMOND – (ATO V CENA III)

RICHMOND - Eu teria muito mais para dizer pessoas amadas de minha terra, mas a prontidão e a necessidade do momento, me impedem de demorar.

Lembrem-se disso: Os céus e a justiça estão ao nosso lado nessa batalha.

As orações de pessoas santas e de almas injustiçadas, marcham na nossa frente como uma imensa muralha de proteção.

Com exceção do tirano, nossos oponentes, contra quem lutamos preferem nos ver vencedoras contra o seu próprio líder.

Afinal, quem é esse líder? Na verdade, pessoal, é um tirano sanguinário, um homicida;

Um que se ergueu com sangue e se firmou também com sangue.

Um que não poupou meios para alcançar o que tem; e mata aqueles que utilizou como meios para seu objetivo.

Uma pedra imunda e sem valor transformada em preciosa só porque foi cravada na Coroa da Inglaterra.

Aquele que sempre foi inimigo dos Deuses, que por justiça nos protegerão porque somos seus aliados.

Se suarem para derrotar um tirano, dormirão em paz, pois o tirano está morto.

Se lutarem contra os inimigos de nossa terra, a nossa própria terra saberá recompensar com suas riquezas.

Se as pessoas lutarem pela segurança de nossos amores, nossos amores nos receberão em nossas casas como vencedoras.

Se libertarem seus filhos e filhas da guerra, saberão recompensar vocês na velhice.

Então, em nome dos Deuses e de todos os benefícios que vocês têm direito, vamos avançar nosso estandarte, empunhem suas espadas com convicção.

Para mim, posso vir a pagar por essa minha ousadia, com meu cadáver gelado na face fria da terra.

Mas se eu vencer, os ganhos dessa campanha serão repartidos com todas as pessoas e com cada um de vocês.

Toquem os tambores, e os clarins com coragem e alegria!

ENTRA A MÚSICA É HOJE. Samba enredo composto por Didi e Mestrinho enredo da União da Ilha do Governador em 1982. Na versão de Caetano Veloso. (NESSA VERSÃO ENCONTRADA NO YOUTUBE).

<https://www.youtube.com/watch?v=d4d4QKJhohw>

A minha alegria atravessou o mar..
E ancorou na passarela
Fez um desembarque fascinante
No maior show da terra
Será que eu serei o dono dessa festa?
Um rei
No meio de uma gente tão modesta
Eu vim descendo a serra
Cheio de euforia para desfilar
O mundo inteiro espera
Hoje é dia do riso chorar
Levei o meu samba pra mãe de santo rezar
Contra o mal olhado eu carregou meu patuá
Eu levei
Levei o meu samba pra mãe de santo rezar
Contra o mal olhado eu carregou meu patuá
Acredito
Acredito ser o mais valente nessa luta do rochedo com mar
E como o mar
É hoje o dia da alegria
E a tristeza nem pode pensar em chegar
Diga, espelho meu
Diga, espelho meu
Se há na avenida alguém mais feliz que eu
Diga, espelho meu
Se há na avenida alguém mais feliz que eu.

REFLEXÕES FINAIS

Eu, que sou uma comediante, uma atriz popular cria do Tá na Rua e que acredita no Circo etéreo e na sua função (“o ser humano é capaz de ir ao encontro da sua própria luz e este é o seu destino natural”) quero começar minhas reflexões finais agradecendo a oportunidade de realizar essa pesquisa em uma Universidade Federal. Estudar é um direito de todas nós, cidadãs brasileiras, mesmo com a dificuldade diária de trabalhar, ensaiar, produzir, estar em sala de aula, cuidar da casa, ter uma dupla jornada, educar os filhos e viver a vida. É uma mão no TCC e a outra na vassoura.

Acredito que saio dessa experiência com a sensação de que a minha palavra pode ser validada. Meu pensamento poderá ser lido. Meu olhar sobre a vida poderá ser percebido. Passar por essa vivência me engrandece e me faz ter mais certeza ainda da importância da educação pública e de qualidade para todas e todas e como ela impacta não apenas a cada indivíduo como também às coletividades nas quais estão inseridos. Ao avaliar a minha trajetória, percebo que ela também envolve a trajetória de meus amigos, de colegas de geração e de grandes atores com os quais tive a sorte de conviver. Ao registrar meu trabalho, registro uma geração. Atores são seres sociais, vivemos em bando.

Quase desisti⁵⁰. Achei que essa tarefa não era para mim, que eu não iria conseguir nunca terminá-la. Me senti como a menina de 4 anos que pegou um livro cheio de letras e teve uma única certeza naquele momento: “nunca, em toda a minha vida, eu vou aprender a ler”. Essa menina pode não ter uma estima muito alta, mas conseguiu equilibrar-se com persistência. Assim consegui tirar o Ricardo III de dentro de mim e colocá-lo na praça pública para ser devorado. Vitória! Assim como eu consegui, outras pessoas também poderão fazê-lo, e terão suas vidas transformadas também.

Iniciei esse processo pretendendo lançar um livro com uma adaptação a partir do estudo de algumas traduções do texto de Shakespeare. Até que encontrei a série *No fear Shakespeare*, que facilitou muito o desenvolvimento da pesquisa, já que esta é construída em inglês coloquial, com uma tradução que, embora tradução leve e adequada aos tempos atuais, mantém as belas poesias do bardo. Acrescentei à minha adaptação referências populares brasileiras contemporâneas, que acredito, acrescentam dados importantes às reflexões do texto sobre abuso de poder, autoritarismo e a perversidade humana.

Em todo esse caminho, meu foco deteve-se de modo especial sobre as pequenas personagens, já que, muitas vezes, minha trajetória como atriz me fez ocupar esses espaços, ensinando-me como elas são importantes para contar uma história. Protagonistas e estrelas não vivem sozinhas, e, apesar do nosso tempo ser sobrecarregado de monólogos, o teatro é uma arte coletiva. Aprendi com Bibi Ferreira que “não existe pequeno personagem, existe péssimo

⁵⁰ Quero agradecer à minha orientadora Profa Dra Angela de Castro Reis, a quem eu chamo carinhosamente de Gigi. Pois Gigi foi fundamental para organizar o inorganizável. Para que eu conseguisse colocar em palavras e de forma acadêmica o que venho realizando há anos como atriz e professora de teatro, podendo perceber que além de seguir meus Mestres Amir Haddad e Camilla Amado eu desenvolvi uma linguagem pessoal. Um jeito só meu de ver e pesquisar o grande bardo inglês – que com a mesma intimidade eu o chamo de nosso colega Will. A hierarquia no teatro é fluida mas a parceria é fundamental! Atravessar esse deserto árduo de inseguranças e medos, dificuldade em escrever, formatar e estruturar pensamentos lógicos foi *punk*. Gigi foi o farol que permitiu que eu navegasse com liberdade sem me perder em devaneios delirantes – que é o meu barato. Onde sou mais eu. *Doida de tacar pedra*. Orgulhosamente.

ator” e um bom coadjuvante, um bom *escada*⁵¹ tem seu momento dentro da encenação. Do mesmo modo, as personagens “menores” da trama acabam colaborando com a ascensão do tirano ao poder através da sua omissão, do silenciamento.

Estudar *Ricardo III* foi muito educativo para mim e é essa possibilidade que quero expandir para outros estudantes e artistas. Também enxerguei novos caminhos para sobreviver com a minha arte, seja transformando esse material em uma peça (mais um monólogo?), seja construindo uma aula-espetáculo que poderei levar às escolas cariocas, promovendo um diálogo intenso entre realidades diversas. Que barato levar as Rainhas Depostas para conversar com o público estudantil! O que esse público terá a dizer? Quantas camadas de percepção serão alcançadas a partir dessa troca? Afinal, como nos explicou o carcereiro do texto de Shakespeare, “o que nos difere de Ricardo é apenas seu cargo”. A alma humana nos une.

Falo sempre para minhas amigas-alunas: “Somos talvez a primeira geração de mulheres livres” – e o que vamos fazer com a nossa liberdade? Acredito que podemos criar uma nova era de Humanismo, na qual a diversidade seja apoiada na sua plenitude. Somos todas as mães do mundo. Podemos aprender com Lady Ana: quando o sentimento sufoca a razão, podemos perder a lucidez e não sobreviver. Margareth representa o Dioniso sombrio. Nos mostra o mito de Hécuba, que tudo dá e tudo tira: prevê e amaldiçoa um futuro trágico, vive nas sombras, amaldiçoada. A duquesa de York, a mãe do tirano, é o símbolo do desgosto. Rejeita a sua prole. E eu fico com a pergunta lançada por Leda Lessa em oficina sobre o tema: mas porque faz tanto frio quando ele finalmente morre? Por fim, temos Elizabeth, Rainha da Inglaterra. Não podemos esquecer e apagar da nossa história as Rainhas que ocuparam cargos importantes no governo de nações. Elizabeth nos ensina a sobreviver, a pensar, a usar a inteligência, a pedir ajuda a outras mulheres, a abandonar o passado e seguir. A construir o futuro, apesar da dor.

Assim, apesar dos séculos que nos separam de William Shakespeare, seus textos trazem reflexões e estímulos fundamentais na contemporaneidade para qualquer público, de qualquer faixa etária. Com o trabalho a partir de *Ricardo III*, procurei enfatizar como todos e todas têm o direito de pensar sobre o mundo de hoje e o mundo que desejam no futuro.

⁵¹ Termo popular no Brasil, que nomeia o ator que auxilia o seu parceiro a atingir um sentido inesperado na cena. Visto como “sem graça”, o “escada” é um elemento fundamental em esquetes humorísticos para a produção do riso.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AQUINO, Rubim Santos Leão. *História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais*. 18a Edição atualizada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988.
- BATISTA, Tathiane Mattos. *Grupo Tá na rua – do caos ao método*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: 2015. Instituto Politécnico de Lisboa. Escola Superior de Teatro e Cinema.
- BLOOM, Harold. *A invenção do humano*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 1998.
- BORGES, Antonio Pedro. *To play or not to play: o trabalho teatral do CETE*. Rio de Janeiro: Top Books, 2008.
- CAMPOS, Haroldo. *Breve antologia de Bertold Brecht*. São Paulo: Editora Elo, 1982.
- GASPARANI, Gustavo, MENDES, Claudio. *Amir de todos os teatros*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2022.
- GHIRARDI, José Garcez. *Shakespeare, o essencial em sete peças*. Vídeo-aula veiculado pelo CANAL CASA DO SABER. Fevereiro: 2023.
- GOMES, Alexandre Oliveira. *Ricardo III, um homem de seu tempo*. Rio de Janeiro: Ed. Giostri, 2023.
- HELIODORA, Barbara. *A expressão dramática do homem político em Shakespeare*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1978.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.
- MAQUIAVEL. *O príncipe*. São Paulo: Editora Montecristo, 2012. Versão digital.
- MEDEIROS, Fernanda, LEÃO, Liana de Camargo (orgs). *O que você precisa saber sobre Shakespeare antes que o mundo acabe*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2021.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. 2ª. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PORDEUS, Vitor. *Colonização mental brasileira*. Artigo publicado no site Medium. Nov, 2022. Disponível em: <<https://vitorpordeus.medium.com/coloniza%C3%A7%C3%A3o-mental-brasileira-e90637f756ca>> Acesso em: 27 maio 2024.
- PORDEUS, Vitor. *Dionisos sombrio: o assassino das massas*. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C7fX6nFJeWz/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==> Acesso em: 27 maio 2024.
- REALE JUNIOR, Miguel. *Ele, Shakespeare vistos por nós, advogados*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2017.
- SAYÃO, Wilson. *Uma casa brasileira com certeza*. Texto teatral digitado utilizado nas aulas do Studio A.

SHAKESPEARE, William. Edited by John Crowter. *No fear Shakespeare – Richard III: The play plus a translation anyone can understand*. New York: Spark Publishing, 2004.

SHAKESPEARE, William. *Ricardo III*. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SHAKESPEARE, William. *Ricardo III*. Tradução de Beatriz Viegas. Porto Alegre: L&PM Editores Pocket, 2014.

SHAKESPEARE, William. *Ricardo III*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2017.

SILVA, Noeli Turle. *Tradição e contemporaneidade: uma abordagem etnográfica sobre a preparação do ator no Grupo Tá na rua*. *Cadernos Virtuais De Pesquisa Em Artes Cênicas*, (1). Recuperado de <https://seer.unirio.br/pesqcenicas/article/view/187>

SILVEIRA, José Renato Ferraz. *A tragédia política em Ricardo III*. Santa Maria: Azougue Editorial, 2012.

SOSA, Derocina Alves Campos. *Os ensinamentos de História e os conceitos: encaminhando discussões sobre alteridade e identidade étnicas e na sala de aula*. Rio Grande do Sul: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2367>

SUASSUNA, Ariano. *A história do amor de Romeu e Julieta*. Recife: Editora Bagaço, 1994

TURLE, Licko, TRINDADE, Jussara. *Tá na rua: teatro sem arquitetura, dramaturgia sem literatura e ator sem papel*. Rio de Janeiro: Instituto Tá na Rua para Artes, Educação e Cidadania. 2008.

VIEIRA, Padre Antônio. SERMÕES TOMO X. Lisboa: Editora JMC Seabra e TQ Antunes, 1856.

ZEFIRELLI, Franco. ROMEO AND JULIET. Longa-metragem dirigido por Franco Zefirelli em 1968.

APÊNDICE 1 - ESCALETA

Sinopse muito particular feita para que eu pudesse localizar rapidamente a a sequência da história e a ordem das cenas.

ATO 1

CENA 1 – Sozinho em cena, R III desvenda seus pensamentos para o público; ele vai até Clarence, que está preso na Torre de Londres e acusa a Rainha Elizabeth de manipular o Rei. O Conselheiro Mor, que estava preso por desavenças com a família da Rainha, é libertado.

CENA 2 – Funeral de Henrique VI. Lady Ana de luto. RIII se aproxima e a corteja. Ela cede e aceita a aliança dele.

CENA 3 – Rainha Elizabeth e sua Corte lamentam a saúde do Rei e o fato de que RIII será o tutor - Lorde Protetor - dos herdeiros. Rei Eduardo pretende promover a paz entre os nobres da sua Corte. RIII se mostra magoado e ressentido, desprestigiado depois de tantas lutas pelo Rei. Rainha Margareth pragueja nas sombras. RIII revela para o público sua tática de intriga sociais. Chegam os dois assassinos. RIII fala com eles sobre Clarence.

CENA 4 – Clarence prevê em sonhos sua morte. Os dois assassinos entram na prisão e o matam. Um dos assassinos tem uma crise de consciência.

ATO 2

CENA 1 – Rei Eduardo celebra a paz entre os Lordes, a Rainha e RIII, que nos traz a notícia da morte de Clarence, gerando uma enorme culpa no Rei. Conde Derby pede clemência para um escravo. Cheio de remorsos, o Rei se retira.

CENA 2 – Duquesa de York com os dois filhos de Clarence, que perguntam sobre o pai morto. Duquesa diz que RIII é um dissimulado e alerta seus netos para que fiquem atentos. Rainha Elizabeth entra em cena transtornada anunciando a morte do Rei. O primo da Rainha pede a presença do Príncipe herdeiro que está em outra cidade. RIII e seu primo Buck querem tirar os parentes da Rainha do poder.

CENA 3 – Cidadãos comuns comentam a morte do Rei, que para eles é o anúncio de dias de difíceis.

CENA 4 – Arcebispo dá o selo real da Inglaterra para a Rainha Elizabeth, que parte em exílio para a Abadia com o filho menor.

ATO 3

CENA 1 – O Príncipe herdeiro chega a Londres. RIII pede a presença do pequeno Duque de York e comenta que os pequenos são “espertos demais”. RII conspira com o primo Buck e o Criado do Ricardo, Catesby, é promovido. RIII oferece devolver as terras do primo.

CENA 2 – Mensageiro do Lorde Stanley bate à porta do Conselheiro Mor com um aviso para que fique atento aos novos rumos do poder. O criado de Ricardo sonda o que pensa o Conselheiro Mor sobre as intenções de RIII . Outro mensageiro entra em cena e o conduz até o Conselho Real, onde uma armadilha contra ele já está armada.

CENA 3 – Parentes da Rainha são condenados à morte.

CENA 4 – Conselho Real combina a coroação. O primo Buck e Ricardo conversam à parte sobre a deslealdade do Conselheiro Mor e RIII cria uma situação na qual pedem a cabeça dele.

CENA 5 – RIII e seu primo Buck vestem armaduras estragadas e fingem uma cena do crime para o Prefeito da Cidade.

CENA 6 – Escrivão questiona a Justiça.

CENA 7 – RIII e seu primo Buck tramam a ascensão ao poder. Combinam a anulação do casamento real para impedir que os herdeiros sejam desconsiderados e que RIII seja a boa opção para ocupar o trono. Montam uma cena para o povo assistir: “Faz teu sim, que eu faço o meu não”.

ATO 4

CENA 1 – As Rainhas Depostas (Duquesa de York, Lady Ana e Elizabeth) se encontram na porta da Torre de Londres para visitar os pequenos que lá se encontram presos e são impedidas de entrar. Anúncio da coroação de Lady Ana como Rainha, já casada com RIII. O filho mais velho de Elizabeth, Dorset, foge para se encontrar com Richmond (o futuro Henrique VII, primeiro da Dinastia Tudor).

CENA 2 – Coroação de RIII. Conversa com o Primo Buck sobre a intenção de matar as crianças. Tyrell, o assassino, aparece. O primo Buck não quer participar do infanticídio e se afasta de RIII, reclama sua recompensa e é negado.

CENA 3 – Tyrrel narra detalhadamente o assassinato das crianças para RIII. Anúncio da morte de Lady Ana. Mensageiro avisa os passos do inimigo Richmond e as suas alianças. RIII se prepara para a guerra.

CENA 4 – As três Rainhas Depostas (Margareth, Duquesa de York e Elizabeth) choram os Príncipes mortos, lamentando suas perdas. RIII parte para a guerra. A Duquesa de York, sua mãe, o amaldiçoa. RIII propõe a Elizabeth o casamento entre ele e a sua filha de mesmo nome. Mensageiros trazem notícias da guerra.

CENA 5 – Conde de Derby e o mensageiro do nosso herói Cauã Richmond. Manda uma carta na qual avisa que a Rainha consente no acordo de casamento de sua filha. Também diz que seu filho George foi sequestrado pela guarda de RIII – o que o impede de lutar ao lado dele.

ATO 5

CENA 1 – Execução do Primo Buck.

CENA 2 – Cauã Richmond e seus cavaleiros armados para a guerra lêem a Carta de Lorde Stanley. A luta vai começar.

CENA 3 – RIII monta seu acampamento no palco, seu rival monta o acampamento no lado oposto do palco. Ambos explicam o esquema tático da luta. RIII bebe. Stanley se encontra com Richmond para o abençoar.

Os fantasmas do Rei Eduardo, Rei Henrique, Clarence, da família da Rainha (Rivers, Grey e Vaughan), o Camareiro Mor Hastings, os dois jovens Príncipes, Lady Ana, Primo Buck assombram RIII e encorajam os sonhos de Cauã Richmond. RIII acorda sobressaltado com receio da lealdade dos seus soldados enquanto o nosso herói acorda cheio de esperanças e incentiva seu exército na luta. RIII também discursa para a sua tropa.

CENA 4 – Dois soldados de RIII (Catesby, criado de Ricardo e Norfolk) comentam que este está ensandecido na luta. “Meu Reino por um cavalo”.

CENA 5 – RIII e Richmond lutam. RIII é morto e levam seu corpo. Derby traz a Coroa Real. Discurso de paz de Richmond. Final da peça.

APÊNDICE 2 – LISTA NOMES ADAPTADOS DAS PERSONAGENS

Personagens da peça – nomes usados na adaptação.

- 1) RICARDO III, Duque de Gloucester – Ricardo
- 2) BUCKINGHAM – Primo Buck
- 3) RATCLIFF - aliado de Ricardo. Rétclif
- 4) LOVELL - aliado de Ricardo. Love
- 5) SURREY – aliado de Ricardo. Sourei.
- 6) NORFOLK - aliado de Ricardo. É nois.
- 7) CATESBY – aliado de Ricardo. Criado de Ricardo.
- 8) CLARENCE –
- 9) ELIZABETH –
- 10) PRINCIPE DE GALES – Filho de Elizabeth. Infante herdeiro do Trono
- 11) PRINCIPE DE YORK – Infante. Segundo na Linha sucessória.
- 12) DORSET – O filho mais velho de Elizabeth.
- 13) RIVERS - Primo da Rainha.
- 14) HASTINGS – O Conselheiro Mor.
- 15) HASTINGS – Mensageiro de mesmo nome
- 16) LORDE GREY – O primo da Rainha.
- 17) VAUGHAN – O novo rico, família da Rainha.
- 18) EDUARDO IV –
- 19) DUQUESA DE YORK –
- 20) MENINO - filho de Clarence
- 21) MENINA - filha de Clarence
- 22) LADY ANA – Filha do General.
- 23) TRESSEL – Guarda de Ana
- 24) BERKELEY – Guarda de Ana
- 25) HENRIQUE VI –
- 26) PRÍNCIPE EDUARDO –
- 27) MARGARETH –
- 28) STANLEY, Conde Derby – Conde do Copo Stanley.
- 29) RICHMOND – Cauã Richmond
- 30) OXFORD – Cavalheiro leal a Richmond
- 31) HERBERT – Luta ao lado de Richmond
- 32) BLUNT – Luta ao lado de Richmond
- 33) BRAKENBURY – Carcereiro - Trabalha na Torre de Londres, Tenente.
- 34) JAMES TYRREL – Assassino dos Príncipes
- 35) ESCRIVÃO – Questiona a condenação de Hastings
- 36) ARCEBISPO CANTUÁRIA – Apoia Elizabeth.
- 37) PREFEITO DA CIDADE – Aliado de Ricardo
- 38) PRIMEIRO ASSASSINO – Experiente. Mata Clarence no cárcere
- 39) SEGUNDO ASSASSINO – Tem crise de consciência e foge.
- 40) GUARDA DE CLARENCE – Ouve seu presságio de morte
- 41) PRIMEIRO CIDADÃO – Comenta sobre a morte do Rei

- 42) SEGUNDO CIDADÃO - Comenta sobre a morte do Rei
- 43) TERCEIRO CIDADÃO - Comenta sobre a morte do Rei
- 44) MENSAGEIRO – Anuncia a prisão dos familiares da Rainha
- 45) CARDEAL BOURCHIER – Cardeal. Aliado de Ricardo
- 46) MENSAGEIRO DE LORDE STANLEY
- 47) BISPO DE ELY – Aliado de Ricardo, Conselheiro Real.
- 48) MENSAGEIRO – Possui notícias da guerra
- 49) SEGUNDO MENSAGEIRO - Possui notícias da guerra
- 50) TERCEIRO MENSAGEIRO - Possui notícias da guerra
- 51) QUARTO MENSAGEIRO - Possui notícias da guerra
- 52) SIR CHRISTOPHER URSWICK – Amigo de Copo do Stanley. Aliado de Conde Derby
- 53) XERIFE – Executa a prisão de Buckingham.